

GEORGE
R.R. MARTIN
SONHO FEBRIL

Tradução de Ana Mendes Lopes



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
Para quem quer fugir da rotina



PARA HOWARD WALDROP,

*um autor fabuloso, um amigo fabuloso,
e um sonhador fervoroso, como nunca conheci outro.*



*St. Louis,
Abril de 1857*

CAPÍTULO UM

Abner Marsh bateu decididamente com o punho da sua bengala de vime no balcão da secretária da recepção do hotel, para chamar a atenção do funcionário de serviço.

— Venho falar com um homem chamado York — disse. — Josh York, julgo que é como se chama. Tem cá hospedado um homem com esse nome?

O funcionário era um homem idoso de óculos. Ao ouvir o som da batida, deu um salto; depois, virou-se para olhar para Marsh e sorriu.

— Ora se não é o Capitão Marsh — cumprimentou amigavelmente. — Há meio ano que não o vejo, Capitão. Mas já ouvi falar do seu desafortunado percalço. Terrível, absolutamente terrível. Desde 36 que aqui vivo e nunca ouvi falar de uma acumulação de gelo como aquela!

— Deixe lá isso agora — disse Abner Marsh irritado.

Já estava à espera que aquele tipo de comentários surgisse. A Casa da Plantação era um ponto de encontro bastante popular entre os homens que trabalhavam nos barcos a vapor. O próprio Marsh jantara lá antes do cruel Inverno que se abatera sobre eles. Mas desde a acumulação de gelo que procurara afastar-se do local e não apenas devido à subida de preços. Por muito que gostasse da comida da Casa da Plantação, as pessoas que tinha por companhia não lhe agradavam de sobremaneira: marinheiros, capitães e ajudantes, todos os tipos de homens do rio, velhos amigos e velhos rivais, todos conhecedores do azar que tivera. Abner Marsh não era homem de aceitar a piedade dos outros.

— Basta dizer-me onde é o quarto do York — disse peremptoriamente ao funcionário do hotel.

O homem acenou com a cabeça com nervosismo.

— O Senhor York não vai estar no quarto, Capitão. Neste momento, pode encontrá-lo na sala de jantar, a comer.

— Agora? A *esta* hora? — Marsh olhou para o relógio ornamentado do hotel, depois desabotoou os botões de cobre do colete e tirou o seu próprio relógio de bolso de ouro. — Meia-noite e dez — disse, incrédulo. — Disse que ele está a *comer*?

— Sim senhor, é isso mesmo que ele está a fazer. Ele faz os seus próprios horários, o Senhor York, e não é o tipo de pessoa a quem se possa dizer que não, Capitão.

Abner Marsh fez um ruído gutural e pouco delicado, guardou o relógio no bolso e virou costas sem dizer uma palavra, atravessando o átrio ricamente mobilado com longos e pesados passos. Era um homem corpulento, não muito paciente e não estava habituado a reuniões de negócios à meia-noite. Levava a sua bengala com toda a elegância, como se nunca tivesse sofrido o revés de fortuna que sofreu e fosse ainda o homem que sempre tinha sido.

A sala de jantar era quase tão grande e opulenta como o salão principal de um grande barco a vapor, com lustres de cristal, incrustações de bronze e mesas cobertas com toalhas de linho branco e as melhores porcelanas chinesas e copos de cristal. Durante as horas normais de refeição, a sala teria estado cheia de viajantes e homens do rio, mas naquele momento estava vazia com as luzes apagadas. Talvez as reuniões à meia-noite não fossem assim tão más, teve de admitir Marsh; pelo menos assim não sofria os constrangimentos de se cruzar com as pessoas. Junto à porta da cozinha, dois empregados negros estavam a conversar baixinho. Marsh ignorou-os e dirigiu-se à outra extremidade da sala, onde um desconhecido muito bem vestido estava a jantar sozinho.

O homem deve tê-lo ouvido a aproximar-se, mas não se deu ao trabalho de levantar os olhos. Estava ocupado a comer uma espécie de sopa de tartaruga de uma taça de porcelana. O corte do seu casaco preto comprido tornava bastante evidente que não se tratava de um homem do rio: devia ser do Leste, ou talvez até um forasteiro. Era um homem grande, observou Marsh, embora não fosse tão grande quanto ele; sentado, dava a impressão de ser bastante alto, mas não tinha a largura de Marsh. Inicialmente, Marsh achou que devia tratar-se de um homem velho, porque o seu cabelo era todo branco. No entanto, quando se aproximou, verificou que o cabelo não era de todo branco, mas sim de um louro muito pálido, e, subitamente, o estranho assumiu um aspecto quase juvenil. York tinha a barba feita, sem bigode nem longas patilhas no rosto longo e fresco e a sua pele era tão clara quanto o cabelo. As mãos assemelha-

vam-se às de uma mulher, pensou Marsh quando chegou junto da mesa e aguardou, de pé.

Bateu na mesa com a bengala. O tecido da toalha abafou o som e transformou-o numa chamada de atenção suave.

— O senhor é Josh York? — Perguntou.

York levantou os olhos e os olhares de ambos cruzaram-se.

Abner Marsh recordou-se daquele preciso instante até ao fim dos seus dias, o momento em que viu pela primeira vez os olhos de Joshua York. Todos os pensamentos que tivera, todos os planos que fizera, foram sugados pelo turbilhão que eram os olhos de York. Novo ou velho, local ou forasteiro, todas as características desapareceram e ficou apenas York, o homem, o poder que dele emanava, o sonho, a intensidade.

Os olhos de York eram cinzentos, espantosamente escuros num rosto tão níveo. As pupilas eram pequenos pontos do preto mais negro e penetraram nas profundezas de Marsh, avaliando a sua alma. O cinzento que as rodeava parecia vivo, movimentado, como o nevoeiro de rio numa noite escura, quando as margens desapareciam, as luzes se extinguíam e não existia mais nada no mundo a não ser o barco, o rio e o nevoeiro. Naquela névoa, Abner Marsh viu muitas coisas; as visões passaram velozmente por ele para desaparecerem logo de seguida. Havia uma inteligência acutilante a espreitar por entre a névoa. Mas também havia nela uma bestialidade negra e assustadora, comprimida e zangada, que se irava contra o nevoeiro. Riso, solidão e paixão cruel; York tinha tudo isto no olhar.

Mas o que mais se destacava nos olhos de York era a força, uma força terrível, uma pujança tão implacável e impiedosa como a do gelo que esmagara os sonhos de Marsh. Algures por entre o nevoeiro, Marsh conseguia ver que o gelo se movimentava muito, muito lentamente e conseguia também ouvir o terrível estalar dos seus barcos e dos seus sonhos.

Abner Marsh já tinha dominado muitos homens com um simples olhar, por isso aguentou o seu durante o tempo que foi capaz, com a mão a segurar a bengala com tanta força que receou vir a parti-la em duas. No entanto, acabou por o desviar.

O homem que estava sentado à mesa afastou a sopa, gesticulou e disse:

— Capitão Marsh. Estava à sua espera. Por favor, junte-se a mim. — A sua voz era suave, educada e natural.

— Certamente — respondeu Marsh, com igual suavidade.

Puxou a cadeira que ficava em frente a York e sentou-se. Marsh era um homem enorme, tinha um metro e oitenta e pesava quase cento e cinquenta quilos. Tinha o rosto corado e uma barba preta que usava para disfarçar o nariz pouco pronunciado e as verrugas que tinha, mas nem os bigodes ajudavam grande coisa; dizia-se que Abner Marsh era um dos homens mais

feios do rio e ele sabia. Com o casaco azul-escuro de fileira dupla de botões de bronze, a sua figura era feroz e imponente. Mas os olhos de York tinham-no despojado de toda a sua jactância. Marsh decidiu que o homem só podia ser um fanático. Ele já tinha visto olhos como aqueles antes, em homens loucos, em pregadores descontrolados e uma vez no rosto de um homem chamado John Brown, no Estado do Kansas. Marsh não queria negócios com fanáticos, com pregadores, com abolicionistas nem com gente abstémia.

Mas quando York falou, não se pareceu com um fanático.

— O meu nome é Joshua Anton York, Capitão Marsh. J.A. York nos negócios, Joshua para os meus amigos. Com o tempo, espero que possamos ser as duas coisas, parceiros de negócios e amigos. — O seu tom de voz era cordial e razoável.

— Pois, isso é o que vamos ver — disse Marsh, com insegurança.

Os olhos cinzentos que tinha à frente pareciam-lhe um tanto ausentes e vagamente divertidos; o que quer que tinha visto neles antes desaparecera de vez. Sentiu-se confuso.

— Julgo que recebeu a minha carta?

— Tenho-a aqui comigo — respondeu Marsh, tirando o envelope dobrado do bolso do casaco. Quando a oferta chegara às suas mãos, parecera-lhe um golpe de sorte impossível, a salvação para tudo o que julgara perdido. Agora já não estava tão certo. — Quer entrar para o negócio dos barcos a vapor, é? — Perguntou, inclinando-se um pouco para a frente.

Apareceu um empregado.

— O senhor vai jantar com o Senhor York, Capitão?

— Por favor, acompanhe-me — incitou York.

— Posso jantar, sim — disse Marsh. Até podia haver alguém que o fizesse desviar o olhar, mas não havia ao longo de todo o rio um homem capaz de comer mais do que ele. — Vou comer uma sopa destas também, uma dúzia de ostras, dois frangos assados com batatas e os restantes acompanhamentos. Bem assados e estaladiços, por favor. E qualquer coisa para ajudar a empurrar a comida. O que está a beber, York?

— Burgundy.

— Ótimo, pode trazer-me uma garrafa.

York estava com uma expressão divertida.

— O senhor tem um apetite extraordinário, Capitão.

— Esta é uma cidade extra-ordi-ná-ria — disse Marsh cuidadosamente, — e um rio extra-ordi-ná-rio, Senhor York. Um homem tem de manter as suas reservas de força. Isto aqui não é Nova Iorque ou Londres.

— Estou bem ciente disso — disse York.

— Espero bem que sim, se vai entrar no negócio dos barcos a vapor. É o negócio mais extra-ordi-ná-rio do mundo.

— Vamos então passar directamente aos nossos negócios? O senhor é proprietário de uma companhia de barcos a vapor. O meu desejo é comprar metade da companhia. E uma vez que está aqui, presumo que esteja interessado na oferta que lhe fiz.

— Estou consideravelmente interessado — concordou Marsh — e também consideravelmente confuso. O senhor parece-me ser um homem inteligente. Presumo que antes de me escrever esta carta, tenha ido procurar informações sobre mim. — Bateu na carta com um dedo enquanto falava. — O senhor deve saber que este último Inverno me deixou praticamente na ruína.

York não respondeu, mas algo no seu rosto impeliu Marsh a continuar a falar.

— A Companhia de Barcos a Vapor do Rio Fevre sou eu — continuou Marsh. — Chama-se assim em homenagem ao local onde nasci, no norte do rio Fevre, perto de Galena e não porque só trabalhei nesse rio, o que até nem é verdade. Tinha seis barcos a trabalhar no norte do Mississípi, de St. Louis a St. Paul, com algumas viagens pelo Fevre, pelo Illinois e pelo Missouri. A vida estava a correr-me bem, conseguia acrescentar um ou dois barcos novos a cada ano que passava, e estava a pensar em dedicar-me também ao Ohio ou talvez a Nova Orleães. Mas em Julho passado, a caldeira do meu *Mary Clarke* explodiu e o barco ardeu, ali para os lados de Dubuque, foi a arder até à margem e morreram nele cem pessoas. E neste Inverno, este Inverno foi terrível. . . Tinha quatro dos meus barcos a passar o Inverno em St. Louis. O *Nicholas Perrot*, o *Dunleith*, o *Sweet Fevre* e o *Elizabeth A.*, este último era novinho em folha, só tinha quatro meses de serviço; era um barco lindo, com quase cem metros e doze caldeiras grandes, tão rápido como qualquer outro barco a vapor do rio. Tinha mesmo muito orgulho do meu belo *Liz*. Custou-me duzentos mil dólares, mas valia cada tostão. — A sopa chegou. Marsh comeu uma colherada e franziu o sobrolho. — Está muito quente. Bem, de qualquer maneira, St. Louis é um bom local para passar o Inverno. Por estas bandas não faz tanto frio, pelo menos não durante muito tempo. Mas este Inverno foi diferente. Ah, pois foi. Deu-se uma acumulação de gelo. O maldito do rio congelou *completamente*. — Marsh estendeu uma mão muito vermelha na mesa, com a palma para cima e fechou os dedos lentamente, formando um punho. — Basta colocar um ovo na minha mão e já vai ficar com uma ideia, York. O gelo é capaz de esmagar um barco a vapor com mais facilidade do que eu esmago um ovo cru. E quando descongela, é ainda pior, porque se formam correntes fortíssimas que descem o rio arrastando tudo atrás de si, desembarcadouros, represas e

principalmente barcos. Quando o Inverno acabou, tinha perdido os meus barcos todos, os quatro. O gelo arrancou-os de mim.

— Tinha seguros? — Perguntou York.

Marsh dedicou-se a comer a sopa, sorvendo-a ruidosamente. Por entre colheradas, foi abanando a cabeça.

— Eu não sou um homem de jogo, Senhor York. Nunca fiz seguros de nada. Porque tudo isto não é mais do que um jogo. Só que estamos a apostar contra nós mesmos. Todo o dinheiro que ganho invisto em barcos.

York acenou com a cabeça.

— Acredito que ainda possui um barco a vapor.

— É verdade — confirmou Marsh. Acabou de comer a sopa e fez sinal para que lhe trouxessem o prato seguinte. — O *Eli Reynolds*, um pequeno barco a vapor com roda à popa, de cento e cinquenta toneladas. Tenho usado o *Eli* no Illinois, porque ele não se arrasta muito e como passou o Inverno em Peoria, escapou ao pior do gelo. É essa a minha fortuna, senhor, é o único barco que me resta. O problema, Senhor York, é que o *Eli Reynolds* não vale grande coisa. Só me custou vinte e cinco mil dólares, novo, e já foi em 50.

— Há sete anos — disse York. — Não é muito tempo.

Marsh abanou a cabeça.

— Sete anos é bastante tempo para um barco a vapor. A maior parte deles não dura mais de quatro ou cinco. O rio acaba por os devorar aos poucos. O *Eli Reynolds* tem uma construção melhor do que a maior parte dos barcos, mas mesmo assim não lhe resta muito tempo.

Marsh olhou fixamente para as ostras, segurando-as ainda na concha e sorvendo-as de uma assentada, empurrando cada uma delas com um vigoroso gole de vinho.

— Por isso me sinto tão confuso, Senhor York — continuou, depois de a meia dúzia de ostras ter desaparecido. — O senhor quer comprar metade da minha companhia, que tem apenas um barco pequeno e velho. A sua carta falava num preço. Um preço demasiado alto. Talvez a Companhia de Barcos a Vapor do Rio Fevre valesse assim tanto quando eu tinha seis barcos. Mas não agora. — Engoliu outra ostra. — O senhor não vai conseguir reaver o seu investimento em dez anos, não com o *Reynolds*. Ele não aguenta carregamentos excessivos e passageiros também não.

Marsh limpou a boca ao guardanapo e olhou para o estranho que estava do outro lado da mesa. A comida parecia ter dado outro vigor a Marsh e agora estava a sentir-se novamente no seu estado habitual, estava no comando da situação. Os olhos de York eram intensos, é certo, mas não havia neles nada que amedrontasse Marsh.

— O senhor precisa do meu dinheiro, Capitão — disse York. — Por que motivo me está a dizer isto? Não tem receio que eu encontre outro parceiro?

— Eu não trabalho assim — respondeu Marsh. — Há trinta anos que trabalho no rio, York. Andei de jangada por Nova Orleães abaixo quando era miúdo e, antes de trabalhar nos barcos a vapor, trabalhei com barças e batéis. Já fui marinheiro, ajudante e arpoador, até já andei a limpar porões. Já fui tudo o que se pode ser neste ramo, mas há uma coisa que nunca fui, que é intrujão.

— É um homem honesto — disse York, com uma inflexão levíssima na voz que deixava Marsh indeciso sobre se estaria a falar em tom trocista ou não. — Fico satisfeito por ter considerado necessário contar-me o estado da sua companhia, Capitão. Mas eu já sabia da verdade. A minha oferta mantém-se.

— Porquê? — Perguntou Marsh bruscamente. — Só um louco deita dinheiro fora. E o senhor não me parece ser um louco.

A comida chegou antes que York tivesse tempo para responder. Os frangos de Marsh estavam assados maravilhosamente, mesmo no ponto em que ele gostava. Arrancou uma perna e começou a comer avidamente. York recebeu uma fatia grossa de carne assada, vermelha e muito mal passada, a nadar em sucos e sangue. Marsh viu-o atacar a carne com destreza e naturalidade. A faca escorregava por entre a carne como se esta fosse manteiga, sem hesitar para cortar ou serrar, como Marsh fazia tantas vezes. York manejava o garfo como um cavalheiro, mudando-o de mão quando pousava a faca. Força e graciosidade; York tinha ambas as características naquelas mãos longas e pálidas e Marsh admirava-o por isso. Questionou-se porque tinha pensado nelas como mãos de mulher. Eram alvas mas fortes, duras como as teclas brancas do piano de cauda que havia no salão principal do *Eclipse*.

— Então? — Insistiu Marsh. — Ainda não respondeu à minha pergunta. Joshua York hesitou por instantes. Até que disse:

— O senhor foi honesto comigo, Capitão Marsh. Não vou recompensar a sua honestidade com mentiras, como planeei inicialmente. Mas também não vou sobrecarregá-lo com a verdade. Há coisas que não lhe posso contar, coisas que o senhor não quer saber. Deixe-me expor-lhe o meu caso, as minhas condições e talvez consigamos chegar a acordo. Se não o conseguirmos fazer, separamo-nos amigavelmente.

Marsh atacou o peito do segundo frango.

— Continue — disse. — Eu não vou a lado nenhum.

York pousou o garfo e a faca e fez um campanário com os dedos.

— Por razões que só a mim dizem respeito, quero ser proprietário de

um barco a vapor. Quero percorrer toda a extensão deste grandioso rio, com conforto e privacidade, não como passageiro, mas como capitão. Tenho um sonho, um objectivo. Procuo amigos e aliados e tenho inimigos, muitos inimigos. Os detalhes não são nada que lhe interesse. Se me pressionar acerca deles, vou acabar por lhe mentir. Não me pressione. — Os seus olhos endureceram durante instantes e depois voltaram a suavizar-se, ao sorrir. — A única coisa que lhe interessa é conhecer o meu desejo de possuir e comandar um barco a vapor, Capitão. Como pode verificar, não sou nenhum homem do rio. Não sei nada sobre barcos a vapor, ou sobre o Mississipi, além do que li em alguns livros e do que aprendi nas semanas que passei em St. Louis. Obviamente, preciso de um sócio, alguém que conheça bem o rio e as gentes do rio, alguém que possa comandar as operações diárias do meu barco, deixando-me a mim livre para me dedicar aos meus próprios assuntos. Este sócio também deve ter outras qualidades. Deve ser discreto, pois não desejo que o meu comportamento, que por vezes pode parecer um tanto peculiar, admito, se torne motivo de falatório nas margens do rio. Deve também ser de confiança, já que planeio deixar toda a gestão dos recursos nas suas mãos. Tem de ser detentor de grande coragem. Não quero um homem fraco comigo, ou um homem supersticioso, nem tão-pouco um que seja excessivamente religioso. O senhor é um homem religioso, Capitão?

— Não — respondeu Marsh. — Nunca me interessei pelos beatos, nem eles por mim.

York sorriu.

— Pragmático. Quero um homem pragmático. Quero um homem que se concentre na sua parte do negócio e que não me faça muitas perguntas. Valorizo bastante a minha privacidade e se por vezes as minhas acções parecerem estranhas, arbitrárias ou caprichosas, não quero que sejam colocadas em causa. Entende estes requisitos?

Marsh puxou a sua barba, pensativo.

— E se lhe disser que sim?

— Seremos sócios — respondeu York. — Deixe os seus advogados ou ajudantes gerir a sua companhia. Viaje comigo pelo rio. Eu serei o capitão. O senhor pode intitular-se piloto, marinheiro, co-capitão, o que quiser. Deixo a verdadeira gestão do barco nas suas mãos. As minhas ordens vão ser pouco frequentes, mas quando as der, deve assegurar-se de que elas são cumpridas sem qualquer contestação. Tenho amigos que viajarão connosco, nos camarotes de passageiros, sem qualquer custo. Posso julgar adequado atribuir-lhes cargos no barco, com os deveres que considerar adequados. O senhor não discutirá estas decisões. Posso recolher outros amigos ao longo do rio e trazê-los a bordo. O senhor vai dar-lhes as boas-vindas. Se

conseguir aceitar estes termos, Capitão Marsh, vamos enriquecer juntos e viajar pelo seu rio com toda a naturalidade e luxo.

Abner Marsh deu uma gargalhada.

— Bem, o rio não é meu, Senhor York, e se julga que vamos viajar luxuosamente a bordo do velho *Eli Reynolds*, vai ficar terrivelmente desiludido quando subir a bordo. Aquele barco é uma banheira velha e trémula com acomodações bastante pobres e na maior parte das vezes está cheio de forasteiros que está de passagem a caminho de um ou outro porto improvável. Há dois anos que não viajo nele, quem o comanda por mim é o velho Capitão Yoerger, mas da última vez que lá entrei, o cheiro não era nada agradável. Se o senhor está à procura de luxo, devia tentar comprar o *Eclipse* ou o *John Simonds*.

Joshua York bebeu um pequeno gole de vinho e sorriu.

— Eu também não estava a pensar em viajar no *Eli Reynolds*, Capitão Marsh.

— Mas é o único barco que tenho.

York pousou o copo de vinho.

— Venha — disse, — vamos lá para cima. Podemos subir até ao meu quarto e continuar a discutir este assunto.

Marsh protestou debilmente — a Casa da Plantação tinha uma excelente carta de sobremesas e ele detestava a ideia de abdicar delas. Contudo, York insistiu.

O quarto de York era uma suite grande e bem mobilada, a melhor que o hotel oferecia e que normalmente estava reservada aos donos das plantações que vinham de Nova Orleães.

— Sente-se — disse York com um tom de comando, gesticulando em direcção a uma grande e confortável poltrona da sala de estar.

Marsh sentou-se enquanto o seu anfitrião se dirigiu a um quarto interior, para regressar, momentos depois, com uma pequena arca reforçada com ferro. Pousou-a na mesa de centro e começou a abrir a fechadura.

— Venha cá — disse, mas Marsh já se tinha levantado e estava atrás dele.

York abriu a tampa da arca para trás.

— É ouro — disse Marsh suavemente.

Estendeu a mão e tocou nas moedas, fazendo-as cair por entre os dedos, saboreando o toque suave do metal amarelo, o brilho e o barulho que produziam. Levou uma moeda à boca e trincou-a.

— É suficientemente verdadeiro — disse, cuspiendo logo de seguida.

Atirou a moeda de volta para a arca.

— São dez mil dólares em moedas de ouro de vinte dólares — disse York. — Tenho mais duas arcas iguais a esta e notas de crédito de bancos de

Londres, Filadélfia e Roma, todas com somas consideravelmente maiores que esta. Aceite a minha oferta, Capitão Marsh, e terá um segundo barco, muito maior que o *Eli Reynolds*. Ou talvez deva dizer que *nós* teremos um barco — acrescentou com um sorriso.

Abner Marsh tinha planeado recusar a oferta de York. Era verdade que precisava realmente do dinheiro, mas era um homem desconfiado, sem paciência para mistérios e York estava a pedir-lhe que depositasse demasiada confiança na fé. A oferta era boa de mais; Marsh tinha a certeza de que o perigo estava escondido algures e, se aceitasse a oferta, estaria a pôr-se a jeito para o acolher. Mas naquele momento, ao olhar para a cor da riqueza de York, Marsh sentia a sua determinação a enfraquecer.

— Um barco novo, diz o senhor? — Perguntou debilmente.

— Sim — respondeu York. — E o custo do barco não está incluído no valor que estou disposto a pagar pela metade da sua companhia.

— Quanto... — começou Marsh por dizer. Tinha os lábios secos. Humedeceu-os com nervosismo. — Quanto está disposto a gastar para construir esse dito barco, Senhor York?

— Quanto é que é preciso? — Perguntou York calmamente.

Marsh pegou numa mão-cheia de moedas de ouro e depois deixou-as cair de novo na arca, tilintando por entre os dedos. Pensou no brilho que tinham, mas disse apenas:

— O senhor não devia andar com tanto dinheiro atrás, York. Há por aí escumalha que o mataria por *uma única* moeda destas.

— Eu sou bem capaz de me proteger, Capitão — respondeu York.

Marsh viu a expressão dos seus olhos e sentiu frio. Sentiu pena do ladrão que tentasse roubar o ouro de Joshua York.

— Não quer vir dar um passeio comigo? Pelo cais?

— O senhor ainda não me deu a sua resposta, Capitão.

— Terá a sua resposta. Mas primeiro venha comigo. Há uma coisa que gostaria que visse.

— Muito bem — respondeu York.

York fechou a tampa da arca e o suave brilho amarelado desapareceu da sala, que subitamente se tornou fechada e sombria.

O ar nocturno estava fresco e húmido. As botas de ambos os homens ecoavam nas ruas escuras e desertas enquanto caminhavam. York caminhava com uma graciosidade ágil e Marsh com uma autoridade pesada. York usava um casaco solto cortado como se fosse uma capa e um chapéu alto de pele de castor que projectava longas sombras sob o luar. Marsh olhava fixamente para os becos escuros que se estendiam por entre os armazéns de tijolo desabrigados e tentava transmitir um aspecto de força bruta e decidida suficiente para afastar algum rufia que os observasse.

O cais estava cheio de barcos a vapor, pelo menos quarenta, amarrados a postes e ancoradouros. Mesmo àquela hora, o cais não estava completamente deserto. Grandes pilhas de carregamentos projectavam sombras negras contra a luz da Lua. York e Marsh passaram por grupos de estivadores que descansavam encostados a caixas e fardos de feno, passando uma garrafa entre todos ou fumando os seus cachimbos de barro. Nas janelas dos camarotes de mais de uma dúzia de barcos, as luzes ainda brilhavam. O barco do Missouri, o *Wyandotte* estava todo iluminado e a expelir vapor. Viram um homem empoleirado em cima do convés principal de um dos grandes barcos de roda lateral a olhar curiosamente para eles. Abner Marsh levou York para lá do homem, para lá da procissão de barcos escuros e silenciosos, com as chaminés recortadas contra as estrelas como se fossem uma fila de árvores escurecidas com estranhas flores no topo.

Até que parou finalmente em frente a um barco de roda lateral ornamentado, com a carga empilhada bem alta no convés principal, o camarote erguido a protegê-lo dos intrusos enquanto batia levemente contra o cais. Mesmo com a luz difusa da meia-lua, o esplendor do barco era evidente. Não havia em todo o porto outro barco tão grande e orgulhoso como aquele.

— Sim? — Perguntou Joshua York lenta e respeitosamente.

O assunto podia ter sido decidido ali mesmo, pensou Marsh mais tarde, só pelo respeito que transparecia na voz de York.

— Este é o *Eclipse* — disse Marsh. — Está a ver o nome dele ali na cobertura da roda? — Indicou o local com a bengala. — Consegue ler?

— Bastante bem. Tenho uma excelente visão nocturna. Então este é um barco especial?

— Se é, é muito especial. É o *Eclipse*. Não há homem nem rapaz neste rio que não o conheça. Agora já é velho, foi construído em 52, há cinco anos. Mas ainda é um barco grandioso. Custou trezentos e setenta e cinco mil dólares, pelo menos é o que dizem, e vale cada centimo. Nunca houve um barco maior, mais elegante e mais extraordinário que este que está à sua frente. Já o examinei, andei nele como passageiro. Por isso sei do que estou a falar. — Marsh apontou. — Tem cento e dez metros de comprimento por doze de largura e só o salão principal tem noventa metros de comprimento. Nunca se viu uma coisa como esta. Tem uma estátua dourada de Henry Clay numa das extremidades e uma de Andy Jackson na outra, os dois a olhar fixamente um para o outro durante o caminho todo. Tem mais cristal, prata e vitrais do que a Casa da Plantação alguma vez sonhou possuir; tem quadros a óleo, comida como não se come em mais lugar nenhum e espelhos... oh, os *espelhos*. E quando comparado com a velocidade que é capaz de atingir, isto não é nada. Por baixo do convés principal tem quinze calde-

ras. Têm um impulso de três metros e meio, e digo-lhe uma coisa, não há neste rio um barco que consiga competir com ele quando o Capitão Sturgeon o faz libertar vapor. Já fez trinta e três quilómetros contra a corrente em apenas uma hora, com toda a facilidade. Em 53, estabeleceu o recorde entre Nova Orleães e Louisville. Conheço o tempo de cor e salteado. Quatro dias, nove horas e trinta minutos e bateu o maldito *A.L. Shotwell* por cinquenta minutos, por muito rápido que o *Shotwell* seja. — Marsh virou-se para olhar para York. — Eu tinha esperanças que o meu *Lady Liz* pudesse um dia vencer o *Eclipse*, ganhar-lhe numa corrida, mas isso jamais poderia acontecer, sei-o agora. Eu estava apenas a enganar-me a mim mesmo. Não tinha dinheiro para construir um barco que pudesse fazer frente ao *Eclipse*. Dê-me esse dinheiro, Senhor York, e encontrou o seu sócio. É essa a minha resposta, senhor. Quer ser dono de metade da Companhia de Barcos a Vapor do Rio Fevre e ter um sócio que gere as coisas em silêncio e não lhe faz perguntas sobre os seus assuntos? Ótimo. Então dê-me o dinheiro para construir um barco a vapor como aquele.

Joshua York olhou fixamente para o grande barco, sereno e silencioso no meio da escuridão, flutuando suavemente na água, preparado para todos os desafios. Virou-se para Abner Marsh com um sorriso nos lábios e uma chama débil nos olhos escuros.

— Negócio fechado — foi tudo o que disse.

E estendeu a mão.

Marsh sorriu de um modo meio retorcido e desdentado. Envolveu a mão esguia e branca de York na sua mão carnuda e apertou-a.

— Então, negócio fechado — disse sonoramente, invocando toda a sua força massiva para aguentar, apertar e esmagar a mão do outro homem, como sempre fazia quando se tratava de negócios, para testar a vontade e coragem dos homens com que lidava.

Apertava até ver a dor espelhada nos seus olhos.

Mas os olhos de York estavam límpidos e a sua própria mão agarrava-se com uma força surpreendente à de Marsh. Apertava cada vez mais e os músculos por baixo da pele pálida enrolavam-se e estendiam-se como se fossem molas de ferro; Marsh engoliu em seco e tentou não gritar.

York libertou-lhe a mão.

— Vamos — disse, dando uma sólida palmada nos ombros de Marsh, fazendo-o cambalear um pouco. — Temos planos para traçar.

*Nova Orleães,
Maio de 1857*

CAPÍTULO DOIS

Sour Billy Tipton chegou à Leiloeira Francesa pouco depois das dez da manhã e ficou a observar os leilões de quatro barris de vinho, sete caixas de comidas secas e um carregamento de mobílias, antes de começarem a leiloar os escravos. Sour Billy ficou à espera, em silêncio, com os cotovelos apoiados no balcão de mármore que se estendia até meio do pavilhão, a bebericar um absinto enquanto observava os leiloeiros a apregoar as suas mercadorias em duas línguas. Sour Billy era um homem de pele escura, de aspecto cavernoso, com um rosto comprido e equino marcado pelas cicatrizes da varicela que tivera em miúdo e o cabelo fino, castanho e raro. Raramente sorria e os seus olhos eram de uma assustadora cor de gelo.

Aqueles olhos, frios e perigosos, eram a protecção de Sour Billy. A Leiloeira Francesa era um local grandioso, demasiado grandioso para o seu gosto e, na verdade, ele não gostava nem um pouco de lá ir. Situava-se no átrio principal do Hotel St. Louis, por baixo de uma enorme cúpula por onde a luz do dia entrava em cascatas, caindo sobre os artigos a leiloar e os licitadores. A cúpula tinha à vontade vinte e cinco metros de diâmetro. Pilares muito altos rodeavam a sala e uma galeria interior estendia-se a toda a volta; o tecto era elaborado e ornamentado, as paredes cobertas com velhas telas, o bar de mármore maciço, assim como o chão e as secretárias dos leiloeiros. Os frequentadores eram tão finos quanto a decoração; donos de plantações situadas pelo rio acima e jovens dândis crioulos da velha cidade. Sour Billy odiava crioulos, com as suas roupas elegantes, o porte arrogante e os olhos escuros e desdenhosos. Não gostava de se encontrar no meio deles. Tinham o temperamento volátil, ferviam em pouca água e

eram muito dados a quezílias; por vezes, os mais jovens ficavam ofendidos com Sour Billy, pelo modo como usava a sua linguagem e olhava para as mulheres; ficavam ofendidos com o seu porte americano vergonhoso, presunçoso e com mau aspecto. Mas, depois, viam-lhe os olhos, pálidos, fixos e com uma centelha de malícia — e, na maior parte das vezes, afastavam-se dele.

Ainda assim, se dependesse dele, Sour Billy fazia sempre a compra de negros na Leiloeira Americana em St. Charles, onde as maneiras eram menos refinadas, a língua era o inglês e não o francês e onde se sentia mais integrado. A grandeza do átrio no St. Louis não o impressionava, excepto pela qualidade das bebidas que servia.

Contudo, Sour Billy ia lá uma vez por mês e não havia como evitar. A Leiloeira Americana era um bom local para comprar trabalhadores para os campos ou um cozinheiro, na variação de pele negra que se pretendesse, mas para comprar uma rapariga elegante, uma daquelas belezas jovens mestiças que Julian preferia, era necessário ir até à Leiloeira Francesa. Julian queria que elas fossem bonitas; insistia na beleza.

E Sour Billy fazia o que Damon Julian lhe dizia.

Eram quase onze da manhã quando as últimas caixas de vinho foram vendidas e os comerciantes começaram a trazer os escravos das prisões de Moreau, Esplanade e Common Streets; homens e mulheres, velhos e novos, assim como crianças; um número desproporcional deles com pele clara e rosto delicado. E também eram inteligentes, Sour Billy sabia, provavelmente falavam francês. Estavam alinhados num dos lados da sala para serem inspeccionados e vários dos jovens crioulos caminhavam com desenvoltura ao longo da fila, comentando levemente entre si e observando com atenção o grupo daquele dia. Sour Billy deixou-se ficar junto ao bar e pediu mais um absinto. Já tinha visitado a maior parte dos pátios no dia anterior e tinha observado a oferta. Sabia bem o que queria.

Um dos leiloeiros bateu com o martelo na secretária de mármore e os licitadores pararam imediatamente de conversar, virando-se para lhe darem toda a atenção. O leiloeiro gesticulou e uma rapariga de cerca de vinte anos subiu hesitantemente para uma caixa de madeira que estava próxima. Era mestiça de quarta geração com olhos grandes, bonita à sua maneira. Trazia um vestido de algodão estampado e fitas no cabelo; o leiloeiro começou a anunciar o seu preço efusivamente. Sour Billy observou com pouco interesse os dois jovens crioulos que a disputavam. Acabou por ser vendida por mil e quatrocentos dólares.

A seguir foi leiloadada uma mulher mais velha, referenciada como boa cozinheira, depois uma jovem mãe e os dois filhos, vendidos juntos. Sour Billy esperou durante várias outras vendas. Era meio-dia e um quarto e a

Leiloeira Francesa estava apinhada com licitadores e espectadores quando o item que escolheu chegou finalmente a leilão.

Chamava-se Emily, disse-lhes o leiloeiro.

— Olhem para ela, meus senhores — balbuciou em francês, — olhem bem para ela. Que perfeição! Há anos que não se vende um lote como este nesta casa, anos; e mais anos se passarão até voltarmos a ver outra rapariga como ela.

Sour Billy sentia-se inclinado a concordar. Emily tinha dezasseis ou dezassete anos, supunha, mas já era uma mulher formada. Ela estava um pouco assustada, mas a simplicidade escura do vestido destacava de modo lisonjeiro a silhueta do seu corpo e tinha um rosto muito bonito — olhos grandes e suaves e uma pele cor de café com leite. Julian ia gostar daquela.

A licitação estava animada. Os donos das plantações não tinham uso para uma rapariga tão elegante, mas seis ou sete dos crioulos estavam determinados a comprá-la. Não havia dúvida que os outros escravos já tinham contado a Emily o que a esperava. Ela era suficientemente bonita para, com o tempo, conseguir alcançar a liberdade e ser mantida por um dos elegantes crioulos numa pequena casa de Ramparts Street, pelo menos até ele casar. Ela havia de ir ao Baile dos Mestiços no Salão de bailes de Orleães com vestidos de seda e fitas no cabelo e seria a causa de vários duelos. As filhas dela ainda teriam a pele mais clara e cresceriam na mesma vida confortável. Quando envelhecesse, talvez aprendesse a tratar de cabelos ou abrisse um bordel. Sour Billy bebericou o absinto, com uma expressão impenetrável no rosto.

As licitações estavam altas. Quando chegaram aos dois mil dólares, já só havia três licitadores. Nessa altura, um deles, um careca trigueiro, exigiu que ela fosse despida. O licitador deu uma ordem breve e Emily deixou cair delicadamente o vestido e saiu de dentro dele. Alguém proferiu um elogio lascivo que provocou uma onda de gargalhadas na audiência. A rapariga sorriu debilmente enquanto o leiloeiro sorria amplamente e acrescentava também um comentário. Depois disto, a licitação voltou a animar.

Aos dois mil e quinhentos dólares, o careca abandonou a licitação, depois de ter visto o que queria. Ficaram dois licitadores, ambos crioulos. Cobriram os valores um do outro três vezes consecutivas, forçando o preço a subir até aos três mil e duzentos dólares. Depois hesitaram. O leiloeiro incentivou uma licitação final ao mais jovem dos dois: três mil e trezentos dólares.

— Três mil e quatrocentos — disse o seu concorrente, com toda a calma.

Sour Billy reconheceu-o. Era um jovem crioulo, esbelto, chamado Montreuil, um jogador e duelista muito conhecido.

O outro homem abanou a cabeça; o leilão estava acabado. Montreuil

sorria amplamente para Emily com expectativa. Sour Billy esperou três batimentos cardíacos, até o martelo estar prestes a dar a batida final. Depois pousou o copo de absinto e disse com uma voz alta e clara:

— Três mil e setecentos dólares.

O leiloeiro e a rapariga olharam ambos para ele com surpresa. Montreuil e alguns dos seus amigos olharam para Billy com uma expressão negra e ameaçadora.

— Três mil e oitocentos — disse Montreuil.

— Quatro mil — respondeu Sour Billy.

Era um preço elevado, mesmo para uma rapariga tão bonita. Montreuil disse qualquer coisa para os dois homens que estavam com ele e os três levantaram-se subitamente e saíram do átrio sem uma palavra; as únicas coisas que se ouviam eram os seus passos zangados a ecoarem no chão de mármore.

— Parece que ganhei esta disputa — disse Sour Billy. — Veste-te e prepara-te para ir embora — disse para Emily.

O resto das pessoas estavam todas a olhar fixamente para ele.

— Naturalmente! — Exclamou o leiloeiro.

Depois seguiu-se outro leiloeiro que, levantando-se da sua secretária, bateu com o martelo e chamou a atenção da assistência para outra rapariga muito bonita e a agitação regressou à Leiloeira Francesa.

Sour Billy Tipton levou Emily da galeria do átrio para a St. Louis Street, passando por todas as lojas elegantes onde os ociosos e viajantes ricos os olharam com curiosidade. Quando saiu do edifício, pestanejou, habituando-se à luz do Sol. Montreuil apareceu mesmo ao seu lado.

— *Monsieur* — começou por dizer.

— Se quiser falar comigo, fale em inglês — disse Sour Billy rudemente. — E por aqui sou Senhor Tipton, Montreuil. — Os seus dedos compridos contraíram-se e fixou o outro homem com uma expressão fria e dura.

— Senhor Tipton — disse Montreuil com uma pronúncia impecável. Tinha o rosto vagamente corado. Atrás dele, os dois amigos aguardavam com rigidez. — Já perdi outras raparigas — disse o crioulo. — Ela é uma rapariga deslumbrante, mas perdê-la não significa nada para mim. O que me ofendeu, Senhor Tipton, foi a maneira como a licitou. Troçou de mim naquela sala de leilões, deixando-me saborear a vitória para depois fazer de mim parvo.

— Bem, bem — disse Sour Billy. — Bem, bem.

— O senhor está a fazer um jogo perigoso — avisou Montreuil. — Sabe quem eu sou? Se fosse um cavalheiro, desafiava-o agora mesmo para um duelo, senhor.

— Os duelos são ilegais, Montreuil — disse Sour Billy. — Não sabia? E eu não sou nenhum cavalheiro.

Virou-se para a rapariga mestiça, que estava junto à parede do hotel a observá-los e disse:

— Vamos.

Sour Billy começou a percorrer o passeio e ela foi atrás dele.

— O senhor receberá a paga na mesma moeda, *monsieur* — gritou Montreuil nas suas costas.

Sour Billy não lhe ligou e dobrou a esquina. Caminhava rapidamente, com um passo emproado que não se manifestara no interior da Leiloeira Francesa. Era nas ruas que Sour Billy se sentia em casa; crescera nelas e lá tinha aprendido a sobreviver. A rapariga escrava, Emily, caminhava atrás dele tão depressa quanto podia, com os pés descalços a bater nos tijolos do passeio. As ruas de Vieux Carré eram ladeadas de casas de tijolo e gesso, cada uma delas com as graciosas varandas de balaustradas de ferro forjado a pairar por cima dos passeios estreitos, tão elegantes como seria de esperar. Mas as estradas propriamente ditas não eram pavimentadas e as chuvas recentes tinham-nas transformado num mar de lama. Ao longo dos passeios havia valetas abertas, valas profundas escoradas com madeira, cheias de águas estagnadas, com o cheiro da sujidade e esgotos.

Passaram por pequenas e apumadas lojas, por jaulas para escravos e janelas com pesadas barras de ferro; passaram por hotéis elegantes e lojas de bebidas sombrias e cheias de fumo, repletas de intratáveis negros livres; passaram por vielas fechadas e húmidas e por pátios arejados, cada um com a sua fonte ou poço; passaram por crioulas altivas e os seus acompanhantes e por um grupo de escravos agrilhoados, presos por correntes de ferros que tilintavam no chão, sob o olhar atento dos guardas brancos de olhar duro e chicote na mão. Pouco tempo depois, saíram do Bairro Francês e entraram na parte americana, mais rude e mais nova, de Nova Orleães. Sour Billy tinha deixado o cavalo atado a um poste de uma loja de bebidas. Montou o cavalo e disse à rapariga que o seguisse a pé. Foram em direcção ao norte da cidade e logo saíram das estradas principais, parando apenas por uma ocasião, e brevemente, para que Sour Billy pudesse dar descanso ao cavalo e comer um pouco do pão seco e queijo que levava nos alforges. Deixou Emily beber um pouco de água do riacho.

— O senhor é o meu novo dono? — Perguntou Emily, num inglês surpreendentemente bom.

— Sou o teu guardião — respondeu Sour Billy. — Vais conhecer o Julian esta noite, rapariga. Depois de escurecer. — Sorriu. — Ele vai *gostar* de ti. — Depois disse-lhe que ficasse calada.

Uma vez que a rapariga ia a pé, a caminhada era morosa e quando che-

garam à plantação de Julian, já a noite se aproximava. A estrada estendia-se ao longo de uma ramificação do rio e serpenteava por entre um bosque cerrado, com os troncos repletos de musgo. Contornaram um enorme carvalho e entraram nos campos, tingidos com a luz avermelhada e sombria do entardecer. Os campos estavam em pousio e as ervas daninhas tinham tomado conta deles, desde a água até à casa. Ao longo do rio havia um velho ancoradouro apodrecido que servia de cais aos barcos a vapor que por ali passavam e por detrás da casa principal alinhava-se uma série de barracas para os escravos. Mas ali não havia escravos e há alguns anos que os campos não eram trabalhados. A casa não era tão grande como a maioria das casas das plantações, nem era particularmente grandiosa; era uma estrutura fleumática e quadrada de madeira envelhecida, com tinta a descascar nos lados e tinha como único aspecto impressionante uma torre alta com janelas a toda a volta.

— Estamos em casa — disse Sour Billy.

A rapariga perguntou se a plantação tinha um nome.

— Costumava ter — respondeu Sour Billy. — Há muitos anos, quando o seu proprietário era o Garoux. Mas ele adoeceu e morreu, ele e todos os seus filhos, por isso agora não tem nome. Agora, cala a boca e despacha-te.

Sour Billy levou-a para as traseiras da casa, para a sua própria entrada e abriu a fechadura com uma chave que guardava numa corrente em redor do pescoço. Tinha três divisões para seu uso pessoal, na parte da casa reservada aos empregados. Puxou Emily para dentro do quarto.

— Despe essa roupa — disse Sour Billy bruscamente.

A rapariga obedeceu atabalhoadamente, mas olhou para ele com uma expressão de medo.

— Não olhes para mim assim — disse. — Tu pertences ao Julian, não me vou meter contigo. Vou aquecer água. Há uma tina na cozinha. Vais tirar a sujidade de cima de ti e depois vais vestir-te. — Abriu um armário de madeira intrincadamente esculpida e tirou um vestido de brocado. — Toma, deve servir-te.

A rapariga arquejou.

— Eu não posso usar um vestido destes. Isto é um vestido de uma senhora branca.

— Tu calas a boca e fazes o que eu te mandar — disse Sour Billy. — O Julian que ver-te bonita, rapariga.

E com isto, deixou-a sozinha e foi até à parte principal da casa.

Encontrou Julian na biblioteca, sentado numa grande poltrona de couro, em silêncio na escuridão, com um cálice de brandy na mão. À sua volta, cobertos com pó, estavam os livros que tinham pertencido ao velho René

Garoux e aos seus filhos. Há anos que nenhum deles era aberto. Damon Julian não era amante da literatura.

Sour Billy entrou e ficou a uma distância respeitosa, à espera que Julian lhe dirigisse a palavra.

— Então? — Perguntou finalmente a voz vinda da escuridão.

— Quatro mil — disse Sour Billy. — Mas vai gostar dela. É jovem, delicada e tenra, bonita, mesmo muito bonita.

— Os outros não tardarão a chegar. Alain e Jean já cá estão, os idiotas. Estão com sede. Quando estiver pronta, leva-a para o salão de baile.

— Sim — disse rapidamente Sour Billy. — O leilão levantou alguns problemas, Senhor Julian.

— Problemas?

— Um escroque crioulo, chamado Montreuil. Ele também a queria e não gostou de ficar a perder. Acho que pode tornar-se curioso. É um jogador e é muito visto nos salões locais. Quer que trate dele numa noite destas?

— Fala-me dele — exigiu Julian. A sua voz era líquida, suave, profunda e sensual, tão rica como o mais requintado conhaque.

— É jovem, escuro. Tem os olhos pretos e o cabelo também. É alto. Dizem que é adepto de duelos. É um homem duro. Forte e esbelto, mas tem um rosto bonito, como muitos deles.

— Eu depois trato dele — disse Damon Julian.

— Sim, senhor — respondeu Sour Billy Tipton. Virou-se e regressou aos seus aposentos.

Emily transformou-se quando entrou no vestido de brocado. Tanto a escrava como a criança desapareceram; lavada e vestida adequadamente, era uma mulher de beleza escura, quase etérea. Sour Billy inspeccionou-a cuidadosamente.

— Serves — disse. — Vamos, hoje vais a um baile.

O salão de baile era a maior divisão da casa e também a mais grandiosa, iluminado por três lustres gigantescos de vidro lapidado com trezentas velas minúsculas. Nas paredes, estavam pendurados magníficos quadros a óleo retratando as paisagens do rio; o chão era de madeira maravilhosamente polida. Numa das extremidades do salão, portas duplas abriam para um átrio; na outra extremidade, uma grandiosa escadaria subia, ramificando-se para ambos os lados, com as balaustradas a brilhar.

Quando Sour Billy fez entrar Emily no salão, eles já estavam à espera.

Eram nove, incluindo o próprio Julian; seis homens e três mulheres. Os homens usavam fatos escuros de corte europeu e as mulheres vestidos de seda em cores pálidas. À exceção de Julian, todos esperavam na escadaria, imóveis e silenciosos, respeitosos. Sour Billy conhecia-os a todos: as mulheres pálidas chamavam-se Adrienne, Cynthia e Valerie; Raymond era

o moreno bonito com rosto de menino; Kurt tinha uns olhos que ardiam como carvões incandescentes; e depois os outros. Um deles, Jean, estremeceu ligeiramente enquanto esperava, os seus lábios, recuados, mostravam dentes longos e brancos e a mão movimentava-se com pequenos espasmos. Estava com uma sede feroz, mas não tomou qualquer iniciativa. Estava à espera de Damon Julian. Todos esperavam por Damon Julian.

Julian atravessou o salão de baile e dirigiu-se à escrava Emily. Ele movimentava-se com a graciosidade régia de um gato. Caminhava como um lorde, como um rei. O seu passo era como a escuridão a fluir, líquida e inevitável. De um estranho modo, era um homem escuro, embora a sua pele fosse muito pálida; o cabelo era preto e encaracolado, as roupas sombrias, os olhos como pedras brilhantes.

Parou em frente de Emily e sorriu. Julian tinha um sorriso encantador, sofisticado.

— Maravilhosa — disse simplesmente.

Emily corou e balbuciou qualquer coisa.

— Cala-te — disse Sour Billy bruscamente. — Só falas depois de o Senhor Julian falar para ti.

Julian percorreu com os dedos uma das faces escuras e suaves da rapariga; ela estremeceu e tentou ficar quieta. Ele acariciou-lhe o cabelo languidamente, depois levantou-lhe o rosto em direcção ao seu e deixou que os olhos bebessem dos olhos dela. Nesse momento, Emily assustou-se e soltou um pequeno grito, mas Julian segurou o rosto dela com ambas as mãos e não a deixou desviar o olhar.

— Encantadora — disse. — Tu és linda, minha menina. E todos nós somos grandes apreciadores da beleza.

Julian libertou o rosto dela, segurou numa das suas pequenas mãos, levantou-a, virou-a com a palma para cima e curvou-se para beijar o interior do seu pulso.

A escrava continuava a tremer, mas não ofereceu qualquer resistência. Julian virou-a ligeiramente e entregou o braço dela a Sour Billy Tipton.

— Fazes as honras da casa, Billy?

Sour Billy levou a mão atrás das costas e tirou de uma pequena bainha uma faca. Os olhos escuros de Emily arregalaram-se com medo e tentou retirar a mão, mas ele tinha-a bem agarrada e era rápido, muito rápido. A lâmina mal tinha estado à vista e subitamente já estava húmida; desferiu um simples golpe na parte de dentro do pulso de Emily, onde Julian tinha depositado o beijo. O sangue jorrou do golpe e começou a pingar para o chão, os pingos a cair sonoramente no salão silencioso.

A rapariga choramingou brevemente, mas antes de entender completamente o que estava a acontecer, Sour Billy já tinha embainhado a faca e

estava a afastar-se; Julian voltou a segurar na sua mão. Levantou mais uma vez o braço magro de Emily, encostou os lábios ao pulso e começou a sugar.

Sour Billy recuou até à porta. Os restantes convidados desceram as escadas e aproximaram-se; os vestidos das mulheres arrastavam-se suavemente pelo chão. Colocaram-se num círculo ansioso em redor de Julian e da sua presa, com os olhos escuros e quentes. Quando Emily perdeu a consciência, Sour Billy deu um salto em frente e apanhou-a por baixo dos braços. O seu corpo era leve como uma pena.

— Que beleza — murmurou Julian quando se afastou dela, com os lábios húmidos, os olhos pesados e saciados. Sorriu.

— *Por favor*, Damon — implorou aquele que se chamava Jean, a estremecer como um homem com febre.

O sangue corria lentamente, num tom escuro, pelo braço de Emily, quando Julian olhou para Jean com uma expressão fria e maliciosa.

— Valerie — disse, — a seguir és tu.

A jovem mulher pálida de olhos violeta e vestido verde chegou-se à frente, ajoelhou-se com elegância e começou a lambe o terrível fluxo. Só depois de limpar completamente o braço com a língua é que encostou os lábios ao golpe aberto.

De acordo com as instruções de Julian, a seguir foi a vez de Raymond, depois Adrienne e depois Jorge. Finalmente, quando todos os outros estavam já saciados, Julian virou-se para Jean com um sorriso e gesticulou em direcção à escrava. Jean deixou-se cair sobre ela com um gemido abafado, arrancando-a dos braços de Sour Billy e começando a despedaçar o pescoço da rapariga. Damon Julian fez um esgar de desagrado.

— Quando ele acabar — disse para Sour Billy, — limpa o salão.

*New Albany, Indiana,
Junho de 1857*

CAPÍTULO TRÊS

As névoas que pairavam sobre o rio eram espessas e o ar estava húmido e frio. Passava pouco da meia-noite quando Joshua York chegou finalmente vindo de St. Louis e se encontrou com Abner Marsh nos estaleiros desertos de New Albany. Quando York apareceu, saindo de entre o nevoeiro como se fosse uma aparição pálida, Marsh estava à espera quase há uma hora. Atrás de York, silenciosos como sombras, vinham mais quatro pessoas.

Marsh sorriu, mostrando os dentes salientes.

— Joshua — cumprimentou.

Acenou brevemente para os restantes. Conhecera-os brevemente em Abril, em St. Louis, antes de ter viajado para New Albany, para supervisionar a construção do seu sonho. Eram amigos de York e seus companheiros de viagem, mas Marsh nunca vira um grupo mais estranho de gente. Dois deles eram homens de idades indeterminadas com nomes estrangeiros que ele não se lembrava nem conseguia pronunciar; apelidou-os de Smith e Brown, para divertimento de York. Eles estavam sempre a tagarelar um com o outro, numa espécie de linguagem estranha. O terceiro homem, vindo de Leste, com o rosto encovado e roupas que faziam lembrar um armador fúnebre, chamava-se Simon e nunca falava. A mulher, Katherine, era supostamente inglesa. Era alta e um pouco curvada, com um aspecto doentio e decadente. Quando Marsh olhava para ela, lembrava-se de um enorme abutre branco. Mas ela era amiga de York, assim como os restantes e ele já tinha avisado que os seus amigos podiam ser um tanto peculiares, por isso Abner Marsh abstinha-se de fazer comentários.

— Boa noite, Abner — disse York. Parou de andar e olhou em redor do estaleiro, onde os barcos a vapor ainda em construção se assemelhavam a esqueletos que flutuavam na névoa cinzenta. — Está uma noite fria, não está? Para Junho?

— Está, pois. Veio de longe?

— Tenho uma suite no Galt House em Louisville. Alugámos um barco para nos trazer para este lado do rio. — Os seus olhos cinzentos e frios observaram o barco a vapor que estava mais próximo com bastante interesse. — É este o nosso?

Marsh resfolegou.

— Esta casca de noz? Com os diabos, não; isto é apenas um barco barato de roda à popa que estão a construir para o comércio em Cincinnati. Não está a pensar que eu punha uma porcaria de roda à popa no *nosso* barco, pois não?

York sorriu.

— Desculpe a minha ignorância. Onde está, então, o nosso barco?

— Por aqui — disse Marsh, gesticulando amplamente com a bengala. Levou-os para o outro lado do estaleiro. — Está ali — disse, apontando.

As névoas abriram-se para eles e lá estava o barco, altivo e orgulhoso, diminuindo todos os restantes barcos que se aglomeravam em seu redor. As cabines e balaustradas brilhavam com tinta fresca branca como a neve, brilhante mesmo envolta no manto cinzento do nevoeiro. Em cima do toldado da cabine do convés, a erguer-se em direcção às estrelas, a cabine do piloto parecia refulgir; era um templo de vidro, com a cúpula trabalhada e decorada a toda a volta com elegantes madeiras esculpidas, tão intrincadas quanto as rendas irlandesas. As chaminés eram torres gémeas que se erguiam mesmo em frente à cabine do convés, elevando-se cerca de trinta metros no ar, negras, rectas e orgulhosas. A parte de cima em forma de penas florescia como se fossem duas flores negras de metal. O casco era esbelto e parecia ser interminável, com a popa escondida por entre o nevoeiro. Como todos os barcos de primeira classe, as rodas localizavam-se na lateral. Colocadas a meio do barco, as gigantescas casas das rodas elevavam-se como gigantes, fazendo adivinhar o vasto poder das pás que por baixo delas se escondiam. O seu tamanho imponente era condizente com o nome que em breve ostentaria.

À noite, no meio do nevoeiro e junto dos restantes barcos mais pequenos e mais simples que o rodeavam, era como uma visão, um fantasma branco retirado dos sonhos de um qualquer homem do rio. Enquanto estavam ali a observá-lo, Marsh pensou que a sua imagem era de cortar a respiração.

Smith estava a tagarelar e Brown respondia-lhe no mesmo compasso, mas Joshua York limitava-se a olhar. Observou o barco em silêncio durante uma eternidade, até que disse:

— Criámos qualquer coisa de muito belo, Abner.

Marsh sorriu.

— Não estava à espera de encontrar a construção já tão perto do fim — acrescentou York.

— Estamos em New Albany — disse Marsh. — Foi por esse motivo que vim para aqui em vez de ficar num dos estaleiros de St. Louis. Aqui constroem-se barcos a vapor desde que eu era um rapaz; só no ano passado, saíram daqui vinte e dois barcos e o mais provável é este ano já estarem quase a atingir esse número. Eu sabia que eles eram capazes de fazer o trabalho como nós queremos. Devia ter cá estado. Cheguei com uma daquelas pequenas arcas de ouro e despejei-a para cima da secretária do encarregado e disse-lhe, disse-lhe assim: “Quero construir um barco a vapor e quero-o construído depressa; quero que seja o barco mais rápido, mais bonito e diabólico que alguma vez construiu, entendeu? Agora, arranje-me engenheiros, os melhores que tiver, não me interessa se tem de os ir buscar a algum bordel e arrastá-los até Louisville, mas traga-mos aqui esta noite, porque temos de começar a trabalhar. E é bom que me arranje os melhores carpinteiros, pintores, construtores de caldeiras e todos os trabalhadores necessários, porque se eu *não* tiver os melhores dos melhores a trabalhar no meu barco, você vai arrepender-se de ter nascido”. — Marsh deu uma gargalhada. — Devia ter visto a cara dele, não sabia se havia de olhar para o ouro ou ouvir o que lhe estava a dizer, as duas coisas eram bem capazes de o matar de susto. Mas fez o que nós quisemos, lá isso fez. — Acenou em direcção ao barco. — É claro que ainda não está acabado. Os rebordos ainda precisam de ser pintados; vou mandar pintar a maior parte deles de azul e prateado, para condizer com as pratas todas que quer colocar no salão. E ainda estamos à espera de algumas daquelas mobílias elegantes, espelhos e outras coisas que encomendou em Filadélfia. Mas a maior parte já está pronta, Joshua, a maior parte já está. Venha, vou mostrar-lhe.

Os trabalhadores tinham deixado uma lanterna em cima de uma pilha de madeira, perto da popa do barco. Marsh acendeu um fósforo, raspando-o na perna, acendeu a lanterna e entregou-a imperiosamente a Brown.

— Tome, leve isto — disse bruscamente.

Subiu a rampa para o primeiro convés, caminhando pesadamente, com os outros atrás de si.

— Cuidado com o sítio onde põem as mãos — disse. — Algumas das pinturas ainda estão frescas.

O convés mais baixo, o principal, estava cheio de maquinaria. A lanterna brilhava com uma luz límpida e constante, mas Brown apontava-a para vários pontos diferentes, por isso, as sombras das grandes máquinas pareciam erguer-se e saltar de modo agourento, como se fossem seres vivos.

— Aqui. Segure lá isso quieto — ordenou Marsh.

Virou-se para York e começou a apontar, com a bengala espetada como se fosse um longo dedo em direcção às caldeiras, que eram grandes cilindros de metal alinhados em ambos os lados da proa.

— São dezoito caldeiras — disse Marsh orgulhosamente. — Tem mais três do que o *Eclipse*. Têm um metro de diâmetro e oito metros e meio de altura, cada uma. — Abanou a bengala. — As fornalhas são todas construídas com tijolos à prova de fogo e folhas de ferro; estão fixas com suportes bem longe do convés, para diminuir o perigo de incêndio. — Indicou o percurso das colunas de vapor por cima das suas cabeças, desde as caldeiras até aos motores e todos se viraram para a popa. — Temos cilindros de noventa centímetros, de alta pressão, e um impulso de três metros e meio, igual ao do *Eclipse*. Este barco vai subir o velho rio com uma facilidade assustadora, é o que lhe digo.

Brown balbuciou qualquer coisa, Smith acompanhou-o e Joshua York sorriu.

— Vamos subir — disse Marsh. — Os seus amigos não parecem estar muito interessados nos motores, mas são capazes de gostar de ver as instalações lá em cima.

A escadaria era ampla e ornamentada, de carvalho polido com graciosas balaustradas estriadas. Começava perto da proa, com a sua largura a ocultar as caldeiras e os motores dos olhares de quem embarcava, separando-se depois graciosamente em duas escadarias diferentes, uma para cada lado, dando acesso ao segundo convés, o das caldeiras. Caminharam ao longo do estibordo, com Marsh e a sua bengala e Brown com a lanterna a liderar o caminho; as suas botas ecoavam no chão de madeira do convés enquanto se maravilhavam com os magníficos detalhes góticos dos pilares e dos balaústres, toda aquela madeira minuciosamente esculpida com flores, cornucópias e bagos. As portas e janelas dos camarotes de luxo estendiam-se numa longa fila para ambos os lados; as portas eram de madeira de nogueira escura e as janelas de vitrais.

— Os camarotes de luxo ainda não estão mobilados — disse Marsh, abrindo a porta que dava para um deles, — mas comprámos tudo do bom e do melhor, colchões e almofadas de penas, um espelho e um candeeiro de óleo para cada quarto. As cabines também são maiores que o habitual; não vamos poder aceitar tantos passageiros como outros barcos do tamanho

do nosso, mas os que viajarem connosco terão mais espaço. — Sorriu. — E também terão de pagar mais.

Cada um dos camarotes tinha duas portas; uma que dava para o convés e a outra que oferecia acesso para a parte de dentro, para o grande salão, a cabine principal do barco.

— A cabine principal ainda não está acabada — disse Marsh, — mas venha dar uma vista de olhos mesmo assim.

Entraram e pararam, enquanto Brown levantava a lanterna para iluminar a vastidão do salão. O salão principal estendia-se por todo o convés das caldeiras; era um espaço contínuo e amplo com a excepção de uma passagem a meio.

— A parte da frente é para as cabines dos cavalheiros, a de trás para as senhoras — explicou Marsh. — Vá lá ver. Ainda não está acabado, mas vai ficar uma beleza. Aquele bar de mármore ali tem doze metros de comprimento e vamos colocar um espelho por trás do mesmo tamanho. Já o encomendei e tudo. Todos os camarotes de luxo vão ter espelhos, com molduras prateadas; ali atrás, na extremidade dos camarotes das senhoras, vamos ter um espelho de quatro metros de altura. — Marsh apontou para cima com a bengala. — Agora não dá para ver nada, por causa da escuridão e tudo, mas as clarabóias são de vitral e percorrem toda a extensão da cabine. Vamos pôr no chão uma daquelas carpetes de Bruxelas e os camarotes também vão ter carpetes dessas. Temos um refrigerador de água de prata e copos de prata também que vão ficar numa mesa de madeira toda elegante; temos um piano de cauda, cadeiras de veludo novas e toalhas de mesa de linho verdadeiro. Mas ainda não chegaram.

Mesmo sem as carpetes, os espelhos e a mobílias, a enorme cabine era esplendorosa. Percorreram-na lentamente, em silêncio e sob a luz que se movia, pequenos pedaços da sua beleza imponente ganhando forma, saindo subitamente da escuridão, apenas para desaparecerem logo de seguida atrás deles: o enorme tecto abobadado com as traves curvas, esculpidas e pintadas com pormenor, como se fossem da mais fina renda; longas filas de elegantes colunas a ladear as portas dos camarotes de luxo, debruadas com delicados canelados; o bar de mármore negro com os grossos veios de cor; o brilho oleado da madeira escura; a fila dupla de lustres, cada um deles com quatro globos de vidro pendurados numa teia de aranha de ferro forjado, simplesmente à espera de petróleo e uma chama para inundar todo o salão com a sua luz gloriosa e brilhante.

— Acho que os camarotes são demasiado pequenos — disse Katherine subitamente. — Mas este salão será imponente.

Marsh franziu o sobrolho na direcção da mulher.

— Os camarotes são grandes, senhora. Têm dois metros por dois me-

tros. O normal é um metro e meio. Isto é um barco a vapor, sabe? — Virou-lhe as costas e apontou com a bengala. — Ali à frente vai ser o escritório do encarregado; a cozinha e as casas de banho vão ser ao pé das casas das rodas. E também já sei o cozinheiro que quero contratar. É o cozinheiro que costumava trabalhar no meu *Lady Liz*.

Por cima do convés das caldeiras ficava o convés superior. Subiram uma escada estreita e saíram em frente às enormes chaminés de ferro forjado, depois subiram uma escada mais pequena e chegaram às cabines, que se estendiam desde as chaminés até às casas das rodas.

— Aqui ficam as cabines da tripulação — disse Marsh, sem se preocupar em mostrar as instalações. Por cima desse convés estava a cabine do piloto. Marsh levou-os até lá.

A partir daquele ponto, via-se todo o estaleiro; os barcos mais pequenos envoltos na neblina, as águas negras do rio Ohio que se estendia à sua frente e até as luzes distantes de Louisville, centelhas fantasmagóricas no meio do nevoeiro. O interior da cabine do piloto era espaçoso e luxuoso. As janelas eram do melhor e mais cristalino vidro, com um rebordo de vitral. Sob a luz pálida e fria da lanterna, a madeira escura e a prata polida brilhavam intensamente.

E lá estava a roda do leme. De tão grande que era, só se via a parte de cima e mesmo assim era tão alta como o próprio Marsh; a outra metade estava embutida numa ranhura no chão de madeira. Era feita de madeira escura de teca, fresca e suave ao toque e os raios eram barras de prata ornamentada, parecidos com as ligas de uma dançarina. A roda do leme parecia gritar pelas mãos de um piloto.

Joshua York aproximou-se e tocou na roda, percorrendo a madeira escura e a prata com a mão pálida. Depois segurou-a, como se fosse o próprio piloto e ali ficou durante longos instantes, com a roda nas mãos, os olhos cinzentos absortos, enquanto olhavam para a noite escura e para o invulgar nevoeiro de Junho. Os restantes ficaram em silêncio e, por breves instantes, Abner Marsh quase sentiu o barco a vapor a mexer, por algum rio sombrio da mente, numa viagem estranha e interminável.

Joshua York virou-se e quebrou o encantamento.

— Abner — disse, — gostava de aprender a pilotar este barco. Pode ensinar-me a fazê-lo?

— Pilotar, com que então? — Perguntou Marsh, surpreendido.

Não tinha qualquer dificuldade em imaginar York como dono e capitão do barco, mas pilotá-lo era outra história — no entanto, o mero pedido despertou-lhe um certo carinho e fez com que o desejo de York se tornasse compreensível. Abner Marsh sabia como era sentir o desejo de ser piloto.

— Bem, Joshua, eu já pilotei durante bastante tempo e digo-lhe que é

a melhor sensação do mundo. Ser capitão não se compara à alegria de ser piloto. Mas também não é uma coisa que se aprenda assim de um dia para o outro, se é que me entende.

— A roda do leme parece ser bastante simples de manejar — disse York. Marsh deu uma gargalhada.

— Com os diabos, simples de manejar até é, mas não é isso que precisa de aprender. O que precisa de conhecer é o rio, York, o rio. O velho Mississípi. Antes de ter os meus próprios barcos, fui piloto durante oito anos, com licença para navegar o norte do Mississípi e o Illinois. Nunca tive licença para o Ohio nem para o sul do Mississípi e com tudo o que sei sobre os barcos a vapor, não seria capaz de pilotar nesses rios nem que a minha vida dependesse disso, porque não os conheço. Os que conheço, levaram-me anos para os aprender de cor e é uma aprendizagem que nunca acaba. Mas agora, estou há tantos anos afastado da cabine do piloto que teria de aprender tudo novamente. O rio muda, Joshua, muda muito. Não está igual duas vezes de seguida e temos de reconhecer cada centímetro dele. — Marsh foi até à roda do leme e pousou carinhosamente uma das mãos. — Agora, planeio pilotar este barco pelo menos uma vez. Ando há muito tempo a sonhar com ele para não o ter nas minhas mãos. Quando enfrentarmos o *Eclipse*, espero ser eu a comandar a cabine do piloto, pode ter a certeza. Mas este é um barco demasiado grande para qualquer outro trajecto que não o de Nova Orleães e isso quer dizer que vai navegar a parte mais baixa do rio, por isso vou ter de começar a aprender agora mesmo, tenho de conhecer todos os seixos do seu fundo. É preciso tempo e muito trabalho. — Olhou para York. — Agora que sabe o que implica, ainda quer pilotá-lo?

— Podemos aprender juntos, Abner — respondeu York.

Os companheiros de York estavam a ficar ansiosos. Passavam de janela em janela, Brown a passar a lanterna de uma mão para a outra; Simon estava sombrio como um cadáver. Smith disse qualquer coisa a York, na sua língua estranha. York acenou com a cabeça.

— Temos de regressar — disse.

Marsh olhou em redor uma última vez, relutante em sair do barco e conduziu-os para fora da cabine do piloto.

Quando atravessaram o estaleiro, York virou-se e olhou para trás em direcção ao barco, ali parado junto aos montes de materiais, pálido contra a escuridão da noite. Os outros também pararam e esperaram silenciosamente.

— Conhece Byron? — Perguntou York a Marsh.

Marsh pensou durante alguns instantes.

— Conheço um tipo chamado Blackjack Pete que costumava pilotar o *Grand Turk*. Acho que o seu último nome era Brian.

York sorriu.

— Não é Brian, é Byron. Lorde Byron, o poeta inglês.

— Ah — disse Marsh. — Esse. Não sou muito apreciador de poesia. Mas acho que já ouvi falar dele. Era coxo, não era? E gostava muito de mulheres.

— É esse mesmo, Abner. Um homem impressionante. Tive a felicidade de me encontrar com ele em certa ocasião. O nosso barco a vapor fez-me lembrar de um poema que Byron escreveu.

Começou a recitar.

*Ela caminha em beleza, como a noite
De clima sem nuvens e céu estrelado;
E toda a perfeição da escuridão e da luz
Se encontra encerrada nos seus olhos
Assim dulcificados naquela luz suave
Que os céus aos dias vivos negam.*

— Como é óbvio, Byron escreveu sobre uma mulher, mas as palavras parecem adequar-se também ao nosso barco, não acha? Olhe para ele, Abner! O que lhe parece?

Abner Marsh não sabia bem o que pensar; a generalidade dos homens do rio que conhecia não andavam por aí a recitar poesia. Por isso, não sabia bem o que responder.

— É muito interessante, Joshua — foi tudo o que conseguiu dizer.

— Como é que lhe vamos chamar? — Perguntou York, com os olhos fixos no barco e um ligeiro sorriso nos lábios. — O poema deu-lhe alguma ideia?

Marsh franziu o sobrolho.

— Não vamos dar-lhe nome nenhum inspirado num inglês coxo, se é nisso que está a pensar — disse bruscamente.

— Pois não — concordou York. — Não era isso que estava a sugerir. Estava a pensar em qualquer coisa como *Dark Lady*, ou...

— Eu também já tinha pensado — interrompeu Marsh. — Nós somos a Companhia do Rio Fevre e este barco é a concretização de todos os meus sonhos. — Levantou a bengala de vime e apontou para a casa da roda. — Vamos colocá-lo ali, em grandes letras azuis e prateadas, muito elegantes. *Fevre Dream* — disse com um sorriso. — O *Fevre Dream* contra o *Eclipse*; as pessoas hão-de falar dessa corrida mesmo depois de todos nós já estarmos mortos.

Por um instante, algo estranho e assombroso atravessou o olhar cinzento de York. Mas desapareceu tão velozmente como tinha aparecido.

— *Fevre Dream* — disse. — Não lhe parece um nome um pouco... hmm, agoirento? Faz-me pensar em doenças, febre, mortes e visões distorcidas. Sonhos que... sonhos que não deviam ser sonhados, Abner.

Marsh franziu o sobrolho.

— Isso já não sei. Eu cá gosto do nome.

— As pessoas entrarão a bordo de um barco com esse nome? Os barcos a vapor já são conhecidos por transportarem a febre tifóide e a febre-amarela. Queremos lembrar esse tipo de enfermidades às pessoas?

— Bem, elas andaram no meu *Sweet Fevre* — respondeu Marsh. — Andaram no *War Eagle* e no *Ghost*, ambos barcos com nomes de índios vermelhos. Também vão andar neste.

Nessa altura o homem pálido e magro chamado Simon disse qualquer coisa, numa voz rouca que parecia uma serra enferrujada e numa língua estranha para Marsh, embora não fosse a mesma língua em que Smith e Brown tagarelavam. York ouviu-o e o seu rosto ficou com uma expressão pensativa, embora ainda um pouco perturbada.

— *Fevre Dream* — repetiu. — Tinha pensado num nome mais... saudável, mas o Simon acabou de me apresentar um argumento convincente. Que seja então à sua maneira, Abner. *Fevre Dream* será!

— Ótimo — disse Marsh.

York acenou com a cabeça de modo ausente.

— Vamos encontrar-nos amanhã ao jantar em Galt House. Às oito. Podemos traçar os nossos planos para a viagem até St. Louis e discutir as questões relacionadas com a tripulação e as provisões; isto se for uma hora adequada para si, claro.

Marsh concordou com um ruído brusco; York e os seus companheiros dirigiram-se ao barco que os levaria ao outro lado do rio e desapareceram por entre a neblina. Muito depois de se terem ido embora, Marsh continuou de pé no estaleiro, olhando fixamente para o barco inerte e silencioso.

— *Fevre Dream* — disse em voz alta, apenas para saborear as palavras a percorrerem a língua.

Mas estranhamente, pela primeira vez, o nome soou-lhe de modo estranho, manchado com conotações que não desejava que ele tivesse. Estremeceu involuntariamente por instantes, depois resfolegou e foi deitar-se.

A Bordo do Barco a Vapor FEVRE DREAM, Rio Ohio, Julho de 1857

O *Fevre Dream* saiu de New Albany já a noite tinha caído, uma noite abafada de Julho. Em todos os anos que passou no rio, Abner Marsh nunca se sentira tão vivo como naquela noite. Passou a manhã a tratar dos últimos detalhes em Louisville e New Albany; contratou um barbeiro, almoçou com os homens do estaleiro e levou uma série de cartas ao correio. Nas horas de maior calor da tarde, ficou no seu camarote, fez uma última ronda ao barco para se certificar de que tudo estava em ordem e cumprimentou alguns dos passageiros que já começavam a chegar. O jantar foi bastante apressado; logo depois, foi para o convés principal para observar o engenheiro e os electricistas a verificar as caldeiras, assim como para supervisionar o imediato enquanto este verificava o carregamento das últimas cargas. O Sol brilhava implacável e o ar estava pesado e estagnado, tanto que os estivadores brilhavam com as gotas de suor no corpo enquanto carregavam caixas, fardos e barris pelas estreitas pontes de carregamento, sempre ao som das injúrias do imediato. Marsh sabia que do outro lado do rio, em Louisville, outros barcos a vapor estavam de partida ou a receber carregamentos: o grande *Jacob Strader*, um barco de baixa pressão, da Linha de Correios de Cincinnati, o veloz *Southerner* da Companhia de Paquetes de Cincinnati e Louisville e mais meia dúzia de barcos menores. Marsh observou para ver se algum deles se preparava para descer o rio, sentindo-se terrivelmente bem, não obstante o calor e os enxames de mosquitos que se ergueram das águas quando o Sol se pôs.

O convés principal estava apinhado com carga, à frente e atrás, preenchendo a maior parte dos espaços deixados livres pelas caldeiras, fornalhas

e motores. Levava cento e cinquenta toneladas de folhas de tabaco, trinta toneladas de barras de ferro, incontáveis barris de açúcar, farinha e brandy, caixas de mobílias finas para um homem rico de St. Louis, uns quantos blocos de sal, alguns rolos de seda e algodão, trinta barris de pregos, dezoto caixas de espingardas, livros, papéis e artigos vários. E banha de porco. Uma dúzia de grandes barris com a melhor banha de porco. A banha não fazia exactamente parte da carga; fora o próprio Marsh que a comprara e a mandara colocar no barco.

O convés principal também estava apinhado de passageiros, homens, mulheres e crianças, tantos quantos os mosquitos do rio, amontoando-se e cirandando por entre a carga. Reuniam-se ali quase trezentas pessoas, cada uma com um bilhete de um dólar para irem até St. Louis. Só tinham direito à viagem; comiam a comida que trouxessem consigo e os mais afortunados conseguiram encontrar um espaço no convés para dormir. A maior parte eram estrangeiros, irlandeses, suecos e holandeses, todos a gritarem uns com os outros em línguas que Marsh não entendia, a beberem, a praguejarem e a baterem nos filhos. Também lá estavam alguns caçadores e operários; eram demasiado pobres para poderem pagar outra coisa que não a passagem de convés que Marsh lhes oferecia a preços modestos.

Os passageiros dos camarotes tinham pago dez dólares, pelo menos aqueles que viajavam até St. Louis. Os camarotes estavam quase todos ocupados, mesmo por aquele preço; o encarregado disse a Marsh que tinham cento e setenta e sete passageiros de camarote a bordo e Marsh achou que era um bom número, com tantos setes. A lista incluía uma dúzia de donos de plantações, o presidente de uma grande companhia de peles de St. Louis, dois banqueiros, um inglês rico e as suas três filhas e quatro freiras de Iowa. Também tinham um padre a bordo, mas não fazia mal, uma vez que não levavam nenhuma égua cinzenta; todos os homens do rio conheciam a superstição que dizia que transportar no mesmo barco um padre e uma égua cinzenta era um convite para o desastre.

Quanto à tripulação, Marsh estava bastante satisfeito. Bem, os dois pilotos não eram nada de especial, mas também só tinham sido contratados temporariamente para levar o barco até St. Louis; além do mais, eles eram pilotos do rio Ohio e o *Fevre Dream* ia navegar no rio Nova Orleães. Marsh já tinha escrito cartas para St. Louis e Nova Orleães e tinha já um par de excelentes pilotos do baixo Mississípi à sua espera na Casa da Plantação. No entanto, Marsh sabia que a restante tripulação era tão boa quanto a de qualquer outro barco a vapor, de qualquer outro rio. O engenheiro chamava-se Whitey Blake, um homenzinho irascível cujos ferozes bigodes brancos estavam sempre cheios de manchas de óleo dos motores. Whitey

já acompanhara Abner Marsh no *Eli Reynolds*, mais tarde no *Elizabeth A.* e depois no *Sweet Fevre*; não havia ninguém que entendesse mais de motores a vapor do que ele. Jonathon Jeffers, o encarregado, tinha óculos de aros dourados, cabelo castanho puxado para trás e polainas com elegantes botões de bronze, mas era o melhor com os números, era o melhor a negociar, nunca se esquecia de nada, sabia regatear e jogar bem xadrez. Jeffers trabalhava no escritório principal da Companhia até que Marsh o chamou para o *Fevre Dream*. Aceitara de imediato, porque apesar do seu aspecto elegante, Jeffers era um homem do rio até ao âmago da sua alma. Também tinha uma bengala, desta feita com um punho dourado como o de uma espada. O cozinheiro era um homem de cor, livre, chamado Toby Lanyard, que estava com Marsh há catorze anos, desde que Marsh provara a sua comida em Natchez; comprou-o e ofereceu-lhe a carta de alforria. O imediato — que se chamava Michael Theodore Dunne, embora ninguém lhe chamasse outra coisa a não ser Mike Cabeludo, com excepção dos estivadores que lhe chamavam Senhor Dunne — era um dos maiores, mais terríveis e mais teimosos homens do rio. Tinha mais de um metro e oitenta, olhos verdes, bigodes pretos e cabelo encaracolado preto a cobrir-lhe os braços, as pernas e o peito. Tinha uma maneira obscena de falar, o rastilho curto e nunca ia a lado nenhum sem a sua barra de ferro de quase um metro. Abner Marsh nunca vira Mike Cabeludo bater em ninguém com a barra, só uma ou duas vezes, mas estava sempre a postos na sua mão e dizia-se que, em certa ocasião, tinha aberto a cabeça de um homem que deixara cair um barril de brandy ao rio. Era um imediato rude e justo e, no seu turno, ninguém deixava cair nada ao rio. Toda a gente no rio tinha um grande respeito por Mike Dunne Cabeludo.

Aqueles homens do *Fevre Dream* compunham uma tripulação e tanto. Todos fizeram o seu trabalho, desde as primeiras horas do dia, por isso, quando o céu de New Albany se encheu de estrelas, a carga e os passageiros estavam a bordo, devidamente registados, o vapor já estava a erguer-se e as caldeiras já rugiam com uma terrível luz rosada e calor suficiente para tornar o convés principal mais quente que as colinas de Natchez numa noite de Verão; na cozinha, estava a ser preparada uma requintada refeição. Abner Marsh verificou tudo e quando ficou satisfeito, foi até à cabine do piloto, que se erguia resplandecente e ativa por cima do caos e gritaria dos andares inferiores.

— Recue — disse Marsh para o piloto.

O piloto libertou algum vapor e fez com que as duas grandes rodas laterais comessem a andar para trás. Abner Marsh ficou respeitosamente atrás dele e o *Fevre Dream* deslizou suavemente por entre as águas escuras e cheias de estrelas do Ohio.

Uma vez no meio do rio, o piloto reverteu o movimento das rodas e fê-las girar a favor da corrente; o grande barco vibrou um pouco e entrou no canal principal com a maior facilidade; as rodas faziam o seu barulho constante — *chunkachunkachunkachunka* — enquanto giravam e faziam passar a água; o barco movia-se cada vez mais depressa, com a velocidade da corrente e do seu próprio vapor, brilhando como um barco saído de um sonho, veloz como o pecado, veloz como o próprio *Eclipse*. Por cima das suas cabeças, as chaminés expeliram duas grandes colunas de fumo preto e nuvens de fagulhas voaram e desapareceram atrás delas, caindo no rio para morrer, como um bando de pirlampos vermelhos e alaranjados. Aos olhos de Abner Marsh, o rasto de fumo, vapor e fagulhas que iam ficando para trás do barco eram como uma visão mais delicada e impressionante que todos os foguetes que alguma vez iluminaram os céus de Louisville no 4 de Julho. O piloto levantou o braço e fez soar o apito de vapor e o longo grito agudo quase os ensurdeceu; era um apito maravilhoso com um tom selvagem e arrepiante e uma profundidade que podia ser ouvida a quilómetros de distância.

Só depois de as luzes de Louisville e New Albany desaparecerem atrás deles e de o *Fevre Dream* deslizar suavemente por entre as margens tão negras e vazias como há um século atrás, Abner Marsh se apercebeu que Joshua York tinha subido até à cabine do piloto e estava de pé, ao seu lado.

Estava muito bem vestido, com calças e casaco de abas de grilo do branco mais puro, com um colete azul-escuro, uma camisa branca cheia de folhos e nervuras e uma gravata de seda azul. A corrente do relógio de bolso que se estendia através do colete era de prata e, na mão pálida, York usava um grande anel também de prata, com uma pedra azul brilhante incrustada. Branco, azul e prata, eram as cores do barco e York parecia integrar-se nele na perfeição. A cabine do piloto estava decorada com vistosas cortinas azuis e prateadas e o grande sofá que se encontrava encostado à parede de trás era também ele azul, assim como o oleado.

— Viva, gosto muito da sua roupa, Joshua — disse Marsh.

York sorriu.

— Obrigado — respondeu. — Pareceu-me apropriado. Você também está impressionante.

Marsh tinha comprado um casaco novo com botões de bronze brilhantes e um boné com o nome do barco bordado com fio de prata.

— Pois — respondeu Marsh. Nunca se sentia à vontade ao receber elogios; sentia-se mais confortável com a rudeza. — Bem, já estava levantado quando saímos do porto?

York dormira durante quase todo o dia na cabine do capitão, enquanto Marsh suava as estopinhas, se preocupava e desempenhava a maior parte

das funções de um verdadeiro capitão. Marsh tinha-se habituado lentamente à rotina de York e dos seus amigos, que consistia em estarem acordados de noite e dormirem de dia. Conhecera outras pessoas que gostavam deste mesmo ritmo e na única ocasião em que perguntou a Joshua a que se devia este hábito, Joshua limitou-se a sorrir e a recitar um poema qualquer sobre “os dias de festa”.

— Estava no primeiro convés, à frente das chaminés, a observar tudo. Quando começámos a navegar, ficou um pouco mais fresco lá em cima.

— Um barco a vapor rápido faz o seu próprio vento — disse Marsh. — Por muito quente que o dia esteja ou por muita lenha que as fornalhas queimem, lá em cima é sempre um pouco mais fresco. Às vezes, sinto uma pontada de pena daqueles desgraçados que viajam no convés principal, mas com os diabos, também só pagaram um dólar.

— Naturalmente — concordou Joshua York.

Naquele preciso instante, o barco estremeceu um pouco e ouviu-se um baque surdo.

— O que foi isto? — Perguntou York.

— O mais provável é termos passado por cima de um tronco que boiava no rio — respondeu Marsh. — Não é assim? — Perguntou ao piloto.

— Só batemos ao de leve — respondeu o homem. — Não se preocupe, Capitão. Isto não faz estragos.

Abner Marsh acenou com a cabeça e virou-se para York.

— Bem, vamos descer para o salão principal? Os passageiros devem andar por lá, uma vez que é a primeira noite, por isso podemos juntar-nos a eles, conversar um pouco, para nos certificarmos de que está tudo em ordem.

— Terei todo o gosto — respondeu York. — Mas antes disso, Abner, vamos ao meu camarote tomar uma bebida? Temos de celebrar a nossa partida, não lhe parece?

Marsh encolheu os ombros.

— Uma bebida? Bem, não vejo porque não. — Tocou na ponta do chapéu e acenou ligeiramente com a cabeça em direcção ao piloto. — Boa noite, Senhor Daly. Se quiser, mando trazer-lhe uma chávena de café.

Saíram da cabine do piloto e voltaram a juntar-se no camarote do capitão, parando por instantes, enquanto York abria a porta — insistira que o seu camarote e todos os restantes camarotes de luxo do barco tivessem boas fechaduras nas portas. Era uma exigência um tanto peculiar, mas Marsh não se importara nada com ela. Afinal, York não estava habituado à vida a bordo de um barco a vapor e a maior parte dos seus pedidos fora bastante razoável, como por exemplo aquela prata toda e os espelhos que faziam com que o salão principal fosse um local tão grandioso.

O camarote de York tinha o triplo do comprimento e o dobro da largura dos restantes camarotes de luxo, por isso, de acordo com os padrões do barco, era gigantesco. Aquela era a primeira vez que Abner Marsh entrava no camarote de York desde que ele se instalara; olhou curiosamente em redor. Um par de candeeiros a óleo em lados opostos do camarote conferia-lhe uma atmosfera serena e acolhedora. As grandes janelas de vitrais estavam agora escurecidas, com as portadas fechadas e pesados reposteiros de veludo preto corridos; à luz dos candeeiros ainda pareciam mais suaves e requintados. Num dos cantos estava uma cómoda alta com um lavatório em cima e um espelho emoldurado a prata pendurado na parede. A cama era estreita, mas com um colchão de penas de aspecto confortável, duas grandes poltronas de couro e uma secretária imensa de pau-rosa com uma série de gavetas, recantos e divisórias. Estava embutida numa das paredes. Por cima dela, fora afixado um bonito e antigo mapa do sistema hídrico do Mississipi. O tampo da secretária estava coberto com livros mestre de capas de couro e montes e montes de jornais. Essa era outra das particularidades de Joshua York; lia uma quantidade impressionante de jornais, de praticamente todos os lugares — jornais vindos de Inglaterra, escritos em línguas estrangeiras; o *Tribune* do Senhor Greeley e, claro, o *Herald* de Nova Iorque; quase todos os de St. Louis e Nova Orleães e todo o tipo de pequenos semanários das cidades à beira rio. Todos os dias recebia maços de jornais. E livros também; no camarote havia uma estante alta que já estava apinhada de livros. Na mesa-de-cabeceira havia mais livros, com uma vela meia derretida em cima.

Contudo, Abner Marsh não era homem de perder tempo a olhar para livros. Ao lado da estante estava uma garrafeira de madeira, com vinte ou trinta garrafas muito bem arrumadas, deitadas. Marsh foi directamente para a garrafeira e tirou uma garrafa. A garrafa não tinha rótulo e o líquido nela contido era vermelho sombrio, muito escuro, quase preto. Uma película de lacre preto brilhante selava a rolha da garrafa.

— Tem uma faca? — Perguntou a York, virando-se com a garrafa na mão.

— Não me parece que vá apreciar esse *vintage*, Abner — disse York. Estava a segurar um tabuleiro com dois cálices prateados e um decantador de cristal. — Tenho aqui um xerez excelente. Porque não experimentamos este em vez desse?

Marsh hesitou. O xerez de York costumava ser bastante bom e custava-lhe recusar, mas conhecendo Joshua como conhecia, calculou que o vinho que guardava na sua adega privada devia ser excepcional. Além de que estava curioso. Mudou a garrafa de mão. O líquido no interior viajou lentamente de um lado para o outro, arrastando-se languidamente como um licor doce.

— Afinal que vinho é este? — Perguntou Marsh, a franzir o sobrolho.

— É uma mistura caseira — respondeu York. — É uma parte vinho, uma parte brandy e uma parte licor, que não tem o gosto particular de nenhum deles. É uma bebida rara, Abner. Os meus companheiros e eu apreciamos-la bastante, mas a maior parte das pessoas não a acha muito agradável. Tenho a certeza de que ia gostar mais do xerez.

— Bem — disse Marsh, tomando o peso à garrafa, — o mais provável é que qualquer coisa que você beba esteja bem para mim, Joshua. É bem verdade que o seu xerez é bastante bom. — Depois pareceu animar-se. — Mas nós não temos pressa para ir a lado nenhum e eu estou com uma sede terrível. Porque não experimentamos os dois?

Joshua York deu uma gargalhada, um som de diversão pura e espontânea, profundo e musical.

— Abner — disse, — você é um homem singular e formidável. Gosto de si. No entanto, sei que não vai apreciar esta minha bebida. Mas ainda assim, se insiste, vamos bebê-la juntos.

Instalaram-se nas poltronas de couro e York pousou o tabuleiro na mesa de apoio entre ambas. Marsh entregou-lhe a garrafa de vinho, ou lá o que era. Algures de dentro das imaculadas pregas do seu fato branco, York tirou uma pequena e esbelta faca com o cabo de marfim e a lâmina de prata. Cortou o lacre e com um único movimento hábil, espetou a ponta da faca na rolha e tirou-a com um estalido. O líquido correu lentamente, deslizando como mel vermelho-escuro para os cálices de prata. Era opaco e parecia estar repleto de minúsculas centelhas negras. Era forte, duro; Marsh levantou o cálice e cheirou-o; o álcool fê-lo ficar com os olhos cheios de lágrimas.

— Devíamos fazer um brinde — disse York, erguendo o seu cálice.

— Ao dinheiro que vamos ganhar — brincou Marsh.

— Não — respondeu York com seriedade.

Marsh achou que aqueles seus olhos cinzentos e demoníacos tinham uma expressão de solene melancolia. Esperou que York não estivesse prestes a começar a recitar poesia novamente.

— Abner — continuou York, — sei o que o *Fevre Dream* significa para si. Quero que saiba que para mim tem o mesmo significado. O dia de hoje marca o início de uma vida nova para mim. Eu e você, juntos, fizemos deste barco aquilo que ele é e vamos continuar até fazer dele uma lenda. Eu sempre admirei a beleza, Abner, mas esta é a primeira vez numa vida longa em que criei alguma forma de beleza, ou pelo menos ajudei a criar. É um sentimento agradável, trazer algo de novo e delicado ao mundo. Principalmente para mim. E tenho de lhe agradecer por isso. — Ergueu o cálice. — Vamos brindar ao *Fevre Dream* e a tudo o que ele representa, meu amigo: à beleza, à liberdade e à esperança. Ao nosso barco e a um mundo melhor!

— Ao barco mais rápido do rio! — Respondeu Marsh.

Os homens beberam um gole. Marsh quase se engasgou. A bebida privada de York descia como se fosse fogo, cauterizando a garganta e espalhando os tentáculos quentes nas suas entranhas, mas também provocava uma espécie de fastio e tinha uma doçura indisfarçável. Parecia que alguma coisa tinha apodrecido na garrafa, pensou Abner Marsh.

Joshua York bebeu o conteúdo do cálice de um só trago, com a cabeça inclinada para trás. Depois pousou-o na mesinha, olhou para Marsh e deu uma nova gargalhada.

— A expressão no seu rosto, Abner, é maravilhosamente grotesca. Não se sinta obrigado a ser cortês. Eu avisei-o. Porque não bebemos um pouco de xerez?

— Acho que é melhor, sim — respondeu Marsh. — Acho que é mesmo uma boa ideia.

Mais tarde, quando dois cálices de xerez já tinham apagado o sabor da bebida de York da boca de Marsh, os dois homens começaram a falar.

— Qual é a nossa próxima paragem depois de St. Louis, Abner? — Perguntou York.

— Nova Orleães. Não há mais nenhuma rota comercial para um barco tão grande como este.

York abanou a cabeça com impaciência.

— Eu sei disso, Abner. Estava apenas curioso em saber como planeia concretizar o seu sonho de vencer uma corrida com o *Eclipse*. Vai à procura dele e lança-lhe o desafio? Eu não me importo, desde que isso não atrase exageradamente o nosso progresso ou nos obrigue a alterar a rota.

— Quem me dera que fosse assim tão simples, mas não é. Com os diabos, Joshua, há milhares de barcos a vapor neste rio e todos eles gostariam de vencer o *Eclipse*. Ele também tem rotas a seguir, exactamente como nós, tem passageiros e carga para transportar. Não pode andar sempre metido em competições. De qualquer maneira, o capitão seria um idiota se aceitasse um desafio da nossa parte. Afinal, quem somos nós? Um barco a vapor acabadinho de sair dos estaleiros de New Albany e de que ninguém ouviu falar. — Esvaziou outro copo de xerez e estendeu-o a York, para que este voltasse a enchê-lo. — Não, primeiro vamos trabalhar na nossa rota, vamos construir uma boa reputação. Precisamos de ficar conhecidos por todo o rio como um barco rápido. Dentro de pouco tempo, as pessoas vão começar a comentar como o *Fevre Dream* é rápido e como seria um encontro entre o nosso barco e o *Eclipse*. Talvez nos cruzemos com ele um par de vezes no rio e, digamos, nos limitemos a passar ao seu lado. Isso vai ser motivo de conversa e as pessoas vão começar a fazer apostas. Talvez possamos fazer alguns dos percursos do *Eclipse*, mas com melhores tempos. Um barco

rápido começa sempre a reunir a preferência da clientela, sabe? Os donos das plantações, os transportadores e toda a gente que faz parte do negócio querem levar as suas coisas para os mercados o mais depressa possível, por isso escolhem o barco mais veloz que estiver disponível. E os passageiros, bem, todos adoram viajar num barco famoso, se tiverem dinheiro para isso. Por isso, o que acontece é que algum tempo depois de iniciarmos a nossa actividade, as pessoas começam a pensar que somos o barco mais rápido do rio e a clientela vai começar a dirigir-se instintivamente para nós. O *Eclipse* vai ficar afectado onde mais lhe dói: nos cofres. Depois disso, vai ver a facilidade com que eles nos vão desafiar para uma corrida, só para provarem de uma vez por todas quem é o mais rápido.

— Estou a ver — disse York. — Esta viagem até St. Louis já vai dar início à construção da nossa reputação?

— Bem, não estou a tentar alcançar nenhum tempo recorde. O barco é novo e ainda precisamos de ver como se comporta. Nem sequer temos os pilotos definitivos a bordo. Não sabemos ainda em profundidade como ele se comporta e temos de dar ao Whitey algum tempo para resolver os pequenos problemas característicos dos motores e para treinar convenientemente os seus operários. — Pousou o cálice vazio. — O que não quer dizer que não podemos começar de outras formas, claro — acrescentou com um sorriso. — Ando aqui a pensar numa coisa que segue mais ou menos esta linha de acção. Depois verá.

— Ótimo — disse Joshua York. — Mais xerez?

— Não — disse Marsh. — Acho que devíamos ir agora até ao salão. Pague-lhe uma bebida no bar. Garanto-lhe que vai saber melhor do que aquele maldito licor de que tanto gosta.

York sorriu.

— Com todo o gosto — respondeu.

Para Abner Marsh, aquela noite não era como as outras. Era uma noite mágica, um sonho. Seria capaz de jurar que a noite tinha pelo menos quarenta ou cinquenta horas e cada uma delas era inestimável. Ele e York ficaram a pé até de madrugada, a beber, a conversar e a cirandar pela maravilha de barco que tinham construído. No dia seguinte, Marsh acordou com uma dor de cabeça tão grande que mal se lembrava do que tinha feito na noite anterior. Mas alguns momentos estavam indelevelmente marcados na sua memória.

Recordava-se de entrar no salão principal e foi melhor do que entrar no mais imponente hotel do mundo. Os lustres estavam brilhantes, com as velas acesas e os vidros lapidados a refulgir. Os espelhos faziam com que a longa e estreita cabine parecesse ter o dobro da largura. Um grupo de pessoas estava reunido em redor do bar, a falar sobre política e outros

assuntos; Marsh juntou-se a elas por um instante e ouviu-as a queixarem-se dos abolicionistas e a discutir se o Stephen A. Douglas devia ser presidente ou não; entretanto, York cumprimentou Smith e Brown, que estavam numa das mesas de jogo com alguns donos de plantações e um jogador famoso. Alguém tocava no piano de cauda, as portas dos camarotes de luxo abriam-se e fechavam constantemente; todo o espaço estava repleto de vida, luz e gargalhadas.

Mais tarde, desceram ao convés principal e entraram num mundo completamente diferente; carga empilhada por todo o lado, estivadores e grumetes a dormir em cima de rolos de corda e sacas de açúcar, uma família reunida em volta de uma pequena fogueira que acenderam para cozinhar uma ou outra coisa, um bêbado desmaiado nas escadas. A sala dos motores estava iluminada com o diabólico brilho avermelhado das fornalhas; Whitley estava no meio da sala, com a camisa ensopada em suor e óleo na barba, enquanto gritava com os operários para se fazer ouvir por cima do rugido dos motores e do *chunkachunka* das rodas a fazer passar a água. Os pistões eram fascinantes, a movimentar-se para a frente e para trás nos seus longos e poderosos impulsos. Marsh e York ficaram a observar por instantes, até o calor e o cheiro a óleo ser demasiado forte para eles.

Algum tempo depois, subiram para o primeiro convés, passando uma garrafa entre ambos, caminhando e conversando vagarosamente ao sabor do vento fresco que o barco provocava. Por cima das suas cabeças, as estrelas estavam tão brilhantes como diamantes; as bandeiras do *Fevre Dream* agitavam-se ao vento tanto no poste da proa como no da popa e o rio em seu redor estava mais negro do que o escravo mais escuro que Marsh alguma vez vira.

Vogaram durante toda a noite, com Daly a fazer um longo turno no seu lugar da cabine do piloto, mantendo-os a uma velocidade razoável, embora não estivesse perto da velocidade que conseguiriam atingir se fossem pressionados, Marsh sabia bem; ao longo do Ohio escuro, só o nada os rodeava. Foi uma viagem impecável, sem ramos, árvores ou bancos de areia para os arrelhar. Só por duas ocasiões foram obrigados a enviar um pequeno barco batedor para avaliar o rio à sua frente, mas de ambas as vezes encontraram boas águas e o *Fevre Dream* continuou a sua marcha. Viam-se algumas casas nas margens, a maior parte escuras e com as portadas fechadas, mas uma delas tinha luz na janela mais alta. Marsh questionou-se quem estaria acordado ali e o que pensaria ao ver o barco a passar. Devia ser uma bela visão, com todos os conveses iluminados, a música e as gargalhadas a deslizar pela água, as fagulhas e o fumo das chaminés e o nome pintado na casa das rodas, *Fevre Dream*, com as letras grossas, elegantes, azuis com um rebordo prateado. Quase desejou estar na margem para o ver passar.

O momento mais excitante do serão surgiu pouco antes da meia-noite, quando avistaram outro barco a vapor a agitar as águas à sua frente. Quando Marsh o viu, pegou em York pelo cotovelo e conduziu-o até à cabine do piloto. Estava cheia de gente; Daly continuava à roda do leme, a bebericar café, enquanto dois outros pilotos e três passageiros estavam sentados no sofá atrás dele. Os pilotos não tinham sido contratados por Marsh, mas se quisessem, podiam andar livremente em todos os barcos e o mais habitual era viajarem na cabine do piloto, para falarem com ele e poderem observar o rio. Marsh ignorou-os.

— Senhor Daly — disse, — vai um barco a vapor à nossa frente.

— Pois já o vi, Capitão Marsh — respondeu Daly com um sorriso lacónico.

— Que barco será? Faz alguma ideia, Daly?

Fosse que barco fosse, não era lá grande coisa; era um barco atarracado de roda à popa com uma cabine de piloto que mais parecia uma caixa de fósforos.

— Não faço, não — respondeu o piloto.

Abner Marsh virou-se para Joshua York.

— Joshua, o verdadeiro capitão deste barco é você e não quero estar a dar-lhe demasiadas sugestões. Mas a verdade é que estou terrivelmente curioso para saber que barco é aquele que vai à nossa frente. Porque não aconselha aqui ao Daly que vá atrás do barco para ver se o apanhamos e se eu satisfação esta minha curiosidade?

York sorriu.

— Certamente. Senhor Daly, o senhor ouviu o Capitão Marsh. Acha que o *Fevre Dream* consegue apanhar aquele barco que ali vai?

— Este barco consegue apanhar seja quem for — respondeu o piloto.

Falou com o engenheiro para que este lhe desse mais vapor e voltou a apitar; o grito selvagem ecoou por todo o rio, como se estivesse a avisar o barco que ia à sua frente que o *Fevre Dream* ia atrás dele.

O apito foi o suficiente para fazer com que todos os passageiros saíssem do salão principal e fossem até ao convés. Até os passageiros do convés se levantaram das sacas de farinha para ver o que se passava. Um par de passageiros foi até ao cimo das escadas e tentou entrar na cabine do piloto, mas Marsh enxotou-os novamente para baixo, assim como aos três que já lá estavam. Quando se tornou evidente que iam passar ao lado de outro barco e como era habitual neste tipo de situações, todos os passageiros se dirigiram para a frente do barco e mais tarde para bombordo.

— Malditos passageiros — disse Marsh a York. — São incapazes de manter um barco equilibrado. Um destes dias, vão todos para o mesmo lado e fazem virar o pobre do barco, com toda a certeza.

Apesar de todas as suas queixas, Marsh estava maravilhado. Lá em baixo, Whitey estava a queimar mais lenha que anteriormente, as fornalhas rugiam e as rodas giravam cada vez mais depressa. A manobra acabou pouco tempo depois. O *Fevre Dream* parecia devorar os quilómetros que o separavam do outro barco e quando o ultrapassou, ouviu-se um aplauso entrecortado vindo dos conveses inferiores; era música para os ouvidos de Marsh.

Ao passar ao lado do pequeno barco de roda à popa, York leu o nome da cabine do piloto.

— Ao que parece, chama-se *Mary Kaye* — disse.

— Ora, macacos me mordam! — Exclamou Marsh.

— Porquê, é um barco conhecido? — Perguntou York.

— Não, com os diabos — respondeu Marsh. — Nunca ouvi falar dele. Quer melhor que isso?

Depois começou a rir muito alto e deu uma palmada nas costas de York; não tardou muito até que todos os homens que estavam na cabine do piloto se juntassem a ele.

Antes que a noite terminasse, o *Fevre Dream* apanhou e ultrapassou meia dúzia de barcos a vapor, incluindo um barco de seis rodas quase do seu tamanho, mas nenhuma dessas vezes voltou a ser tão entusiasmante como a primeira, em que apanharam o *Mary Kaye*.

— Queria saber como íamos começar a construir a nossa reputação — disse Marsh a York, quando saíram da cabine do piloto. — Bem, Joshua, já começámos.

— Já — disse York, olhando de relance para trás, onde o *Mary Kaye* se tornava cada vez mais pequeno com a distância. — Já começámos, sim, senhor.

*A Bordo do FEVRE DREAM,
Rio Ohio, Julho de 1857*

Com ou sem dor de cabeça, Abner Marsh era um homem do rio demasiado bom para dormir durante o dia, principalmente num tão importante como aquele. Sentou-se na cama por volta das onze da manhã, depois de um par de horas de sono, lavou o rosto com um pouco de água tépida que tinha no lavatório da cómoda e vestiu-se. Havia trabalhos a fazer e York não se devia levantar antes de entardecer. Marsh colocou o chapéu na cabeça, franziu o sobrolho ao ver o seu reflexo no espelho e alisou um pouco a barba; depois pegou na bengala e desceu do primeiro convés até ao convés das caldeiras. Foi primeiro aos lavabos e depois entrou na cozinha.

— Faltei ao pequeno-almoço, Toby — disse ao cozinheiro, que já estava a preparar o jantar. — Pede a um dos teus rapazes que me arranje meia dúzia de ovos cozidos e uma fatia de presunto e manda-mos ao convés, está bem? E eles que levem café também. Muito café.

No salão principal, Marsh bebeu uma ou duas bebidas, que o deixaram a sentir-se bastante melhor. Murmurou algumas palavras educadas aos passageiros e empregados e apressou-se a regressar ao primeiro convés para esperar pela comida.

Depois de comer, Abner Marsh sentiu-se a regressar ao seu estado habitual.

Subiu até à cabine do piloto. Era outro piloto que estava ao comando, porque o turno tinha entretanto mudado; a fazer-lhe companhia tinha apenas um dos outros pilotos que viajavam livremente.

— Bom dia, Senhor Kitch — disse Marsh ao seu piloto. — Como está o barco a comportar-se?

— Não tenho do que me queixar — respondeu o piloto. Depois olhou de relance para Marsh. — Este seu barco é bastante atrevido, Capitão. Se o vai levar para Nova Orleães, o melhor é arranjar bons pilotos, que ele exige uma mão firme na roda, lá isso exige.

Marsh acenou com a cabeça. Já estava à espera que assim fosse; era frequente os barcos mais rápidos serem mais difíceis de controlar. Não o incomodava. Não queria nenhum piloto que não soubesse o que estava a fazer por perto da roda do *Fevre Dream*.

— Que tempo estamos a fazer? — Perguntou Marsh.

— Um tempo suficientemente bom — respondeu o piloto com um encolher de ombros. — Ele pode fazer bem melhor, mas o Senhor Daly disse que o Capitão não estava com pressa, por isso vamos com calma.

— Quando chegarmos a Paducah, atraque o barco — ordenou Marsh. — Tenho alguns passageiros para deixar e carga para descarregar.

Ficou mais alguns minutos a conversar com o piloto, até que regressou ao convés das caldeiras.

O salão principal estava a ser preparado para o almoço. A luz brilhante da tarde entrava pelas clarabóias numa cascata colorida e, por baixo dela, uma longa fila de mesas ocupava todo o comprimento do salão. Os empregados estavam a colocar as baixelas de prata e as porcelanas; os copos de cristal brilhavam sob a luz. Marsh identificou os mais deliciosos e requintados odores vindos da cozinha. Parou e encontrou um cardápio, passou os olhos por ele e decidiu que tinha fome. Além de que York ainda não se tinha levantado e era bastante adequado que um dos capitães se juntasse aos passageiros e restantes oficiais para o almoço.

O almoço estava excelente, pensou Marsh. Comeu um grande prato de cordeiro assado em molho de salsa, um pequeno pombo, bastantes batatas irlandesas, milho verde e beterrabas, assim como duas fatias da famosa tarde de castanhas de Toby. Quando o almoço chegou ao fim, Marsh estava a sentir-se bastante satisfeito. Até deu autorização ao padre para que desse uma pequena palestra sobre a importância de evangelizar os índios, embora normalmente não se relacionasse com figuras religiosas nos seus barcos. Era preciso entreter os passageiros de alguma forma, pensou Marsh, e até o cenário mais agradável se tornava entediante após algum tempo.

No início da tarde, o *Fevre Dream* parou em Paducah, que ficava no lado do Kentucky, onde o Tennessee desembocava no Ohio. Era a terceira paragem da viagem, mas a primeira mais prolongada. Tinham parado brevemente em Rossborough durante a noite, para deixar três passageiros e receberam madeira e uma quantidade pequena de carga em Evansville en-

quanto Marsh dormia. Mas em Paducah tinham de descarregar doze toneladas de barras de ferro, assim como alguma farinha, açúcar e livros; também deviam lá estar cerca de quarenta ou cinquenta toneladas de madeira à espera de serem carregadas. Paducah era uma cidade com uma grande produção madeireira, com balsas a descer continuamente pelo Tennessee, cobrindo o rio e atravessando-se no caminho dos barcos a vapor. Como a maior parte dos homens do rio, Marsh não tinha muita paciência para os balseiros. Metade das vezes não traziam iluminação nocturna e quando algum barco pouco afortunado lhes passava por cima, ainda tinham a pruridão de praguejar, gritar e atirar coisas.

Felizmente, enquanto se dirigiam a Paducah e atracavam, não encontraram balsas. Marsh olhou para a carga que estava na margem do rio à espera para ser carregada — que incluía várias pilhas de caixas e fardos de tabaco — e decidiu que seria mais fácil colocar mais carga no convés principal. Seria uma pena, decidiu, sair de Paducah e deixar todos aqueles materiais para outro barco qualquer transportar.

O *Fevre Dream* já estava preso ao cais e um bando de estivadores começara a colocar as tábuas para descarregar os bens. Mike Cabeludo caminhava por entre eles a gritar:

— Rápido, vocês não são passageiros de camarote que estão aqui a passeio. — Ou então: — Rapaz, deixas cair isso e eu deixo cair esta barra de ferro no meio da tua cabeça — além de muitas outras finezas do género.

A plataforma desceu com um baque surdo e alguns passageiros de Paducah começaram a desembarcar.

Marsh tomou uma decisão. Dirigiu-se ao escritório do encarregado, onde encontrou Jonathon Jeffers a lidar com uma série de documentos de conhecimentos de embarque.

— Tem de fazer isso agora, Senhor Jeffers? — Perguntou Marsh.

— Não necessariamente, Capitão Marsh — respondeu Jeffers. Tirou os óculos e limpou-os ao lenço que trazia ao pescoço. — Estes papéis são só para Cairo.

— Ótimo — disse Marsh. — Então venha lá comigo. Vamos a terra saber de quem é aquela carga toda que está ali ao sol, à espera, e para onde vai. Acho que deve ser para algum porto a caminho de St. Louis, pelo menos uma parte, e talvez consigamos ganhar algum dinheiro com o transporte.

— Excelente — respondeu Jeffers.

Levantou-se do banco, endireitou o elegante casaco preto, certificou-se que o grande cofre de ferro estava fechado e pegou na bengala.

— Conheço uma boa taberna em Paducah — acrescentou depois de saírem.

A incursão de Marsh por terra foi frutífera. Encontraram o comerciante de tabaco com relativa facilidade e depois levaram-no para a taberna. Lá, Marsh convenceu-o a entregar a sua mercadoria ao *Fevre Dream* e Jeffers conseguiu negociar um bom preço. Demoraram três horas, mas quando Marsh regressou com Jeffers ao porto e ao *Fevre Dream*, estava bastante satisfeito com o trabalho que fizeram. Mike Cabeludo estava a descansar no cais, a fumar tabaco negro e a conversar com o imediato de outro barco, quando Marsh e Jeffers chegaram.

— Isto agora é nosso — disse Marsh apontando para o tabaco com a bengala. — Diga aos seus rapazes para o carregarem depressa para poderem fazer-nos ao caminho.

Marsh apoiou-se na balaustrada do convés das caldeiras, na sombra, muito satisfeito, a observar os homens a carregar e empilhar os fardos enquanto Whitey soltava vapor. Por acaso, reparou também noutra coisa; uma linha de carruagens puxadas por cavalos pertencentes a um hotel estava à espera na estrada que se situava mesmo junto da saída do barco. Marsh observou-os com curiosidade por instantes enquanto cofiava o bigode e depois subiu para a cabine do piloto.

O piloto estava a comer uma fatia de tarte e a beber uma chávena de café.

— Senhor Kitch — disse Marsh, — não parta sem eu dar ordem.

— Então porquê, Capitão? O barco está quase carregado e com as caldeiras em funcionamento.

— Olhe para ali — disse Marsh levantando a bengala. — Aquelas carruagens estão a trazer passageiros para o cais, ou então estão à espera que eles desembarquem. Mas não são passageiros nossos, nem de nenhum dos barcos de roda à popa que por aqui passam. Tenho cá um palpite.

Alguns minutos depois, o seu palpite verificou-se acertado. A cuspir vapor, fumo e fagulhas pelo Ohio abaixo, tão rápido como um diabo, vinha um longo e elegante barco de rodas laterais. Marsh reconheceu-o quase de imediato, mesmo antes de conseguir ler o seu nome: o *Southerner*, da Companhia de Paquetes de Cincinnati e Louisville.

— Eu sabia! — Exclamou Marsh. — Ele deve ter saído de Louisville meio dia depois de nós. Mas mesmo assim fez um tempo melhor que o nosso.

Foi até às janelas laterais, afastou as cortinas que bloqueavam o quente Sol vespertino e observou o outro barco a vapor a encostar, atracar e os passageiros a começarem a desembarcar.

— Não vai demorar muito tempo — disse Marsh para o piloto. — Não têm cargas nem descargas, apenas passageiros. Vai deixá-lo sair primeiro, entende? Deixe-o descer o rio um pouco, depois recue e vá atrás dele.

O piloto comeu a última garfada de tarte e, com o guardanapo, limpou um pouco de merengue do canto da boca.

— Quer que deixe o *Southerner* sair antes de nós e que depois vá atrás dele para o tentar apanhar? Capitão, vamos respirar o vapor deles durante a viagem toda até Cairo. Depois disso, vai desaparecer à nossa frente.

Abner Marsh ficou com uma expressão tão sombria como uma tempestade prestes a rebentar.

— O que julga que está a dizer, Senhor Kitch? Eu não quero cá ouvir desses disparates. Se o senhor não é um piloto suficientemente bom para o fazer, diga já que eu tiro o Senhor Daly da cama e trago-o para aqui, para tomar conta da roda.

— Mas aquele é o *Southerner* — insistiu Kitch.

— E este é o *Fevre Dream*, nunca se esqueça disso! — Gritou Marsh.

Virou-se e saiu subitamente da cabine, de sobrolho franzido. Aqueles malditos pilotos achavam todos que eram os reis do rio. É claro que, assim que os barcos iniciavam as viagens, eles eram de factos reis e senhores, mas isso não era motivo para ficarem amedrontados com uma pequena corrida e para duvidarem do poder do seu barco.

A sua fúria desvaneceu-se quando verificou que o *Southerner* já estava a dar entrada aos passageiros. Estava à espera de uma ocasião como aquela desde o instante em que o espiou do outro lado do rio em Louisville, mas nem se atrevera a pensar muito no assunto. Se o *Fevre Dream* conseguisse apanhar o *Southerner* e as pessoas que viviam ao longo do rio começassem a falar disso, a sua reputação estaria meia feita. Aquele barco e o seu irmão, o *Northerner*, eram o orgulho da Companhia que os possuía. Eram barcos especiais, construídos em 53 com o intuito específico de serem barcos rápidos. Um pouco mais pequenos que o *Fevre Dream*, eram os únicos dois barcos que Marsh conhecia que não transportavam carga, apenas passageiros. Assim de repente, não entendia bem como os barcos davam lucro, mas isso não era o mais importante. O que era importante era a velocidade que conseguiam atingir. Em 54, o *Northerner* tinha estabelecido o tempo recorde na viagem de Louisville. O *Southerner* quebrou-o no ano seguinte e ainda tinha o tempo mais rápido: um dia e dezanove horas certas. No cimo da cabine do piloto, usava os chifres dourados que indicavam que era o barco a vapor mais rápido do rio Ohio.

Quanto mais pensava na possibilidade de o ultrapassar, mais entusiasmado Abner Marsh ficava. Subitamente, ocorreu-lhe que aquilo era o tipo de coisas que Joshua não queria perder, estivesse ou não na hora do seu sono reparador. Marsh caminhou pesadamente em direcção ao camarote de York, determinado a acordá-lo. Bateu com a bengala na porta, com bastante vigor.

Ninguém respondeu. Marsh bateu novamente, mais alto e com mais insistência.

— Ó da casa! — Troou. — Levante-se, Joshua, vamos entrar numa corrida.

Mas do camarote de York continuava a não vir nenhum barulho. Marsh tentou a porta, mas estava trancada. Fez barulho contra a porta, bateu nas paredes, bateu nas portadas das janelas, gritou; mas não valeu a pena.

— Raios o partam, York — disse. — Levante-se senão vai perder a corrida.

Depois teve uma ideia. Voltou para perto da cabine do piloto.

— Senhor Kitch — gritou lá para cima. Quando abria verdadeiramente a goela, Abner Marsh gritava mais alto que qualquer outra pessoa. Kitch enfiou a cabeça pela porta e olhou para baixo, para Marsh. — Faça soar o apito e mantenha-o a soar até eu lhe acenar, está a compreender?

Regressou para junto da porta fechada de York e bateu novamente com toda a força; subitamente o apito do barco começou a tocar. Uma vez. Duas vezes. Três vezes. Apitos longos e zangados. Marsh bateu com a bengala na porta.

A porta da cabine de York abriu-se.

Marsh viu a expressão dos olhos de York e a sua boca ficou aberta, a meio caminho de um grito. O apito voltou a soar e Marsh acenou apressadamente. O barulho cessou.

— *Entre imediatamente* — disse Joshua York num murmúrio gélido.

Marsh entrou e York fechou a porta com força atrás dele. Marsh ouviu-o correr o ferrolho. Não o conseguia ver. Não conseguia ver nada. Mal a porta se fechou, o camarote de York ficou mergulhado na mais absoluta escuridão. Nem um minúsculo raio de luz entrava pela porta ou pelas janelas com reposteiros e portadas. Marsh teve a sensação de que tinha ficado cego. Mas na sua mente uma visão perdurava, a última coisa que vira antes de a escuridão se abater sobre o camarote: Joshua York, de pé junto da porta, tão nu como no dia em que tinha nascido; a sua pele era impossivelmente branca como o alabastro, os lábios estavam recuados por cima dos dentes numa fúria animal e os olhos eram duas ranhuras sombrias e cinzentas abertas directamente para o inferno.

— Joshua — disse Marsh, — não pode acender uma vela? Ou abrir um pouco as cortinas, ou qualquer coisa? Não vejo nada.

— Pois eu vejo lindamente — respondeu a voz de York vinda da escuridão atrás de si.

Marsh não o ouvira mexer-se. Virou-se e embateu em qualquer coisa.

— *Não se mexa* — ordenou York com tanta força e fúria na voz que

Marsh não teve outro remédio senão obedecer. — Tome, dou-lhe uma luz antes que me destrua o camarote.

Um fósforo acendeu-se do outro lado do camarote e York acendeu a vela que normalmente usava para ler. Depois sentou-se na cama desfeita. Marsh não sabia como, mas York já tinha vestido um par de calças. No entanto, o seu rosto continuava grave e terrífico.

— Pronto — disse. — Agora, *por que motivo está aqui?* Eu avisei-o de que teria que ter uma razão de peso para me acordar!

Marsh estava a começar a ficar zangado. Ninguém falava com ele daquela maneira, ninguém.

— O *Southerner* está à nossa frente, York — disse com brusquidão. — É o barco mais rápido deste rio, tem os chifres dourados e tudo. Estou a preparar tudo para o *Fevre Dream* entrar numa corrida contra ele e julguei que estivesse interessado em assistir. Se acha que isso não é uma razão suficientemente boa para o tirar da cama, então não é um homem do rio e nunca será! E veja lá os modos com que fala comigo, está a entender?

Alguma coisa se incendiou nos olhos de Joshua York, que começou a levantar-se. Mas enquanto o fazia, caiu em si e virou-se.

— Abner — disse. Fez uma pausa e franziu o sobrolho. — Peço desculpa. Não tive intenção de lhe faltar ao respeito ou de o assustar. A sua intenção foi boa.

Marsh ficou surpreendido por ver que ele estava de punho cerrado, antes de se acalmar. York atravessou o camarote com três passos rápidos e decididos. Em cima da secretária estava uma garrafa da sua estranha bebida, daquela que Marsh o obrigara a abrir na noite anterior. Encheu um cálice inteiro e bebeu-o de um só trago.

— Ah — disse suavemente. Depois voltou a virar-se para olhar para Marsh. — Abner, eu dei-lhe o barco dos seus sonhos, mas não como um presente. Nós fizemos um acordo. Você deve obedecer às ordens que dou sem as contestar, deve respeitar o meu comportamento excêntrico e não fazer perguntas. Pretende cumprir a sua parte do acordo?

— Eu sou homem de uma só palavra! — Exclamou Marsh com vigor.

— Ainda bem — disse York. — Agora ouça-me. Eu sei que a sua intenção foi a melhor, mas não fez bem em acordar-me desta maneira. Nunca mais volte a fazê-lo. Nunca mais. Seja por que motivo for.

— Se a caldeira explodir e o barco se incendiar, devo deixá-lo a torrar aqui dentro, é?

Os olhos de York brilharam na meia-luz.

— Não — admitiu. — Mas se o fizesse, era capaz de ser mais seguro para si. Eu sou bastante rebelde quando me acordam subitamente. Fico bastante alterado. Sou conhecido por, em ocasiões como esta, fazer certas coisas de

que mais tarde me arrependo. Foi por isso que fui tão desagradável consigo. Peço desculpa, mas se me voltar a acordar, pode voltar a acontecer. Ou ainda pior. Está a entender-me, Abner? Nunca mais entre no meu camarote se a porta estiver fechada.

Marsh franziu o sobrolho, mas não lhe ocorreu nada que pudesse dizer. Afinal, ele tinha feito um acordo com York; se ele queria ficar tão perturbado por causa de uma interrupção no sono, era lá com ele.

— Sim, estou a entender — respondeu. — O seu pedido de desculpas está aceite e peço-lhe que aceite também o meu, se é que isso lhe importa. Agora, quer subir comigo e ver-nos a ganhar ao *Southerner*? Uma vez que já está acordado e tudo?

— Não — disse York, com uma expressão sombria. — Não que não esteja interessado num confronto deste tipo, Abner. Porque estou. Mas, entenda por favor, preciso mesmo das minhas horas de descanso; elas são-me vitais. E não gosto de sair durante o dia. O Sol é muito violento, queima. Alguma vez fez uma queimadura grave? Se já fez, pode entender-me bem. Já viu como eu tenho a pele branca. Eu e o Sol não nos entendemos muito bem. É uma condição médica, Abner. Não quero falar mais sobre ela.

— Muito bem — disse Marsh. O convés começou a vibrar ligeiramente por baixo dos seus pés. O apito do barco voltou a soar, estridente, ensurdecador. — Já estamos a recuar — disse Marsh. — Tenho de ir, Joshua, e lamento tê-lo incomodado, a sério que lamento.

York acenou com a cabeça, virou-se e começou a servir outro copo da sua objecta bebida.

— Eu sei — disse, bebericando, dessa vez. — Vá. Vemo-nos esta noite, ao jantar.

Marsh dirigiu-se à porta, mas a voz de York fê-lo parar antes que a abrisse.

— Abner.

— Sim.

Joshua York agradeceu-o com um sorriso pálido e tímido.

— Dê cabo dele, Abner. Vença o *Southerner*.

Marsh sorriu e saiu do camarote.

Quando o fez, o *Fevre Dream* já se tinha afastado do cais e estava a inverter a marcha. O *Southerner* já ia bem avançado pelo rio adentro. A cabine do piloto ia atulhada com uma boa meia dúzia de pilotos que estavam de folga, um tanto ébrios, que se entretinham a mascar tabaco e a fazer apostas sobre se seriam capazes de apanhar o outro barco ou não. Até o Senhor Daly interrompera o seu descanso para vir observar a corrida. Os passageiros sabiam que algo se passava; o convés inferior

estava cheio de gente e as pessoas aglomeravam-se, sentando-se ao longo das balaustradas e empurrando-se contra o castelo da proa para ter uma boa visão.

Kitch virou a grandiosa roda preta e prateada e o *Fevre Dream* saiu ao viés para o canal principal, deslizando na corrente rápida atrás do seu rival. Kitch pediu mais vapor. Whitey atirou algum alcatrão para a fornalha e ofereceu um espectáculo às pessoas que estavam no cais, deitando grandes nuvens de fumo negro enquanto se afastavam pelo rio. Abner Marsh estava de pé atrás do piloto, apoiando-se na bengala, de olhos semicerrados. O Sol da tarde brilhava na água azul límpida à sua frente, deixando reflexos ofuscantes que dançavam, brilhavam e magoavam os olhos, excepto nos locais onde as rodas do *Southerner* deixavam a água e o seu brilho cortados em mil pedaços ardentes.

Por alguns instantes pareceu ser fácil. O *Fevre Dream* avançava a bom passo, libertando vapor e fumo. As bandeiras americanas colocadas na proa e na popa esvoaçavam freneticamente e as rodas batiam na água com um ritmo cada vez mais veloz, os motores rugiam na casa das máquinas. A distância que o separava do outro barco a vapor começou a diminuir a olhos vistos. Mas o *Southerner* não era um *Mary Kaye*, nem um mero barco a vapor com duas rodas pequenas à popa que se pudesse deixar para trás sem grande esforço. Não se passou muito tempo até que o seu capitão e o piloto se apercebessem do que estava a acontecer e a sua resposta foi um impressionante aumento de velocidade. O fumo que expelia tornou-se mais denso e embateu no *Fevre Dream* e as vagas que deixava atrás de si tornaram-se ainda mais violentas e agitadas, obrigando Kitch a virar um pouco o barco para as evitar; ao fazer este movimento, perdeu alguma da força da corrente. A distância entre os dois barcos voltou a aumentar e depois manteve-se estável.

— Deixe-se ficar atrás dele — disse Marsh ao piloto depois de se tornar claro que ambos os barcos estavam a manter as suas posições.

Saiu da cabine e foi à procura de Mike Cabeludo; acabou por conseguir encontrá-lo no castelo da proa do convés principal, com os pés em cima de uma caixa e um grande charuto na boca.

— Reúna os ajudantes e os marinheiros — disse Marsh ao homem. — Quero que equilibrem o barco.

Mike Cabeludo acenou afirmativamente com a cabeça, levantou-se, tirou o charuto da boca e começou a gritar.

Poucos instantes depois, a maior parte da tripulação já estava distribuída à ré e a bombordo, tentando neutralizar parcialmente o peso dos passageiros, que estavam maioritariamente aglomerados à proa e a estibordo para observar a corrida.

— Malditos passageiros — resmungou Marsh.

O *Fevre Dream*, agora ligeiramente mais equilibrado, começou novamente a ganhar terreno ao *Southerner*. Marsh regressou para a cabine do piloto.

Ambos os barcos estavam a navegar a toda a velocidade, que se mantinha bastante semelhante. Abner Marsh achava que o *Fevre Dream* era mais poderoso, mas só isso não era suficiente. Transportava uma carga pesada e ia demasiado metido na água, além de ter de navegar através do rasto do *Southerner*, que fazia com que as ondas batessem no casco e o atrasassem um pouco mais, ao passo que o rival vogava com toda a facilidade, sem carga a bordo a não ser os seus passageiros e através das águas plácidas do rio. Naquele momento, sem contar com problemas de motores ou acidentes, estava tudo nas mãos dos seus pilotos. Kitch segurava atentamente no leme, manobrando-o com facilidade e dando o seu melhor para ganhar todos os minutos possíveis. Atrás dele, Dale e os pilotos vagabundos tagarelavam à vontade, plenos de conselhos sobre o rio, sobre o seu estado e como melhor o percorrer.

O *Fevre Dream* perseguiu o *Southerner* durante mais de uma hora, perdendo-o de vista uma ou duas vezes quando o rio curvava, mas aproximando-se todas as vezes que Kitch fazia as curvas por dentro. Em certa ocasião chegaram a aproximar-se o suficiente para que Marsh conseguisse ver os rostos dos passageiros que se debruçavam nas balaustradas da ré do outro barco, mas depois o *Southerner* impulsionou-se novamente para a frente e voltou a instalar a distância entre ambos.

— Aposto que eles acabaram de trocar de piloto — disse Kitch, cuspidando um monte de sumo de tabaco para um escarrador. — Está a ver a maneira como ele se arrebitou?

— Estou a ver, estou — grunhiu Marsh. — Agora quero é ver-nos arrebitar um pouco também.

Foi então que a sua oportunidade surgiu. Num segundo o *Southerner* estava a manter a distância constante entre ambos, quando começou a fazer uma curva bastante arborizada. Depois, subitamente, o apito começou a soar e o barco abrandou, estremeceu e as rodas laterais começaram a andar para trás.

— Cuidado — disse Daly a Kitch.

Kitch voltou a cuspir e virou o leme, com cuidado, e o *Fevre Dream* atravessou o rasto turbulento do *Southerner* e colocou-se a estibordo, mas afastado. Quando estavam a meio da curva, perceberam qual era o problema; um outro barco a vapor, também bastante grande, com o convés principal praticamente enterrado sob fardos de folhas de tabaco, tinha ficado encalhado num banco de areia. O imediato e a tripulação estavam com

mastros e guinchos a tentar desencalhar o barco. O *Southerner* quase tinha ido contra eles.

Durante longos minutos o rio transformou-se num caos. Os homens no banco de areia acenaram e gritaram, o *Southerner* recuou como um louco e o *Fevre Dream* continuou em direcção às águas calmas do rio. Depois o *Southerner* voltou a colocar as rodas em marcha, a proa virou-se e parecia que estava determinado a atravessar mesmo em frente ao rival.

— Que idiota de merda — disse Kitch, virando um pouco mais o leme e dando ordem a Whitey para não deitar tanto alcatrão na caldeira.

Mas não recuou nem tentou parar o barco. Os dois grandes barcos a vapor encaminharam-se na direcção um do outro, cada vez mais perto. Marsh conseguia ouvir os passageiros a gritar, assustados, no convés inferior e durante um ou dois segundos até *ele* pensou que os dois barcos iam chocar.

Mas depois o *Southerner* perdeu velocidade e o piloto virou a proa novamente contra a corrente; o *Fevre Dream* passou por ele com pouco mais de um metro de distância. No convés inferior, alguém começou a soltar vivas.

— Continue — resmungou Marsh, tão baixo que ninguém seria capaz de o ouvir.

O *Southerner* começou a girar as rodas com toda a velocidade e lançou-se atrás deles, determinado, mas já tinha ficado para trás, não por muito, considerando que levava uma carga menor. Como seria de esperar, todos os passageiros do *Fevre Dream* se precipitaram para a ré e toda a tripulação teve de se apressar para a proa e o barco oscilou com tanta correria.

O *Southerner* estava novamente a ganhar terreno. Estava a tentar passar a bombordo, em paralelo e pouco atrás. A sua proa estava já próxima da popa do *Fevre Dream* e estava a aproximar-se centímetro a centímetro. As amuras de ambos os barcos estavam suficientemente próximas para que os passageiros conseguissem saltar de um para o outro, se tivessem coragem para tanto, embora o *Fevre Dream* fosse superior.

— Maldição — disse Marsh quando o outro barco se colocou quase ao seu lado. — Já chega. Kitch, ligue para o Whitey e diga-lhe que use alguns dos meus barris de banha.

O piloto olhou para ele, com um sorriso de orelha a orelha.

— Banha, Capitão? Oh, eu sabia que o senhor era um indivíduo matreiro! — Vociferou a ordem pelo tubo de comunicação que dava para a casa dos motores.

Os dois barcos a vapor iam ao lado um do outro. A mão de Marsh sobre a bengala estava completamente suada. Lá em baixo, o mais provável era que os marinheiros estivessem a discutir com alguns estrangeiros que se empoleiraram em cima dos barris e tinham de sair antes que a banha

pudesse ser arrastada para as caldeiras. Marsh estava a ficar cada vez mais impaciente, tão quente quanto a banha ficaria. Banha de boa qualidade era bastante dispendiosa, mas era também bastante útil num barco a vapor. O cozinheiro podia usá-la e, quando usada nas caldeiras, produzia *calor* como tudo, que era exactamente o que eles precisavam agora, uma boa onda de vapor quente altamente pressurizado que não conseguiam obter simplesmente através da madeira.

Quando a banha foi finalmente colocada nas fornalhas, nenhum dos presentes na cabine do piloto teve qualquer dúvida. Longas colunas de vapor branco sibilaram pelos tubos acima, o fumo branco saindo rapidamente das chaminés, o *Fevre Dream* resfolegou fogo e avançou um pouco mais; depois começou a ganhar velocidade, o *chunkachunkachunka* tão rápido como as rodas de um comboio, as batidas a serem sentidas nos conveses. O barco afastou-se a voar do *Southerner* e quando o ultrapassou totalmente, Kitsh virou o leme, colocando-o mesmo em frente ao seu rival, deixando-o a vogar na sua ondulação. Todos os pilotos inúteis e desempregados começaram a rir, a passar cigarros e a comentar como aquele era um barco dos diabos, o tal de *Fevre Dream*, à medida que o *Southerner* ia ficando para trás e Abner Marsh sorria como um tonto.

Quando chegaram a Cairo, no local onde as águas límpidas e amplas do Ohio se juntavam ao lamacento Mississípi, levavam um avanço de uns bons dez minutos sobre o *Southerner*. Nessa altura, Abner Marsh já mal se lembrava do pequeno incidente com Joshua York.

*Plantação Julian, Louisiana,
Julho de 1857*

Sour Billy Tipton estava no jardim da frente a atirar a faca contra o tronco de uma grande árvore morta que jazia no caminho de graxilha, quando os cavaleiros se aproximaram. Ainda era de manhã, mas já fazia um calor imenso e Sour Billy estava a suar copiosamente e a pensar em dar um mergulho quando acabasse de se divertir com a faca. Depois viu os dois homens montados surgir do meio da floresta, onde a velha estrada fazia uma curva. Foi até à árvore morta e puxou a faca, fazendo-a deslizar em seguida para a bainha que trazia atrás das costas, já sem se lembrar que queria nadar.

Os cavaleiros aproximaram-se muito lentamente, mas com coragem, cavalgando muito direitos em plena luz do dia, como se pertencessem àquele lugar. Não deviam ser das redondezas, supôs Sour Billy; todos os vizinhos que tinham sabiam que Damon Julian não gostava que se entrasse na sua propriedade sem autorização. Quando os dois homens ainda estavam demasiado afastados para que Sour Billy os reconhecesse, pensou que talvez fossem alguns dos amigos crioulos de Montreuil que ali se deslocavam para arranjar sarilhos. Se assim fosse, iam arrepender-se amargamente.

Depois percebeu por que motivo cavalgavam tão devagar e Sour Billy ficou mais descansado. Dois negros acorrentados vinham aos tropeções atrás dos homens a cavalo. Cruzou os braços e encostou-se à árvore, à espera que eles chegassem até junto de si.

Pouco tempo depois, já os cavaleiros estavam a puxar as rédeas aos cavalos. Um dos homens a cavalo olhou para a casa, com a tinta a descascar

nas paredes e os degraus da frente meio apodrecidos, cuspiu um pouco de sumo de tabaco e virou-se para Sour Billy.

— Esta é que é a plantação de Julian? — Perguntou.

Era um homem grande de rosto muito vermelho com uma verruga no nariz, vestido com couro fedorento e um chapéu de feltro de ar desmazelado.

— É, pois — respondeu Sour Billy. Mas estava a olhar para lá do cavaleiro e do seu companheiro, um rapaz esguio de rosto rosado que devia ser filho do mais velho. Sour Billy dirigiu-se aos dois negros de aspecto desalinhado, cabisbaixos e miseráveis nas suas correntes e sorriu ao vê-los.

— Ora vejam só, se não é a Lily e o Sam. Nunca pensei que vocês voltassem a aparecer por aqui. Já devem ter passado uns dois anos desde que fugiram. O Senhor Julian vai ficar mesmo muito contente por saber que estão de volta.

Sam, um homem grande com um olhar intenso, levantou a cabeça e olhou fixamente para Sour Billy, mas não havia qualquer expressão de desafio nos seus olhos. Apenas medo.

— Encontrámos estes negros lá em cima no Arcansas, o meu rapaz e eu — disse o homem de rosto vermelho. — Tentaram dizer que eram negros livres, mas a mim não me enganaram nem por um minuto, ah, pois não.

Sour Billy olhou para os homens e acenou com a cabeça.

— Continue.

— Estes dois são teimosos como uma mula. Levei um monte de tempo para conseguir que me dissessem de onde é que vinham. Dei-lhes com o chicote e tudo e também usei outros truques que conheço. Normalmente, com os negros, basta assustá-los um bocado e eles dizem logo tudo. Mas com estes não. — Cuspiu. — Bem, mas acabámos por conseguir fazer com que eles falassem. Mostra-lhe, Jim.

O rapaz desmontou, dirigiu-se à rapariga negra e levantou-lhe o braço direito. Faltavam-lhe três dedos na mão. Um dos tocos ainda estava tapado com um pano.

— Começámos pela direita porque reparámos que ela é canhota — disse o homem. — Não queria deixá-la aleijada de mais, entende, mas não encontrámos nada nos jornais, nem panfletos espalhados, por isso... — Encolheu os ombros com eloquência. — Chegámos ao terceiro dedo, como pode ver e o homem começou finalmente a falar. A mulher amaldiçoou-o cá com uma maldade... — Deu uma gargalhada grosseira. — De qualquer maneira, aqui estão os dois. Dois escravos assim sem mais nem menos; termos conseguido apanhá-los deve valer alguma coisa. Este tal de Senhor Julian está em casa?

— Não — respondeu Sour Billy, olhando para o Sol. Ainda faltavam algumas horas para o meio-dia.

— Bem — disse o homem de rosto vermelho, — você deve ser o capataz, certo? A quem chamam de Sour Billy?

— Sou eu mesmo — respondeu. — O Sam e a Lily falaram de mim?

O homem voltou a dar uma gargalhada.

— Oh, eles fartaram-se de falar, assim que descobrimos de onde é que eles tinham fugido. Falaram durante todo o caminho até aqui. Ainda tentámos calá-los uma ou duas vezes, o meu rapaz e eu, mas eles começavam a falar outra vez. E contaram-nos cá umas histórias...

Sour Billy olhou para os dois fugitivos com uma expressão gélida, maliciosa, nos olhos, mas nenhum deles olhou para ele.

— Se calhar, mais vale ficar com estes dois, lidar com eles e dar-nos a nossa recompensa; depois, vamos à nossa vida — disse o homem.

— Não — respondeu Sour Billy Tipton. — Vão ter de esperar. O Senhor Julian vai querer agradecer-lhe pessoalmente. Ele já não se demora muito. Quando anoitecer, já estará de regresso.

— Quando anoitecer, hã? — Repetiu o homem. Ele e o filho entreolharam-se. — É engraçado, Senhor Sour Billy, mas estes negros disseram que era exactamente isso que o senhor ia dizer. Eles contam histórias fantasmagóricas sobre o que acontece nesta casa depois de anoitecer. Por isso, se não lhe fizer diferença, quanto mais cedo eu e o meu rapaz pegarmos no nosso dinheiro e nos pusermos a andar daqui, melhor.

— Para o Senhor Julian não será a mesma coisa — disse Sour Billy. — E também não lhe posso dar o dinheiro. Não me diga que vão acreditar numa história qualquer que dois negros se lembraram de contar?

O homem franziu o sobrolho, mastigando o tabaco durante um instante.

— Histórias de negros é uma coisa — acabou por dizer, — mas sei que os negros de vez em quando também dizem a verdade. Agora, o que vamos fazer, Senhor Sour Billy, é esperar que o Senhor Julian chegue a casa, como o senhor diz. Mas não pense que nos vamos deixar enganar. — Tinha uma pistola à cintura e aproveitou para lhe dar uma palmadinha. — Enquanto espero, vou ficar com esta minha amiga aqui perto de mim e o meu rapaz também tem uma, além de que somos os dois muito habilidosos com as nossas facas. Está a entender? Estes negros avisaram-nos sobre essa pequena faca que o senhor guarda atrás das costas, por isso não se lembre de levar a mão aí atrás, para coçar ou qualquer coisa, senão os nossos dedos também podem ficar com comichão. Vamos só esperar aqui em paz e amizade.

Sour Billy olhou para o captor dos escravos com uma expressão gélida,

mas o corpulento homem era demasiado estúpido para reconhecer o seu significado.

— Vamos esperar dentro de casa — disse Sour Billy, mantendo as mãos afastadas das costas.

— Por mim, tudo bem — disse o captor. Desmontou do cavalo. — Já agora, o meu nome é Tom Johnston e este é o meu filho Jim.

— O senhor Julian vai ficar muito contente de vos conhecer — disse Sour Billy. — Amarrem os cavalos e tragam os negros para dentro. Cuidado com os degraus. Há alguns pedaços apodrecidos.

Enquanto a levavam em direcção à casa, a mulher começou a choramingar, mas Jim Johnston deu-lhe uma bofetada na boca e ela voltou a calar-se.

Sour Billy levou-os até à biblioteca e abriu os pesados reposteiros para deixar entrar alguma luz na sala sombria e poeirenta. Os escravos sentaram-se no chão enquanto os dois homens se estenderam nas poltronas de couro.

— Ora bem — disse Tom Johnston, — isto aqui é muito agradável.

— Está tudo podre e empoeirado, papá — disse o jovem rapaz. — Exactamente como os negros disseram.

— Bem, bem — disse Sour Billy, olhando para os escravos. — Bem, bem. O Senhor Julian não vai ficar muito satisfeito com o facto de vocês terem andado a espalhar histórias sobre esta casa. Só por isso já ganharam umas chicotadas.

O grande escravo negro, Sam, encontrou coragem para levantar a cabeça e dizer cheio de intenção:

— Eu cá não tenho medo do chicote.

Sour Billy sorriu ligeiramente.

— Pois bem, há coisas piores que o chicote, Sam. Há mesmo.

Aquelas palavras foram de mais para a mulher, Lily. Olhou para o jovem rapaz.

— Ele está a dizer a verdade, Menino Jim, está mesmo. Tem de lhe dar ouvidos. Leve-nos daqui para fora antes que anoiteça. O senhor e o seu paizinho podem ficar connosco, ser nossos donos, dar-nos trabalho, vamos trabalhar muito para si, vamos mesmo. Nós não fugimos. Somos bons escravos. Nunca teríamos fugido daqui, se não fosse... se não fosse... *não espere* até à noite, menino, não espere, nessa altura vai ser tarde de mais.

O rapaz bateu-lhe, com força, com a coronha da pistola, deixando um vergão através do rosto dela e fazendo-a cair para trás na carpete onde estava sentada, a estremecer e a chorar.

— Cala-me essa boca preta e mentirosa — disse-lhe.

— Aceita uma bebida? — Perguntou Sour Billy.

As horas foram passando. Beberam quase duas garrafas do melhor brandy de Julian, bebendo-o apressadamente como se fosse uísque barato. Comeram. Conversaram. Sour Billy não falou muito, limitando-se a fazer perguntas para levar Tom Johnston a falar. Este estava bêbado, era vaidoso e estava apaixonado pela sua própria voz. Ao que parecia, os captores de escravos trabalhavam a partir de Napoleon, no Arcansas, mas não passavam lá muito tempo, uma vez que viajavam bastante. Havia uma senhora Johnston, mas ficava em casa com a filha. Eles não lhe contavam grande coisa acerca do seu negócio.

— As mulheres não têm nada que saber das coisas dos homens. Basta contar-lhes uma coisita ou outra, só para elas não nos chatearem a cabeça quando chegamos tarde. Depois, é preciso dar-lhes uns tabefes de vez em quando. — Cuspiu. — É mais fácil deixá-las sem saber grande coisa, por isso, quando aparecemos, ficam sempre gratas.

Johnston deixou Sour Billy com a impressão de que preferia andar a montar prostitutas negras, por isso a mulher não tinha grande importância para ele.

No exterior, o Sol estava a afundar-se em direcção a oeste.

Quando as sombras já se abatiam espessas através da sala, Sour Billy levantou-se, fechou os reposteiros e acendeu algumas velas.

— Vou chamar o Senhor Julian — disse.

Sour Billy achou que, quando se virou para o pai, o Johnston mais novo estava terrivelmente pálido.

— Papá, eu não ouvi ninguém chegar a cavalo — disse.

— Esperem um pouco — disse Sour Billy Tipton.

Deixou-os a sós, atravessou o salão de baile escuro e vazio e subiu a grande escadaria. Uma vez lá em cima, entrou num grande quarto com janelas duplas cobertas por portadas e uma cama ornamentada coberta por um dossel de veludo negro.

— Senhor Julian — chamou suavemente, da porta.

O quarto estava escuro e abafado.

Por trás do dossel algo se mexeu. Os reposteiros de veludo abriram-se. Damon Julian apareceu: pálido, calmo e frio. Os seus olhos negros pareciam destacar-se da escuridão e tocar em Sour Billy.

— Sim, Billy? — Perguntou com a voz suave.

Sour Billy contou-lhe tudo.

Damon Julian sorriu.

— Leva-os até à sala de jantar. Dentro de poucos instantes, junto-me a vós.

A sala de jantar tinha um lustre grandioso, mas Sour Billy não tinha memória de alguma vez o ver aceso. Depois de fazer entrar os captores dos

escravos, pegou numa caixa de fósforos e acendeu uma pequena lamparina de óleo, que colocou no meio da grande mesa, de modo a iluminar o centro da toalha de linho branca, mas a deixar o resto da sala estreita e de tectos altos mergulhada nas sombras. Os Johnston sentaram-se, o mais novo a espreitar para todo o lado com desconforto, sempre com a mão na pistola. Os negros agarravam-se miseravelmente um ao outro na extremidade oposta da mesa.

— Onde está Julian? — Perguntou Tom Johnston grosseiramente.

— Virá em breve, Tom — respondeu Sour Billy. — Espere um pouco.

Ninguém falou durante quase dez minutos. Depois Jim Johnston sus- teve a respiração.

— Papá — disse, — olhe. Está alguém de pé junto daquela porta!

A porta dava acesso à cozinha. Estava escuro como breu. A noite já tinha caído completamente e a única fonte de iluminação daquela parte da casa era a lamparina no centro da mesa. Para lá da porta da cozinha não se conseguia ver nada, apenas sombras vagas e ameaçadoras — e alguma coisa que se assemelhava com um contorno humano estava de pé, muito quieto.

Lily choramingou e o negro Sam segurou-a mais perto do seu corpo. Tom Johnston levantou-se, fazendo arrastar a cadeira no chão de madeira, com o rosto contraído. Sacou da pistola e apontou-a.

— Quem está aí? — Perguntou. — Saia daí!

— Não precisa de se exaltar — disse Damon Julian.

Todos se viraram e Johnston deu um salto como se lhe tivessem prega- do um susto. Julian estava sob o arco que marcava a passagem para o átrio da casa, emoldurado contra a escuridão, a sorrir com o mais encantador dos sorrisos, vestido com um fato negro comprido e uma gravata de seda vermelha a brilhar no pescoço. Os seus olhos eram negros e tinham uma expressão divertida, com a chama da lamparina reflectida nas pupilas.

— É apenas a Valerie que ali está — disse Julian.

Com o ruído das saias a arrastar pelo chão, Valerie saiu da escuridão e ficou junto da porta da cozinha, pálida e imóvel mas, não obstante, impres- sionantemente bela. Johnston olhou para ela e deu uma gargalhada.

— Ah! É apenas uma mulher. Desculpe, Senhor Julian. As histórias que os negros contaram deixaram-me nervoso.

— Compreendo perfeitamente — disse Damon Julian.

— *Há outros atrás dele* — murmurou Jim Johnston.

Naquele momento todos os viam; figuras obscuras, perdidas na escuri- dão que se espalhava nas costas de Julian.

— São apenas alguns amigos meus — esclareceu Damon Julian a sorrir. Uma mulher com um vestido azul-claro apareceu à sua direita. — Esta é Cynthia — apresentou. — Outra mulher, de verde, aproximou-se à esquer-

da. — Adrienne — acrescentou Julian. Levantou a mão num gesto cansado e frouxo, e disse: — E estes são Raymond, Jean e Kurt. — Os homens emergiram das sombras juntos, movendo-se como gatos, vindos de outras portas do enorme salão. — E atrás de vocês estão Alain, Jorge e Vincent.

Johnston virou-se para trás e lá estavam eles, a sair das sombras. Surgiram mais alguns atrás do próprio Julian. Com excepção do ruído dos tecidos a roçar uns nos outros, nenhum deles fazia qualquer barulho ao movimentar-se. E todos os olhavam fixamente, sorrindo de modo acolhedor.

Sour Billy não estava a sorrir, embora estivesse imensamente divertido pela forma como Tom Johnston se agarrava à arma e movimentava os olhos como se fosse um animal assustado.

— Senhor Julian — disse, — devo dizer-lhe que aqui o Senhor Johnston não quer ser enganado. Ele tem uma pistola, Senhor Julian, e o filho tem outra, além de que são ambos muito habilidosos com as facas.

— Ah — disse Damon Julian.

Os negros começaram a rezar. O jovem Jim Johnston olhou para Julian e sacou da pistola.

— A gente trouxe-lhe os escravos — disse, — não o vamos incomodar por causa da recompensa. Vamos só fazer-nos ao caminho.

— Ao caminho? — Perguntou Julian. — Mas eu alguma vez os deixava ir embora sem vos oferecer uma recompensa? Quando vieram desde o Arkansas só para me entregar estes dois negrinhos? Nem pensar!

Julian atravessou a sala. Jim Johnston, hipnotizado pelos seus olhos negros, segurou a pistola ao alto e não se mexeu. Julian tirou-lhe a pistola da mão e pousou-a em cima da mesa. Depois tocou no rosto do jovem rapaz.

— Por baixo de toda a sujidade, és um rapaz muito bonito — disse.

— O que está a fazer ao meu rapaz? — Perguntou Tom Johnston. — *Afaste-se dele!* — Exigiu, brandindo a pistola.

Damon Julian olhou em redor.

— O seu filho tem uma certa beleza rude — disse. — O senhor, por outro lado, tem uma verruga.

— Ele é uma verruga — comentou Sour Billy Tipton.

Tom Johnston fitou-o furioso e Damon Julian sorriu.

— De facto — concordou. — Muito divertido, Billy.

Julian gesticulou em direcção a Valerie e Adrienne. Ambas deslizaram na sua direcção e cada uma delas segurou num dos braços do jovem Jim Johnston.

— Quer ajuda? — Ofereceu Sour Billy.

— Não, obrigado — respondeu Julian.

Com um gesto gracioso, quase improvisado, levantou a mão e cruzou levemente o pescoço comprido do jovem rapaz. Jim Johnston fez um ruído

molhado e engasgado. Uma fina linha vermelha apareceu então atravessada na sua garganta, como se fosse um pequeno colar escarlate ondulante, cujas contas de vermelho vivo surgiam e aumentavam de tamanho enquanto os presentes no salão observavam; cada uma das contas explodiu e formou um pequeno rasto que escorreu pelo pescoço de Jim. Jim Johnston começou a debater-se mas os braços de ferro das duas mulheres pálidas que o seguravam mantiveram-no imóvel. Damon Julian debruçou-se e pressionou a boca entreaberta por cima do golpe, para captar o sangue brilhante e quente que dele jorrava.

Tom Johnston fez um ruído incoerente e animal, vindo do fundo do peito e demorou uma eternidade a reagir. Até que finalmente, tirou o cão da pistola e apontou-a. Alain meteu-se no seu caminho e, subitamente, Vincent e Jean estavam cada um de um lado, e Raymond e Cynthia tocavam-lhe por trás com as mãos gélidas. Johnston praguejou e disparou. Viu-se um clarão e um fio de fumo acre; o esguio Alain cambaleou e caiu para trás, empurrado pela força da bala. Um fio de sangue escuro apareceu na parte da frente da camisa branca que trazia. Meio deitado, meio sentado, Alain tocou no peito e a mão ficou ensanguentada.

Nessa altura, Raymond e Cynthia já tinham Johnston bem seguro e Jean tirou-lhe a arma da mão com um movimento suave e quase imperceptível. O homem corpulento de rosto vermelho não resistiu. Estava a olhar fixamente para Alain. O fio de sangue tinha parado de correr. Alain sorriu, mostrando-lhe longos dentes brancos, terríveis e afiados. Levantou-se e aproximou-se.

— Não — gritou Johnston, — não, eu disparei sobre ti, tu tens de estar morto, eu matei-te.

— Os negros às vezes dizem a verdade, Senhor Johnston — disse Sour Billy Tipton. — Toda a verdade. Devia ter-lhes dado ouvidos.

Raymond meteu a mão por baixo do chapéu desmazelado de Johnston e agarrou-lhe no cabelo, puxando a cabeça para trás e expondo o grosso pescoço vermelho. Alain deu uma gargalhada e rasgou a garganta de Johnston com os dentes. Depois os outros aproximaram-se.

Sour Billy Tipton levou as mãos às costas, puxou a faca e dirigiu-se aos dois escravos.

— Vamos — disse. — O Senhor Julian não vai precisar de vocês esta noite, mas se há coisa que não vão voltar a fazer é fugir. Vão ficar presos na cave. Vamos, rápido, ou deixo-vos aqui com *elas*. — Foram as palavras certas para os fazer mexer, como Sour Billy já sabia que aconteceria.

A cave era pequena e húmida. Para lá chegar era preciso passar por um alçapão colocado por baixo de um tapete. O solo ali era demasiado húmido para se fazer uma cave propriamente dita, mas também aquele espaço não

funcionava como uma cave tradicional. Cinco centímetros de água estagnada cobriam o chão, o tecto era tão baixo que um homem não conseguia estar lá dentro de pé e as paredes estavam verdes de tanto bolor. Sour Billy acorrentou os escravos bem acorrentados, suficientemente perto um do outro para que se pudessem tocar. Achou que estava a ser bastante simpático. Levou-lhes também um jantar quente.

Depois, cozinhou o seu próprio jantar e bebeu o que restava da segunda garrafa de brandy que abriu para os Johnston. Estava mesmo a acabar quando Alain entrou na cozinha. O sangue já tinha secado na camisa e no local onde a bala tinha entrado havia um buraco queimado, mas fora isso, não parecia de todo alterado.

— Já acabou — disse Alain. — Julian quer que vá ter com ele à biblioteca.

Sour Billy empurrou o prato e foi ao encontro do patrão. Ao passar pela sala de jantar, reparou que estava a precisar de uma limpeza urgente. Adrienne, Kurt e Armand estavam a apreciar um bom vinho no silêncio obscuro da sala, os corpos — ou o que restava deles — estavam a poucos metros de distância. Alguns dos outros estavam na sala de estar, a conversar.

A biblioteca estava escura como breu. Sour Billy estava à espera de encontrar Damon Julian sozinho, mas quando entrou, viu três figuras indistintas nas sombras, duas de pé, uma sentada. Não conseguiu descortinar quem lá estava. Esperou junto à porta até que, finalmente, Julian falou.

— De futuro, não voltes a trazer gente desta para a minha biblioteca — disse a voz. — Eram imundos. Deixaram um cheiro terrível.

Sour Billy sentiu uma breve pontada de medo.

— Sim, senhor — disse, olhando para a cadeira de onde Julian tinha falado. — Desculpe, Senhor Julian.

Depois de um momento de silêncio, Julian disse:

— Fecha a porta, Billy. Entra. Podes usar a lamparina.

A lamparina era feita de um exuberante vidro martelado vermelho; a sua chama conferia à sala a luz vermelha-acastanhada do sangue seco. Damon Julian estava sentado na poltrona de costas altas, com os dedos esguios debaixo do queixo e um sorriso débil a pairar-lhe nos lábios. Valerie estava sentada do lado direito. A manga do vestido ficara rasgada durante os procedimentos, mas ela parecia nem ter reparado. Sour Billy achou que ela ainda estava mais pálida que o habitual. A poucos metros de distância, Jean estava de pé junto a outra poltrona, com uma expressão circunspecta e nervosa, girando um grande anel de ouro no dedo.

— *Ele* tem mesmo de estar aqui? — Perguntou Valerie a Julian.

Ela olhou brevemente para Billy, com o desdém a brilhar-lhe nos grandes olhos púrpura.

— Então, Valerie — disse Julian. Estendeu o braço e pegou-lhe na mão. Ela estremeceu e comprimiu os lábios. — Trouxe o Billy até aqui para te tranquilizar — continuou Julian.

Jean ganhou coragem e olhou fixamente para Sour Billy, franzindo o sobrolho.

— Este tal de Johnston tinha mulher.

Então era isso, pensou Sour Billy.

— Está com medo? — Perguntou a Jean, em tom trocista. Jean não era um dos favoritos de Julian, por isso era relativamente seguro provocá-lo um pouco. — Ele tinha mulher, mas não é nada com que precisemos de nos preocupar. Ele não falava muito com ela, nunca lhe dizia por onde andava ou quando regressava a casa. Ela não virá aqui à procura dele.

— Isto não me agrada, Damon — resmungou Jean.

— E quanto aos escravos? — Perguntou Valerie. — Há dois anos que fugiram daqui. Eles contaram coisas aos Johnston, coisas perigosas. Também devem ter falado com outras pessoas.

— Billy? — Inquiriu Julian.

Sour Billy encolheu os ombros.

— Presumo que devem ter contado histórias a todos os negros que encontraram daqui até ao Arcansas — respondeu. — Mas nem por isso fico preocupado. É só um monte de histórias de escravos, ninguém lhes vai dar importância.

— Tenho as minhas dúvidas — disse Valerie. Depois virou-se para Damon Julian, implorando. — Damon, por favor. O Jean tem razão. Estamos aqui há demasiado tempo. Não é seguro. Lembra-te do que fizeram àquela mulher, a tal de Lalaurie em Nova Orleães, a que torturava os seus escravos por diversão? O falatório acabou por lhe ser prejudicial. E o que ela fazia não era nada, comparado com... — Hesitou, engoliu em seco e acrescentou calmamente: — As coisas que nós fazemos. Com as coisas que somos obrigados a fazer. — Virou o rosto de Julian.

Lenta e delicadamente, Julian estendeu a mão nívea e tocou-lhe no rosto pálido, arrastou um dedo numa carícia terna pelo lado do rosto até que chegou ao queixo e o agarrou, obrigando-a a olhar para ele.

— Estás assim tão intimidada agora, Valerie? Devo recordar-te de quem és? Andaste outra vez a dar ouvidos ao Jean? Não me digas que agora é ele o teu mestre. É ele o teu mestre de sangue?

— Não — respondeu ela, com os olhos profundos violeta mais arregalados que nunca e com uma voz receosa. — Não, não é.

— Quem é o teu mestre de sangue, minha querida Valerie? — Perguntou Julian.

Os olhos dele eram cintilantes, pesados e enterraram-se nos dela.

— És tu, Damon — murmurou Valerie. — És tu.

— Olha para mim, Valerie. Achas que tenho de ter medo dos contos que um par de escravos andou a contar por aí? O que me importa o que digam de mim?

Valerie abriu a boca. Mas nem uma palavra saiu dela.

Satisfeito, Damon Julian soltou-a. No local onde os seus dedos haviam pressionado a carne do rosto dela, ficaram profundas marcas vermelhas. Enquanto Valerie recuava, Julian sorriu a Sour Billy.

— O que achas, Billy?

Sour Billy Tipton baixou os olhos e olhou para os pés com nervosismo.

Sabia bem o que devia dizer, mas há algum tempo que andava a pensar e havia coisas que devia dizer a Julian que ele não ia gostar de ouvir. Tinha andado a adiar a ocasião, mas agora não estava a ver grande alternativa.

— Não sei, Senhor Julian — disse debilmente.

— Não sabes, Billy? O que é que não sabes? — O tom era vago e ligeiramente ameaçador.

Mesmo assim, Sour Billy decidiu falar.

— Não sei durante quanto tempo podemos continuar aqui, Senhor Julian — disse corajosamente. — Tenho andado a pensar neste assunto e há coisas que não me agradam. Esta plantação fez muito dinheiro quando o Garoux estava à frente dela, mas agora é praticamente improdutiva. O senhor sabe que eu consigo fazer trabalhar qualquer escravo, sabe bem que sim, mas se eles estiverem todos mortos ou se fugirem, não consigo trabalhar. Quando o senhor e os seus amigos começaram a tirar as crianças das barracas, ou a mandar vir as prostitutas à casa grande, de onde nunca regressavam, foi nessa altura que começaram os nossos problemas. Há mais de um ano que a plantação não tem escravos, excepto aquelas raparigas todas bonitas que eu vou trazendo e elas também não ficam por aqui durante muito tempo. — Sour Billy deu uma gargalhada nervosa. — Não temos colheitas. Já vendemos metade da plantação, que era onde estavam as melhores parcelas de terra. E as tais raparigas bonitas, Senhor Julian, são caras. Estamos com graves problemas de dinheiro. E isso não é tudo. Utilizar os negros é uma coisa, mas recorrer aos brancos para matar a sede é muito perigoso. Talvez em Nova Orleães seja suficientemente seguro, mas tanto o senhor como eu sabemos que quem matou o filho mais novo do Henri Cassand foi a Cara. Ele é nosso vizinho, Senhor Julian. Todos eles sabem que algo muito peculiar se passa nesta plantação; se os escravos e os filhos deles começam a morrer, então é que estamos metidos em sarilhos de verdade.

— Sarilhos? — Repetiu Damon Julian. — Somos quase vinte pessoas, a contar contigo. O que pode este gado fazer contra nós?

— Senhor Julian — disse Sour Billy — e se eles cá vierem durante o dia? Julian acenou casualmente com a mão.

— Isso não vai acontecer. Se acontecer, lidamos com eles como eles merecem.

Sour Billy fez uma careta. Julian podia não estar preocupado, mas quem corria os maiores riscos era Sour Billy.

— Eu acho que ela é capaz de ter razão, Senhor Julian — disse miseravelmente. — Acho que devíamos ir para outro lado. Já esgotámos este local. É perigoso continuar aqui.

— Eu sinto-me confortável aqui, Billy — disse Julian. — Alimentamo-nos do gado. Mas não vou fugir desta gente.

— Então e o dinheiro. Onde vamos arranjar dinheiro?

— Os nossos convidados deixaram dois cavalos. Leva-os a Nova Orleães amanhã e vende-os. Certifica-te de que ninguém percebe de onde vieram. Podes vender também mais alguma parcela de terra. O Neville de Bayou Cross há-de querer comprar terra novamente. Vai falar com ele, Billy — disse Julian com um sorriso. — Até o podes convidar para jantar cá em casa, para discutir a minha proposta. Diz-lhe para trazer a sua adorável mulher e o filho pequeno. O Sam e a Lily podem servir o jantar. Será exactamente como era dantes, antes de os escravos terem fugido.

Ele estava a troçar dele, pensou Sour Billy. Mas nunca era muito seguro encarar com leveza as palavras de Julian.

— A casa — disse Billy. — Se eles vierem cá jantar, vão ver até que ponto a casa está degradada. Não é seguro. Quando chegarem a casa deles, vão começar a espalhar histórias.

— Se eles alguma vez chegarem a casa, Billy.

— Damon — advertiu Jean com a voz a tremer, — não podes estar a querer dizer...

A sala sombria, mergulhada em luz vermelha, estava quente. Sour Billy começara a transpirar.

— O Neville é... por favor, Senhor Julian, não pode matar o Neville. Não pode continuar a tomar as vidas das gentes da vizinhança e a comprar raparigas bonitas.

— Pela primeira vez, a tua criatura está certa — disse Valerie com uma voz débil. — Ouve o que ele diz.

Jean também estava a acenar com a cabeça, encorajado por verificar que os outros lhe davam razão.

— Podia vender a plantação toda — disse Billy. — De qualquer maneira está tudo podre. Podíamos mudar-nos para Nova Orleães, todos nós. Seria

muito melhor se estivéssemos lá. Com tantos crioulos, negros e gente do rio que por ali passa, ninguém ia dar pela falta de mais meia dúzia deles ou menos meia dúzia, entende?

— Não — respondeu Damon Julian, com a maior determinação.

O seu tom de voz dizia-lhes que não ia autorizar mais discussões sobre o assunto. Sour Billy calou-se rapidamente. Jean recomeçou a brincar com o anel, com uma expressão taciturna e assustada nos lábios.

Mas, espantosamente, Valerie decidiu falar.

— Então, vamos *nós*.

Julian virou-se lentamente para ela.

— Nós?

— Jean e eu — respondeu Valerie. — Envia-nos para longe. Será... melhor assim. E para ti também. É mais seguro quando somos menos. As tuas raparigas bonitas vão durar mais tempo.

— Enviar-te para longe, minha querida Valerie? Essa agora, mas eu teria saudades tuas. E ficaria terrivelmente preocupado contigo, também. Para onde irias, pergunto eu?

— Para um lado qualquer. Não importa.

— Ainda tens esperanças de encontrar a tua cidade escura dentro de uma caverna? — Perguntou Julian com ar trocista. — A tua fé é comovente, querida. Confundiste o pobre e fraco Jean pelo teu rei pálido?

— Não — respondeu Valerie. — Não é isso. Nós só queremos parar um pouco. Por favor, Damon. Se ficarmos todos aqui, vão acabar por nos encontrar, vão caçar-nos, matar-nos. Deixa-nos partir.

— Tu és tão bonita, Valerie. Tão requintada.

— Por favor — pediu ela a tremer. — Deixa-nos partir. Descansar.

— Pobre e pequena Valerie — disse Julian. — Não há descanso possível. Para onde quer que vás, a tua sede viajará contigo. Não, ficarás aqui.

— *Por favor* — repetiu ela, quase sem energia. — Meu mestre de sangue.

Os olhos negros de Damon Julian semicerraram-se quase imperceptivelmente e o seu sorriso desvaneceu-se.

— Se estão assim tão ansiosos para sair daqui, talvez deva dar-vos o que tanto desejam.

Valerie e Jean olharam para ele, esperançosos.

— Talvez devesse enviar-vos para longe — ponderou Julian. — A ambos. Mas não juntos, não, não. Tu és tão bonita, Valerie. Mereces muito melhor que o Jean. O que te parece, Billy?

Sour Billy fez um sorriso travesso.

— Envie-os a todos para longe, Senhor Julian. O senhor não precisa de nenhum deles. Já me tem a mim. Mande-os a todos embora, para eles verem como elas lhes mordem.

— Interessante — disse Damon Julian. — Vou pensar no assunto. Agora deixem-me só, todos vós. Billy, vai vender os cavalos. E vai falar com o Neville acerca das terras.

— Sem convite para jantar? — Perguntou Sour Billy aliviado.

— Sem convite para jantar — respondeu Julian.

Sour Billy foi o último a chegar à porta. Atrás dele, Julian apagou a luz e a sala ficou mergulhada na escuridão. Mas Sour Billy hesitou ao chegar à ombreira da porta e virou-se novamente.

— Senhor Julian — disse, — o senhor prometeu... já se passaram anos. Para quando?

— Para quando eu já não precisar de ti, Billy. Tu és os meus olhos durante o dia. Fazes coisas que eu não posso fazer. Como posso eu abrir mão de ti agora? Mas nada receies. Já não vai demorar muito tempo. E quando te juntares a nós, o tempo não terá a menor importância para ti. Os anos e os dias terão o mesmo significado para quem tem a vida eterna.

A promessa encheu Billy de esperança. Foi-se embora para fazer o que Julian lhe ordenara.

Nessa noite teve um sonho. No seu sonho, era tão escuro e gracioso como o próprio Julian, elegante e predador. Era sempre noite nos seus sonhos, enquanto percorria as ruas de Nova Orleães, sob uma Lua cheia e pálida. As pessoas viam-no a passar das suas janelas e varandas de ferro forjado e Billy sentia todos os olhos pregados em si, os homens cheios de medo, as mulheres atraídas pelo seu poder sombrio. Perseguia-os pelo meio da escuridão, deslizando pelos passeios de tijolo sem fazer qualquer ruído, enquanto ouvia os passos frenéticos e os arquejos das suas vítimas. Sob o fogo ondulante de um candeeiro a petróleo, apanhava um jovem elegante e despedaçava-lhe a garganta, com uma gargalhada. Ao longe, uma linda e apaixonada mulher crioula observava-o e ele ia atrás dela, perseguindo-a pelos becos e pátios, enquanto ela corria à sua frente. Até que, finalmente, num pátio iluminado por um candeeiro de ferro forjado, ela virava-se para o fitar. Parecia-se um pouco com Valerie. Os seus olhos eram de cor violeta e estavam repletos de fogo. Ele aproximou-se dela, empurrou-a para a parede e tomou-a. O sangue crioulo era tão caloroso e rico como a carne crioula. A noite era sua, assim como todas as noites até à eternidade e a sede vermelha fazia parte do seu ser.

Quando despertou do sonho, estava quente, febril e os lençóis da sua cama molhados.



St. Louis,
Julho de 1857

O *Fevre Dream* ficou parado em St. Louis durante doze dias. Foram dias ocupados para toda a tripulação, excepto para Joshua York e os seus peculiares companheiros. Abner Marsh levantava-se cedo para trabalhar todas as manhãs; às dez já estava na rua, a reunir-se com clientes, proprietários de hotéis, a promover o barco e a tentar animar o negócio. Tinha uma série de panfletos a promover a Companhia de Barcos a Vapor do Rio Fevre — agora que tinha novamente mais de um barco — e contratou alguns rapazes para afixar os panfletos pela cidade. Enquanto comia e bebia nos melhores locais da cidade, Marsh não se cansou de contar repetidamente a história de como o *Fevre Dream* vencera o *Southerner*, para se certificar de que a notícia se espalhava. Chegou ao ponto de colocar anúncios nos três jornais locais.

Os pilotos que Abner Marsh contratara para percorrerem a parte mais baixa do rio chegaram a bordo assim que o *Fevre Dream* ancorou em St. Louis e enquanto esperavam sem ter o que fazer, aumentaram os seus pagamentos. Os pilotos não saíam baratos, principalmente se tivessem a qualidade daqueles dois, mas Marsh não chorava o dinheiro, uma vez que para o seu barco a vapor queria apenas o melhor. Depois de pagos, os dois homens voltaram à sua espera indolente; os pilotos ganhavam o salário completo durante todo o tempo, mas não faziam qualquer trabalho antes que o barco zarpassse. Tudo o que não fosse pilotar estava abaixo da sua dignidade.

No entanto, os dois pilotos que Abner Marsh encontrara tinham formas distintas de não fazer nada enquanto esperavam. Dan Albright, empertigado, taciturno e elegante, subira a bordo do *Fevre Dream* assim que

o barco entrara no porto e começara por ver o barco, os motores e a cabine do piloto, acenando satisfeito com a cabeça e instalando-se imediatamente no camarote que lhe competia. Passava os dias a ler na bem apetrechada biblioteca do barco, e a jogar xadrez com Jonathon Jeffers no salão principal, embora Jeffers lhe ganhasse invariavelmente. Por outro lado, Karl Framm, podia ser frequentemente encontrado nos salões de bilhar que se espalhavam pela zona ribeirinha, com o seu sorriso desdentado por baixo do chapéu de feltro e abas largas enquanto se gabava da sua posição e do novo barco, que ia conseguir ganhar a todos os outros que andassem pelo rio. Framm tinha uma reputação extravagante. Gostava de se gabar que mantinha uma mulher em St. Louis, uma em Nova Orleães e uma terceira em Natchez-under-the-hill.

Abner Marsh não tinha muito tempo para se preocupar com o que os pilotos andavam a fazer; estava demasiado ocupado a tratar de um assunto ou de outro. Também não via Joshua York ou os seus amigos com muita frequência, embora soubesse que York saía frequentemente à noite para dar longos passeios pela cidade, a maior parte das vezes com Simon, o amigo silencioso. Simon também estava a aprender a misturar bebidas, uma vez que Joshua tinha dito a Marsh que estava a pensar em utilizar os seus dons para trabalhar no bar durante a viagem até Nova Orleães.

Marsh via o seu sócio bastantes vezes durante o jantar, que Joshua York se habituou a fazer no salão principal com os restantes oficiais, antes de se retirar para o seu camarote ou para a biblioteca para ler os jornais, as resmas deles que lhe chegavam, todos os dias, trazidos pelos barcos a vapor que atracavam no porto. Em certa ocasião, York anunciou que ia até à cidade ver a actuação de um grupo de artistas. Convidou Abner Marsh e os restantes oficiais para irem com ele, mas Marsh não estava com disposição para aquelas coisas, por isso York acabou por ir só com Jonathon Jeffers.

— Poemas e peças de teatro — resmungou Marsh para Mike Cabeludo quando os outros dois se afastaram, — faz-nos questionar a que ponto está a chegar este maldito rio.

Depois disto, Jeffers começou a ensinar York a jogar xadrez.

— Ele tem uma inteligência e tanto, Abner — disse Jeffers a Marsh alguns dias depois, na manhã do oitavo dia que passavam em St. Louis.

— Ele quem?

— Então, o Joshua, claro. Ensinei-lhe os movimentos das peças há dois dias. Na noite passada fui dar com ele no salão a ganhar um daqueles jogos do Morphy, que vêm nos jornais de Nova Iorque que ele recebe. É um homem estranho. O que sabe sobre ele?

Marsh franziu o sobrolho. Não queria que as pessoas ficassem demasiado curiosas acerca de Joshua York; era uma parte do acordo.

— O Joshua não gosta muito de falar sobre si. E eu não faço perguntas. O passado de cada homem não me diz respeito, acho eu. E você devia ter a mesma atitude, Senhor Jeffers. Na verdade, é melhor mesmo certificar-se de que o faz.

O piloto arqueou as sobrancelhas escuras e finas.

— Se o senhor o diz, Capitão — respondeu.

Mas havia um sorriso gélido no seu rosto que Abner Marsh achou inquietante.

No entanto, Jeffers não era o único a fazer perguntas. Mike Cabeludo também se dirigiu a Marsh para lhe contar que os marinheiros de convés e os carregadores andavam a ter conversas esquisitas sobre York e os seus quatro convidados e para saber se Marsh queria que ele fizesse alguma coisa acerca do assunto.

— Que tipo de conversas?

Mike Cabeludo encolheu os ombros.

— Sobre ele sair apenas à noite. E sobre os amigos esquisitos dele, também. Sabe o Tom, o carregador da secção do meio, a bombordo? Ele anda a contar umas histórias, diz que na noite em que saímos de Louisville, bem, lembra-se como os mosquitos eram grandes, bem, o Tom diz que viu aquele velho Simon no convés principal, só a admirar as redondezas quando um mosquito lhe pousou no braço; ele deu-lhe uma palmada com a outra mão. Esmagou o mosquito. Mas sabe como eles às vezes andam cheios, por isso, quando os esmagamos, eles rebentam e espalham sangue por todo o lado. O Tom diz que foi isso que aconteceu com o mosquito nas costas da mão do Simon, que quando a levantou, ela estava cheia de sangue. Nessa altura, diz o Tom, o Simon ficou assim parado a olhar para a mão durante muito tempo, depois levantou-a e, raios o partam, se não lambeu o sangue até a mão ficar limpa.

Abner Marsh franziu o sobrolho.

— É melhor dizer ao seu rapaz Tom para parar de contar essas histórias ou vai acabar a carregar o barco de outra pessoa qualquer.

Mike Cabeludo acenou com a cabeça, passou a barra de metal para a outra mão com um ruído seco e virou-se para se ir embora. Mas Marsh impediu-o.

— Não, espere — disse. — Diga-lhe para não andar a espalhar esse tipo de histórias, mas se vir mais qualquer coisa esquisita, que fale consigo ou comigo. Diga-lhe que lhe damos meio dólar se fizer o que lhe manda.

— Por meio dólar ele até começa a mentir.

— Bem, então esqueça o meio dólar, mas diga-lhe o resto.

Quanto mais Abner Marsh pensava na história de Tom, mais incomodado ficava. Ainda bem que Joshua York ia colocar Simon a trabalhar no

bar, onde estava sob o olhar do público e podia ser observado. Marsh nunca gostara de agentes funerários e Simon ainda o fazia recordar alguém sacrílego, quando não o recordava de algum dos seus antigos patrões, claro. Só esperava que Simon não se pusesse a lamber mosquitos enquanto servia bebidas aos passageiros. Esse tipo de coisas podia arruinar rapidamente a reputação de um barco.

Marsh esqueceu-se rapidamente daquele incidente e voltou a mergulhar nos negócios. Porém, na noite anterior à partida, uma outra coisa o deixou incomodado. Tinha ido até ao camarote de Joshua York para rever alguns detalhes sobre a viagem. York estava sentado à secretária, com a esguia faca de marfim nas mãos, a cortar um artigo de um jornal. Conversou brevemente com Marsh sobre os negócios e Marsh estava prestes a sair quando reparou na cópia do *Democrat* que estava em cima da secretária de York.

— Eles deviam publicar um anúncio nosso hoje — disse Marsh, estendendo a mão para alcançar o jornal. — Já acabou de o ler, Joshua?

York gesticulou para o jornal com displicência.

— Se quiser, pode levá-lo — disse.

Abner Marsh levou o jornal debaixo do braço até ao salão principal e folheou-o enquanto Simon lhe preparava uma bebida. Estava aborrecido. Não conseguia encontrar o anúncio. É claro que podia ser apenas um lapso; York tinha recortado uma história na página por trás das notícias sobre embarcações, por isso havia um buraco mesmo no local onde o seu anúncio podia estar. Marsh esvaziou o copo, dobrou o jornal e foi até à cabine do piloto.

— Tem aí o último número do *Democrat*? — Perguntou Marsh a Jeffers. — Acho que aquele maldito Blair deixou o nosso anúncio de fora.

— Está ali à frente — respondeu Jeffers, — mas o anúncio está lá. Veja na página das notícias de embarcações.

E realmente, lá estava ele, uma caixa de texto no meio de uma coluna com caixas de texto semelhantes:

COMPANHIA DE BARCOS A VAPOR DO RIO FEVRE

O magnífico barco a vapor *Fevre Dream* partirá para Nova Orleães, no Louisiana, passando por todos os portos intermédios, na quinta-feira; assegura o melhor tempo de viagem e é tripulado pelos oficiais e marinheiros mais experientes. Para carga ou passagem, dirija-se a bordo ou ao escritório da Companhia no início de Pine St.

— Abner Marsh, president.

Marsh inspeccionou o anúncio, acenou com a cabeça e virou a página, para ver o que Joshua York tinha recortado. A notícia parecia ser uma reimpressão de um jornal mais antigo, acerca de um homem qualquer que trabalhava com madeira, que foi encontrado morto na sua cabana do rio algures a norte de Nova Madrid. O imediato de um barco a vapor que lá parou para comprar madeira encontrou-o morto, depois de chamar por ele e não obter resposta. Alguns pensavam que tinham sido os índios, outros diziam que foram os lobos, uma vez que o corpo estava desfeito e meio comido. A notícia dizia pouco mais.

— Passa-se alguma coisa, Capitão? — Perguntou Jeffers. — Está com uma expressão esquisita.

Marsh dobrou o jornal de Jeffers e colocou-o também debaixo do braço, juntamente com o de York.

— Não, não se passa nada, o diabo do jornal só tem algumas palavras mal escritas.

Jeffers sorriu.

— Tem a certeza? Eu sei que a ortografia não é o seu forte, Capitão.

— Não se ponha outra vez com gracejos comigo, senão atiro-o borda fora, Senhor Jeffers — respondeu Marsh. — Se não se importar, levo o jornal comigo.

— Leve à vontade — respondeu Jeffers, — já acabei de o ler.

De regresso ao bar, Marsh releu a história sobre o madeireiro. Por que razão teria York recortado uma história sobre a morte de um palerma qualquer que se tinha deixado matar pelos lobos? Marsh não conseguia encontrar uma resposta, mas aquilo incomodava-o. Quando levantou os olhos, reparou que Simon o observava através do grande espelho do bar. Marsh dobrou rapidamente o *Democrat* e guardou-o no bolso.

— Dê-me um copinho de uísque — pediu a Simon.

Marsh engoliu o uísque de um só trago e, à medida que o calor se espalhou pelo interior do seu peito, fez um grande:

— Aaaaahh.

O uísque clareou um pouco as suas ideias. Havia maneiras de descobrir mais sobre aquela história, mas, por outro lado, o tipo de notícias que Joshua York gostava ou não de ler não lhe dizia respeito. Além de que tinha dado a sua palavra em como não ia meter o bedelho nos assuntos de York e Abner Marsh gostava de pensar em si como sendo um homem de palavra. Determinado, Marsh pousou o copo e afastou-se do bar. Desceu apressadamente a grande e ondulante escadaria até ao convés principal, enrolou os dois jornais num só fardo e atirou-o para uma das fornalhas negras. Os trabalhadores olharam para ele com estranheza, mas Marsh sentiu-se imediatamente melhor. Um homem não devia andar por aí a alimentar des-

confianças sobre o seu parceiro de negócios, principalmente quando ele era tão generoso e bem-educado quanto Joshua York.

— Para onde estão a olhar? — Perguntou bruscamente aos marinheiros. — Não têm o que fazer? Vou encontrar o Mike Cabeludo e assegurar-me de que ele vos dá trabalho!

Os homens começaram a mexer-se de imediato. Abner Marsh regressou ao salão principal e pediu outra bebida.

Na manhã seguinte, Marsh foi até Pine Street, onde ficava o escritório principal da Companhia e tratou de negócios durante várias horas. Almoçou na Casa da Plantação, rodeado de velhos amigos e velhos rivais, sentindo-se um homem grandioso. Marsh gabava-se imensamente sobre o seu barco a vapor e teve de aturar as gabarolices de Farrell e O'Brien sobre as suas embarcações, mas não fazia mal, ele limitava-se a sorrir e a dizer:

— Bem, rapazes, talvez nos encontremos no rio. Não seria extraordinário?

Nem uma única pessoa mencionou a sua anterior falta de sorte e três homens diferentes vieram ter com ele para lhe perguntar se precisava de algum piloto para a zona do baixo Mississípi. Foram umas horas bem passadas.

Ao dirigir-se para o rio, Marsh passou por acaso em frente a um alfaiate. Hesitou, coçando a barba pensativamente, enquanto ponderava uma ideia que lhe ocorrera de repente. Depois entrou, a sorrir, e encomendou um novo casaco de capitão para si. Branco, com uma fila dupla de botões prateados, como o de Joshua. Marsh deixou dois dólares como depósito e combinou ir buscar o casaco quando o *Fevre Dream* voltasse a passar por St. Louis. Saiu do alfaiate a sentir-se bastante satisfeito consigo próprio.

A margem do rio estava mergulhada num caos. Um carregamento de bens secos tinha chegado um pouco tarde e os marinheiros de convés andavam numa roda-viva para conseguirem carregar tudo. Whitey já tinha o vapor a postos; altas colunas brancas elevavam-se dos tubos e fumo negro saía das extremidades esculpidas das chaminés. O barco a vapor à esquerda do *Fevre Dream* estava a recuar, produzindo grandes nuvens de fumo acompanhadas por muitos apitos e gritos. O barco de rodas laterais à direita estava a descarregar a carga para um barco de cais, um barco a vapor velho e decrépito que estava permanentemente amarrado ao cais. Para cima e para baixo no rio, encontravam-se mais barcos a vapor, até onde a vista alcançava; havia mais barcos do que aqueles que Marsh conseguia contar. A nove barcos para cima, estava o luxuoso *John Simonds*, de três conveses, que naquele momento aceitava passageiros. Um pouco mais abaixo estava o *Northern Light*, de roda lateral, com uma imagem do *Aurora* pintada a cores garridas sobre a cobertura da roda; era um barco novo, diferente para

subir o Mississípi e a Companhia Northwestern dizia que era o barco a vapor mais rápido que alguma vez tinha entrado naquelas águas. A descer o rio vinha o *Grey Eagle*, que o *Northern Light* ia ter de vencer para confirmar a sua reputação. Estavam também ali o *Northerner*, o rude e poderoso *St. Joe*, de roda lateral, o *Die Vernon II* e o *Natchez*.

Marsh olhou para cada um deles à vez, para os intrincados aparelhos suspensos entre as suas chaminés, para os trabalhos de carpintaria requintados, para as tintas brilhantes, para o vapor sibilante e ondulante e para o poder das suas rodas. Depois olhou para o seu próprio barco, para o *Fevre Dream*, todo branco, azul e prateado; pareceu-lhe que o seu vapor se erguia mais alto do que qualquer outro, que o seu apito tinha um tom mais límpido e harmonioso, que a sua tinta era mais imaculada, que as rodas eram mais formidáveis e que se destacava dos restantes, com excepção de três ou quatro barcos, e que era mais comprido do que qualquer um daqueles.

— Vamos apanhá-los a todos — disse Marsh para si próprio e desceu para as entranhas do seu barco.

*A Bordo do Barco a Vapor FEVRE DREAM,
Rio Mississípi, Julho de 1857*

A bner Marsh cortou uma fatia de cheddar da tábua de queijos que estava em cima da mesa, posicionou-o cuidadosamente por cima do que restava da sua tarte de maçã e colheu-os a ambos com o garfo num rápido e destro movimento da sua mão grande e vermelha. Arrotou, limpou a boca com o guardanapo e sacudi algumas migalhas da barba; depois recostou-se com um sorriso nos lábios.

— Estava boa, a tarte? — Perguntou Joshua York, sorrindo para Marsh por cima de um cálice de brandy.

— O Toby não sabe fazer tartes que não sejam boas — respondeu Marsh. — Devia ter provado uma fatia. — Afastou-se da mesa e levantou-se. — Bem, beba lá isso, Joshua. Está na hora.

— Na hora?

— Sim, queria aprender a navegar no rio, não queria? Não vai conseguir fazê-lo aqui sentado, isso lhe garanto.

York acabou o brandy e foi com Marsh até à cabine do piloto. Karl Framm era o piloto de serviço. Estava deitado no sofá, com o fumo a erguer-se em espirais do seu cachimbo, enquanto o seu aprendiz — um jovem rapaz alto com cabelo liso louro que lhe caía pelo pescoço — segurava o leme.

— Capitão Marsh — cumprimentou Framm, com um aceno. — E o senhor deve ser o misterioso Capitão York. Muito gosto em conhecê-lo. Nunca andei num barco a vapor com dois capitães — disse com um grande sorriso, meio torto, que evidenciou um dente de ouro. — Este barco tem quase tantos capitães como eu tenho mulheres. É claro que há motivos. Quero

dizer, este barco tem mais caldeiras, espelhos e prata do que qualquer outro que já vi na vida, por isso acho que também deve ter mais capitães.

O piloto magro inclinou-se para a frente e sacudiu algumas cinzas do cachimbo para dentro do grande fogão de ferro. Estava frio e escuro, uma vez que a noite estava quente e abafada.

— O que posso fazer por vós, cavalheiros? — Perguntou Framm.

— Pode ensinar-nos a conhecer o rio — respondeu Marsh.

Framm ergueu o sobrolho.

— Ensinar-vos a conhecer o rio? Mas eu já tenho aqui um aprendiz. Não é verdade, Jody?

— É pois, senhor Framm.

Framm sorriu e encolheu os ombros.

— Agora, tenho aqui o Jody, mas fiz um acordo com ele: quando ele receber o seu primeiro pagamento, depois de receber a sua licença de piloto e estar inscrito na associação, eu recebo seiscentos dólares. Só estou a fazer isto tão barato porque conheço a família dele. Mas não posso dizer que conheço as vossas famílias, não as conheço *de todo*.

Joshua desabotoou o colete cinzento-escuro. Levava um cinto onde habitualmente se guardava o dinheiro. Tirou uma moeda de ouro de vinte dólares e colocou-a em cima do fogão; o ouro brilhava suavemente contra o ferro preto do fogão.

— Vinte — disse York. Tirou outra moeda do cinto. — Quarenta — contou. Depois tirou outra. — Sessenta. — Quando a contagem chegou aos trezentos dólares, York abotoou o colete. — Receio que neste momento não tenho mais dinheiro comigo, senhor Framm, mas asseguro-lhe que não estou desprovido de fundos. Vamos concordar com a quantia de setecentos dólares para si e outros tantos para o senhor Albright, se ambos concordarem em instruir-me sobre os princípios rudimentares da pilotagem de um barco a vapor e refrescar a memória aqui ao Capitão Marsh, para que ele possa pilotar o seu próprio barco. Este montante será pago imediatamente e não em salários futuros. O que me diz?

Marsh pensou que Framm se manteve bastante calmo durante toda a conversa. Pensativamente, puxou fumo no seu cachimbo, como se estivesse a ponderar a oferta até que decidiu finalmente recolher as moedas de ouro que estavam em cima do fogão.

— Não posso falar pelo senhor Albright, só posso falar por mim, mas eu cá sempre gostei da cor do ouro. Eu ensino-vos. O que me diz em vir até aqui amanhã durante o dia, quando o meu turno começar?

— Isso pode ser do agrado do Capitão Marsh — disse York, — mas eu prefiro começar imediatamente.

Framm olhou em redor.

— Com os diabos. Mas não está a ver? É de *noite*. Há quase um ano que ando a ensinar o Jody e só há coisa de um mês é que o deixo segurar no leme à noite — disse Framm. — Navegar de noite nunca é fácil. Não. — O seu tom de voz era firme. — Ensino-o durante o dia, quando um homem é capaz de ver para onde vai.

— Eu vou aprender de noite. Os meus horários são peculiares, Senhor Framm. Mas não precisa de se preocupar. Tenho uma excelente visão nocturna, melhor do que a sua, desconfio.

O piloto esticou as longas pernas, levantou-se e caminhou até ao leme, tomando-o nas mãos.

— Vai para baixo, Jody — disse para o seu aprendiz. Quando o rapaz se foi embora, Framm disse: — Não há homem que consiga ver suficientemente bem para percorrer uma extensão perigosa do rio durante a noite. — Ficou de pé, de costas voltadas para eles, atento às águas escuras iluminadas pelas estrelas que tinha à sua frente. Ao longe, conseguiam ver as luzes de outro barco a vapor que vogava no rio. — Esta noite está clara, não há nuvens no céu, a Lua está a meio, a água do rio está calma. É como se fosse vidro negro. Olhem para as margens. É muito fácil ver onde elas estão, não é?

— É — respondeu York.

Marsh sorriu, mas não disse nada.

— Pois bem — continuou Framm, — nem sempre é assim. Às vezes não há Lua, outras vezes as nuvens cobrem tudo. Nessas alturas fica tudo terrivelmente escuro. Fica de tal maneira que um homem não é capaz de ver nada. As margens parece que se afastam, por isso não conseguimos ver onde elas estão e se não soubermos o que estamos a fazer, podemos ir direitinhos a elas. Outras vezes, há sombras que se elevam como se fossem terra sólida e temos de saber reconhecer que não são, caso contrário, passamos metade da noite a desviar-nos de coisas que nem sequer existem. Como acha que um piloto consegue conhecer este tipo de coisas, Capitão York? — Framm não lhe deu oportunidade para responder. Bateu com a mão na têmpora. — Recorrendo à sua memória, é como é. Vendo o maldito rio de dia e recordando-se de tudo, de cada curva, de cada casa ao longo da margem, de cada armazém de madeira, dos locais onde a água é profunda e onde é mais baixa, onde se pode atravessar ou não. Um homem conduz um barco a vapor com aquilo que sabe, Capitão York, não com aquilo que vê. Mas antes de saber, tem de se ver e de noite não se vê o suficiente.

— Isso é verdade, Joshua — disse Abner Marsh, colocando uma mão no ombro de York.

— O barco que vai à nossa frente tem uma roda lateral, tem o que me parece ser a letra K pintada entre ambas as chaminés e uma cabine de piloto com um tecto abobadado — disse York calmamente. — Neste momento

está a passar por um armazém de madeira. Há um molhe velho e meio podre que lhe dá acesso e, na extremidade, está sentado um homem de cor, a olhar para o rio.

Marsh largou o ombro de York e foi até à janela, semicerrando os olhos. O outro barco ia bastante afastado. Conseguia perceber que de facto era um barco com roda lateral, mas a letra entre as chaminés... as chaminés eram pretas contra o céu preto, por isso Marsh mal as conseguia ver, mas depois, com a ajuda das fagulhas que saíam de dentro delas...

— Caramba! — Exclamou.

Framm olhou para York com uma expressão surpreendida.

— Eu não consigo ver nem metade das coisas que disse, mas acredito que tem razão.

Alguns minutos depois, o *Fevre Dream* passou pelo armazém de madeira e lá estava o homem de cor, exactamente como York tinha dito.

— Ele está a fumar cachimbo — disse Framm a sorrir, — esqueceu-se de mencionar isso.

— Desculpe — respondeu Joshua York.

— Bem — disse Framm, pensativamente. — Muito bem. — Mordeu o cachimbo, com os olhos colados no rio à sua frente. — Não há dúvida que tem bons olhos, sou obrigado a reconhecer. Mas ainda não estou muito certo. Não é difícil ver um depósito de madeira à distância, numa noite clara. Ver um velho preto já é um bocadinho mais difícil, com a maneira como eles se misturam na noite e tudo, mas ainda assim, isso é uma coisa, o rio é outra. Há montes de coisas que um piloto tem de ver que os seus passageiros nem sequer reparam. O aspecto da água quando uma raiz ou um tronco estão escondidos debaixo da superfície. Árvores mortas que nos dizem o estado do rio a mais de cem quilómetros de distância. Como se distingue um banco de areia a fingir de um construído pelo vento. Tem de ser capaz de ler o rio como se lê um livro, as palavras são como as ondas ou os remoinhos, às vezes estão tão esbatidas que não se conseguem ler como deve ser; nessa altura, temos de nos apoiar naquilo que recordamos da nossa última passagem por aquela página. Agora, o senhor não ia tentar ler um livro no meio da escuridão, pois não?

York ignorou a pergunta.

— Se eu souber do que estou à procura, consigo ver tão bem uma perturbação na superfície da água como um depósito de madeira. Senhor Framm, se não me puder ensinar a conhecer o rio, eu encontro um piloto que possa. Recordo-o apenas que sou o proprietário e capitão do *Fevre Dream*.

Framm olhou em redor mais uma vez, agora a franzir o sobrolho.

— É mais trabalho durante a noite — disse. — Se quiser aprender de noite, vai custar-lhe mais dinheiro. Oitocentos dólares.

A expressão de York derreteu-se num sorriso voluptuoso.

— Negócio fechado. Agora, vamos começar.

Karl Framm puxou o chapéu de feltro para trás até este ficar empoleirado na nuca e deu um longo suspiro, como um homem a quem impuseram uma tarefa extraordinária.

— Muito bem — disse. — O dinheiro é seu e o barco também. Só não venha cá ralar comigo quando der cabo do casco. Agora ouça com atenção. De St. Louis até Cairo, o rio corre principalmente a direito, antes de o Ohio desaguar nele. Mas de qualquer maneira, há que saber como ele é. De tempos a tempos, chama-se a este troço onde estamos “o cemitério”, porque muitos barcos já se afundaram aqui. Ainda se conseguem ver as chaminés de alguns a sair da água, ou o maldito destroço inteiro encalhado na lama, se o rio for baixo. Aqueles que estão debaixo da água, é bom que saiba onde eles se encontram, ou o próximo barco que descer o rio vai ter de saber onde é que o *seu* barco está afundado. Também tem de saber os marcos e saber manejar o barco. Tome, suba para aqui e pegue no leme, venha ver qual é a sensação. Neste momento está muito longe do fundo do rio, por isso é seguro. — York e Framm trocaram de lugares. — Agora, o primeiro ponto abaixo de St. Louis... — começou Framm a explicar.

Abner Marsh sentou-se no sofá, a ouvir, enquanto o piloto falava sem parar, indo desde os marcos, passando por truques de manejar o leme, até às longas histórias acerca dos barcos a vapor que repousavam afundados no fundo do cemitério por onde estavam a passar. Era um contador de histórias habilidoso, mas depois de cada conto, voltava a concentrar-se na tarefa que tinha em mãos e falava dos marcos. York bebia as suas palavras, em silêncio. Parecia ter apanhado o jeito ao leme bastante depressa e sempre que Framm parava e lhe pedia para repetir algumas das coisas que lhe dissera, Joshua reproduzia-as sem problemas.

Algum tempo mais tarde, depois de apanharem e passarem o barco de roda lateral que ia à sua frente, Marsh deu por si a bocejar. Mas a noite estava tão agradável que a ideia de ir para a cama lhe desagradava profundamente. Levantou-se e foi até ao bar do convés, de onde regressou com uma cafeteira de café quente e um prato de tartes. Quando se voltou a instalar na cabine, Karl Framm estava a discorrer sobre o naufrágio do *Drennan Whyte*, perto de Natchez em 1850, com um tesouro a bordo. O *Evermonde* tentou erguê-lo das águas, mas incendiou-se e afundou-se. Depois em 51, o *Ellen Adams*, um barco de salvamento, foi à procura do tesouro mas bateu numa barra e quase se afundou.

— Aquele tesouro está amaldiçoado, sabe — dizia Framm, — ou isso ou o velho diabo do rio não se quer separar dele.

Marsh sorriu e serviu algum café.

— Joshua — disse, — essa história é verdadeira, mas não acredite em tudo o que ele lhe diz. Este homem é o mentiroso mais conhecido do rio.

— Então, Capitão! — Exclamou Framm, a sorrir amplamente. Virou-se novamente para o rio. — Está a ver aquela cabana velha ali à frente, com o alpendre meio caído? Ótimo, porque vai ter de o recuperar! — E recomeçou a contar as suas histórias.

Passaram-se uns bons vinte minutos até que se distraiu a contar a história do *E. Jenkins*, o barco a vapor que tinha quase cinquenta quilómetros de comprimento, com dobradiças a meio e tudo, para conseguir fazer as curvas do rio. Até Joshua York olhou desconfiado para Framm, com um detalhe tão absurdo. Mas estava a sorrir.

Marsh retirou-se cerca de uma hora depois de ter comido as últimas tartes. Framm era bastante divertido, mas ele preferia aprender durante o dia, quando conseguisse ver o diabo dos marcos de que o piloto falava.

Quando acordou, já era manhã e o *Fevre Dream* estava em Cape Girardeau, a carregar cereais. Framm tinha decidido parar lá algures durante a noite, veio a saber mais tarde, quando algum nevoeiro se abateu em seu redor. Cape Girardeau era uma cidade orgulhosa, empoleirada nas falésias a cerca de duzentos e cinquenta quilómetros de St. Louis; Marsh fez algumas contas e ficou satisfeito com a velocidade a que estavam a navegar. Não era um tempo recorde, mas era um bom tempo.

Uma hora depois, o *Fevre Dream* já estava de regresso ao rio, a favor da corrente. O Sol de Julho brilhava feroz no céu e o ar estava espesso com calor, humidade e insectos, mas no convés superior tudo era fresco e sereno. As paragens eram frequentes. Com dezoito caldeiras para alimentar, o barco comia madeira como nenhum outro, mas o combustível não era problema: os depósitos de madeira ladeavam ambas as margens com curtos intervalos entre si. Sempre que as reservas ficavam em baixo, o imediato dava sinal ao piloto e paravam na cabana velha mais próxima que estivesse rodeada de grandes pilhas de troncos de faia, carvalho ou nogueira e Marsh ou Jonathon Jeffers iam a terra negociar com o madeireiro. Quando eles davam sinal, os marinheiros do convés apressavam-se a ir às margens carregar os montes de lenha e três piscadelas de olhos depois, já estava tudo carregado e arrumado a bordo. Os passageiros dos camarotes gostavam sempre de observar as operações de carregamento de madeira, a partir das balastradas do convés das caldeiras. Os passageiros dos conveses, por outro lado, gostavam sempre de se meter no caminho de quem trabalhava.

Paravam também em muitos tipos de cidades, causando uma excitação sem fim. Paravam num determinado lugar imprevisto para deixar um passageiro e numa doca privada para aceitar outro. Por volta do meio-dia, paravam para aceitar uma mulher com uma criança, que lhes tinha acena-

do da margem e às quatro da tarde, tiveram de colocar as rodas a andar ao contrário, para que três homens que viajavam num barco a remos tivessem tempo de os apanhar e subir a bordo. Naquele dia, o *Fevre Dream* não percorreu uma grande distância nem atingiu muita velocidade. Quando o Sol do oeste estava a transformar as águas com um profundo tom avermelhado, avistavam já Cairo e Dan Albright decidiu ancorar ali para passar a noite.

A sul de Cairo, o Ohio desaguava no Mississípi e os dois rios compunham uma estranha imagem. As suas águas não se misturavam de imediato, mas continuavam a fluir separadamente, a corrente azul-clara do Ohio a percorrer a margem mais a este, contra as águas castanhas e lamacentas do Mississípi. Era também ali que a parte baixa do rio assumia as suas características mais peculiares; de Cairo a Nova Orleães e ao Golfo, uma distância de quase mil e oitocentos quilómetros, o Mississípi curvava, ondulava e virava para cima e para baixo como se fosse uma cobra esguia, mudando de rumo a seu bel-prazer, engolindo o solo imprevisivelmente, deixando por vezes pontos bastante acima do nível das águas e outras vezes colocando cidades inteiras debaixo de água. Os pilotos diziam que ali o rio não era duas vezes o mesmo. A parte de cima do Mississípi, onde Abner Marsh nascera e aprendera o seu ofício, era um lugar completamente diferente, confinado entre penhascos altos e rochosos, com um leito maioritariamente estreito. Marsh esteve de pé no primeiro convés durante muito tempo, olhando para a paisagem que passava, tentando sentir a diferença entre ambas e a diferença que faria naquela nova etapa da sua vida.

Pouco tempo depois, Marsh estava a conversar com Jeffers no gabinete do imediato quando ouviu o sino tocar três vezes, que era o sinal de paragem. Marsh franziu o sobrolho e olhou para a janela de Jeffers. Não se via nada além de margens bastante arborizadas.

— Porque será que vamos parar? — Perguntou Marsh. — A próxima paragem é em Nova Madrid. Posso não conhecer esta parte do rio, mas tenho a certeza de que não é Nova Madrid.

Jeffers encolheu os ombros.

— Se calhar alguém nos fez sinal para parar.

Marsh pediu licença e foi até à cabine do piloto. Dan Albright estava ao leme.

— Alguém fez sinal para pararmos? — Perguntou Marsh.

— Não, senhor — respondeu Albright.

Era um tipo um tanto lacónico. Só respondia àquilo que lhe perguntavam, e mal.

— Então onde vamos parar?

— Num depósito de madeira, Capitão.

Marsh viu que de facto havia um depósito um pouco mais à frente, na margem ocidental.

— Senhor Albright, julgo que ainda há pouco menos de uma hora parámos para carregar madeira. Não é possível que já se tenha queimado tudo. O Mike Cabeludo pediu-lhe que parasse?

Uma das funções do imediato era verificar quando era preciso abastecer o barco de madeira.

— Não, senhor. Estas ordens vieram do Capitão York. O que me transmitiram foi que devia parar neste depósito em particular, precisássemos nós de madeira ou não. — Albright olhou em redor. Era um homem composto e de estatura pequena, com um bigode fino, gravata de seda vermelha e botas de couro de uma marca conhecida. — Está a dizer-me que devo ignorar a ordem?

— Não — respondeu rapidamente Abner Marsh. York podia tê-lo avisado, pensou, mas o acordo que tinham conferia a Joshua o direito de dar ordens inusitadas. — Sabe quanto tempo vamos ficar aqui parados?

— Ouvi dizer que York tinha negócios a tratar em terra. Mas se ele só se levantar ao anoitecer, vamos aqui ficar o dia todo.

— Maldição. O nosso horário. Os passageiros vão fazer uma imensidão de perguntas aborrecidas — disse Marsh com o sobrolho carregado. — Bem, suponho que não há alternativa. Já que estamos aqui, o melhor é carregarmos um pouco mais de madeira. Vou tratar disso.

Marsh conseguiu negociar uma pechincha com o rapaz que estava encarregue do depósito, um negro esguio de camisa de algodão. O rapaz não era grande coisa para os negócios; Marsh conseguiu comprar-lhe faia ao preço do algodão e ainda fez com que ele lhe desse alguns nós de pinheiro. Enquanto os marinheiros e ajudantes carregavam tudo, Marsh olhou para o rapaz de cor mesmo nos olhos, sorriu e disse:

— És novo neste negócio, não és?

O rapaz acenou com a cabeça.

— Sou, pois, Capitão.

Marsh também acenou com a cabeça e estava a começar a virar-se para regressar ao barco quando o rapaz acrescentou:

— Só estou aqui há uma semana, Capitão. O homem branco que costumava estar aqui deixou-se comer pelos lobos.

Marsh olhou duramente para o rapaz.

— Estamos a poucos quilómetros de Nova Madrid, não é, rapaz?

— É isso mesmo, Capitão.

Quando Abner Marsh regressou ao *Fevre Dream*, estava a sentir-se bastante agitado. Maldito Joshua York, pensou. O que andava aquele homem a tramar e por que motivo queria ele desperdiçar um dia inteiro naquele

depósito idiota? Marsh estava cheio de vontade de entrar de rompante pelo camarote de York e ter uma boa conversa com ele sobre o assunto. Ponderou brevemente a ideia, mas depois pensou melhor. Aquilo não lhe dizia respeito, obrigou-se a recordar. Assim, sentou-se e esperou.

As horas passaram lentamente, enquanto o *Fevre Dream* estava parado nas águas do depósito de madeira. Uma dúzia de outros barcos passou por eles, rio abaixo, para grande aborrecimento de Abner Marsh. Pelo rio acima passou quase a mesma quantidade de barcos. Uma breve escaramuça com facas entre dois passageiros de convés, de onde não resultou qualquer ferido, serviu como entretém para aquela tarde. A maior parte dos passageiros e tripulantes do *Fevre Dream* deixaram-se ficar languidamente pelos conveses, deitados ao sol, a fumar ou a discutir política. Jeffers e Albright jogaram xadrez na cabine do piloto. Framm contou grandiosas histórias no salão principal. Algumas senhoras começaram a falar em organizar um baile. E Abner Marsh ficava cada vez mais impaciente.

À noite, Marsh estava no alpendre do primeiro convés, a beber café e a enxotar mosquitos, quando olhou de relance para a margem, a tempo de ver Joshua York a sair do barco. Simon estava com ele. Pararam na cabana e falaram brevemente com o rapaz do depósito, depois desapareceram por uma estrada de lama sulcada que serpenteava por entre a floresta.

— Ora, macacos me mordam — disse Marsh, levantando-se. — Nem sequer com um pedido de licença ou um cumprimento. — Franziu o sobrolho. — E também não jantou.

Depois lembrou-se que ele também tinha de jantar e desceu para o salão principal para comer.

A noite foi passando; os passageiros e a tripulação começaram a ficar cada vez mais inquietos. No bar, bebia-se muito. Um dono de uma plantação qualquer deu início a uma cantoria e outros juntaram-se a ele; um jovem rapaz ainda conseguiu levar com uma bengala em cima quando decidiu clamar pela abolição da escravatura.

Perto da meia-noite, Simon regressou sozinho. Abner Marsh estava no salão quando Mike Cabeludo lhe deu uma palmadinha no ombro; Marsh tinha dado ordens para que o chamassem assim que York regressasse a bordo.

— Chame os seus marinheiros a bordo e diga ao Whitey para começar a alimentar as fornalhas — disse bruscamente ao imediato, — temos de compensar o tempo perdido.

Depois foi ver York. Mas York não estava a bordo.

— Joshua quer que continue — disse Simon. — Ele continuará a viajar por terra e encontra-se connosco em Nova Madrid. Esperamos por ele lá.

Um questionário acalorado não conseguiu arrancar mais nada de Si-

mon; o homem limitou-se a fixar Marsh com os seus olhos pequenos e frios, enquanto repetia a mesma mensagem, que o *Fevre Dream* devia esperar por York em Nova Madrid.

Mal o vapor começou a ser libertado, foi uma viagem curta e agradável. Nova Madrid ficava a poucos quilómetros do depósito de madeira onde tinham estado parados todo o dia. Marsh despediu-se alegremente do desolado lugar enquanto avançavam pela noite dentro.

— Raios partam o Joshua — resmungou.

Em Nova Madrid perderam quase dois dias inteiros.

— Ele está morto — disse Jonathon Jeffers, quando já estavam parados há um dia e meio.

Nova Madrid tinha hotéis, casas de bilhar, igrejas e várias outras recreações que não estavam disponíveis nos depósitos de madeira, por isso o tempo que passaram parados não era tão aborrecido, mas, ainda assim, toda a gente estava ansiosa para continuar viagem. Meia dúzia de passageiros, impacientes com o atraso, uma vez que o tempo estava bom — o barco parecia estar em boas condições e a passagem era cara —, foram ter com Marsh para lhe pedir a devolução do dinheiro. A resposta foi uma recusa indignada, mas, mesmo assim, Marsh não conseguiu evitar mostrar-se agitado e questionar em voz alta onde se teria metido Joshua York.

— O York não está nada morto — disse Marsh. — Não estou a dizer que ele não vai desejar estar morto quando eu lhe puser as mãos em cima, mas ainda não morreu.

Por trás dos óculos, as sobrancelhas de Jeffers levantaram-se.

— Não? Como pode ter assim tanta certeza, Capitão? Ele estava sozinho, a pé, a atravessar a floresta de noite. Há muitos patifes por aí e animais também. Ao que sei, nos últimos anos têm ocorrido uma série de mortes na área de Nova Madrid.

Marsh olhou fixamente para ele.

— O que quer dizer com isso? — Perguntou. — Como sabe?

— Sei porque leio nos jornais — respondeu Jeffers.

Marsh franziu o sobrolho.

— Bem, não faz diferença nenhuma. O York não está morto. Eu sei, Senhor Jeffers. Tenho a certeza absoluta.

— Então perdeu-se? — Sugeriu o imediato, com um sorriso calmo. — Acha que devemos organizar um grupo e ir à procura dele, Capitão?

— Depois penso nisso — respondeu Abner Marsh.

Mas não houve necessidade. Naquela mesma noite, uma hora depois de o Sol se pôr, Joshua York apareceu a subir a plataforma de acesso ao barco. Não estava com o aspecto de um homem que tinha passado os últimos dois dias sozinho na floresta. As suas botas e calças estavam empoeiradas, mas,

exceptuando isso, as suas roupas estavam com um ar tão elegante como na noite em que partira. O seu passo era veloz e gracioso. Subiu para o barco e sorriu para Jack Ely, o segundo engenheiro.

— Encontre o Whitey e ele que comece a libertar vapor — disse York a Ely. — Vamos embora.

Depois, antes que qualquer pessoa tivesse oportunidade de lhe perguntar alguma coisa, já ele tinha subido metade da escadaria.

Marsh, apesar de toda a sua fúria e inquietação, deu por si incrivelmente aliviado com o regresso de Joshua.

— Vá lá tocar a porcaria do sino, para que aqueles que foram a terra saibam que estamos de partida — disse a Mike Cabeludo. — Quero entrar no rio o mais depressa possível.

York estava no seu camarote a lavar as mãos no lavatório colocado em cima da cómoda.

— Abner — cumprimentou educadamente quando Marsh entrou depois de uma potente e rápida batida na porta. — Acha que posso incomodar o Toby e pedir-lhe que me prepare um jantar tardio?

— Eu vou é incomodá-lo a si e perguntar-lhe por que motivo nos fez perder este tempo todo — disse Marsh. — Caramba, Joshua; eu sei que me disse que podia agir de modo peculiar, mas *dois dias!* Isso não são modos de gerir uma companhia de transportes, digo-lhe com toda a franqueza.

York secou cuidadosamente as mãos pálidas e compridas e virou-se.

— Era um assunto importante. E mais vale avisá-lo já que pode voltar a acontecer. Vai ter de se habituar aos meus ritmos, Abner, e certificar-se de que não são questionados.

— Mas nós temos carga para entregar, passageiros que pagaram para viajar e não para passar tempo parados em depósitos de madeira. O que lhes digo, Joshua?

— O que quiser. Você é um homem esperto, Abner. Eu contribuí com o dinheiro nesta nossa sociedade. Estou à espera que você contribua com as desculpas. — O seu tom de voz era cordial, mas firme. — Se lhe serve de algum consolo, a primeira viagem é a mais difícil. Nas nossas viagens futuras, prevejo poucas se não mesmo nenhuma excursão misteriosa. Vai conseguir percorrer o seu percurso sem qualquer problema causado por mim. — Sorriu. — Espero que fique satisfeito com este facto. Controle a sua impaciência, meu amigo. Nós acabaremos por chegar a Nova Orleães e a partir daí as coisas serão mais fáceis. É capaz de aceitar isso, Abner? Abner? Passa-se alguma coisa?

Abner Marsh estava a semicerrar os olhos com esforço e mal tinha ouvido o que York lhe dissera. Percebeu então que devia ter uma expressão estranha no rosto.

— Não — respondeu rapidamente. — Passaram-se apenas dois dias, mais nada. Mas não importa. Não importa nem um pouco. Seja como diz, Joshua.

York acenou com a cabeça, aparentemente satisfeito.

— Vou mudar de roupa e incomodar o Toby para ele me preparar qualquer coisa de comer. Depois vou até à cabine do piloto, para aprender mais sobre o seu rio. Quem está de serviço esta noite?

— O Senhor Framm — respondeu Marsh.

— Ainda bem — disse York. — O Karl é extremamente divertido.

— Lá isso é — disse Marsh. — Se me dá licença, Joshua, tenho de ir lá abaixo e ver se está tudo em ordem, já que vamos partir esta noite.

Virou-se abruptamente e saiu do camarote. Mas uma vez no exterior, no calor da noite, Abner Marsh apoiou-se pesadamente na sua bengala e olhou de modo ausente para o céu escuro repleto de estrelas, tentando perceber melhor o que julgava ter visto do outro lado do camarote.

Se pelo menos a sua visão fosse um pouco melhor. Se pelo menos York tivesse acendido ambos os candeeiros a óleo, em vez de apenas um. Se pelo menos se tivesse atrevido a aproximar-se mais um pouco. Tinha sido difícil de discernir, desde o ponto onde se encontrava até à cómoda. Mas Marsh não era capaz de tirar aquela imagem da cabeça. O pano onde York estava a limpar as mãos tinha manchas. Manchas escuras. Avermelhadas.

Que se pareciam terrivelmente com sangue.

*A Bordo do Barco a Vapor FEVRE DREAM,
Rio Mississípi, Agosto de 1857*

Os dias desenrolaram-se tediosos, uns a seguir aos outros, enquanto o *Fevre Dream* descia o Mississípi.

Um barco a vapor seria capaz de ir de St. Louis até Nova Orleães e regressar a St. Louis em cerca de vinte e oito dias, mesmo reservando algum tempo para as paragens intermédias, para uma semana ou mais de cargas e descargas e já contando com uma quantidade razoável de tempo adverso. Mas ao ritmo a que o *Fevre Dream* avançava, iam demorar um mês só a chegar a Nova Orleães. Abner Marsh tinha a impressão de que o tempo, o rio e Joshua York estavam envolvidos numa conspiração para o atrasar. O nevoeiro pairou sobre as águas durante dois dias, espesso e cinzento como o algodão; Dan Albright ainda navegou por entre o nevoeiro durante umas seis horas, dirigindo cuidadosamente o barco em direcção a paredes de neblina sólidas e ondulantes que se desvaneciam e cediam à passagem do barco, deixando os nervos de Marsh em franja. Se dependesse dele, tinham ficado ancorados no preciso instante em que o nevoeiro caíra, em vez de ariscarem o *Fevre Dream*, mas, no rio, quem decidia estas coisas era o piloto, não o capitão e Albright quis continuar. Até que, finalmente, as névoas se tornaram demasiado espessas, mesmo para ele, e perderam um dia e meio num cais perto de Memphis. Ficaram parados a ver a água acastanhada a passar velozmente por eles enquanto os empurrava e a ouvir os salpicos distantes do nevoeiro. Numa ocasião, uma balsa aproximou-se do barco, com uma fogueira a arder no convés e ouviram os tripulantes a chamar por eles, gritos vagos e distantes que ecoavam pelo rio antes de o nevoeiro engolir a balsa e o som ao mesmo tempo.

Quando o nevoeiro se levantou o suficiente para que Karl Framm julgasse seguro tentar navegar novamente o rio, prosseguiram durante menos de uma hora até que embateram com força numa margem, quando Framm tentou passar por um caminho desconhecido para recuperar algum tempo. Os ajudantes, os homens das caldeiras e os marinheiros de convés correram todos a terra, com Mike Cabeludo a supervisionar os trabalhos e voltaram a encaminhar o barco para o rio; porém, acabaram por perder mais de três horas. Depois disso, avançaram muito lentamente, com Albright a liderar o caminho num pequeno barco a remos, para ir avaliando a água. Finalmente, conseguiram sair da margem e entraram nas águas profundas do rio, mas isso não significou o fim dos problemas. Três dias mais tarde houve uma tempestade e o *Fevre Dream* teve de fazer as curvas do rio por fora, por causa dos troncos de madeira, das águas baixas que se encaminhavam para as cataratas e das margens, ou então era obrigado a avançar muito devagar, com as rodas quase paradas, enquanto o barco a remos, com o piloto que não estava de serviço, um oficial e uma tripulação escolhida iam medindo a profundidade da água, deixando cair pesos de chumbo para a água e transmitindo os resultados: “Duas alturas”, ou “Duas alturas menos três”, ou ainda “Marca três”. Quando não estavam mergulhadas em nevoeiro, as noites eram escuras e carregadas de nuvens; se o barco avançava de todo, ia sempre com o maior cuidado, a um quarto da velocidade normal ou menos; nessa altura não se podia fumar na cabine do piloto e as janelas dos pisos de baixo iam de cortinas e portadas fechadas, para que o barco não emitisse qualquer luz e o piloto pudesse ver melhor o rio na escuridão. Nessas noites, as margens eram negras como breu e desoladas, moviam-se como cadáveres inquietos, ondulando daqui para acolá, fazendo com que fosse difícil os homens perceberem onde corriam as águas mais profundas e onde começava a terra. O rio ia negro como o pecado, sem luar ou estrelas para o iluminar. Em algumas noites era até difícil localizar o corvo, um artefacto colocado no cimo do mastro da bandeira por onde os pilotos se regulavam para marcar as margens. Mas Framm e Albright, por muito diferentes que fossem, eram ambos excelentes pilotos e mantiveram o *Fevre Dream* a andar sempre que havia a menor possibilidade de avançar. As alturas em que decidiam parar eram alturas em que *nada* se mexia no rio, excepto as balsas e os troncos, assim como uma meia dúzia de barcos planos e pequenos barcos a vapor que não tinham capacidade para arrastar nada.

Joshua York também os ajudou; todas as noites ia até à cabine do piloto e cumpria o seu turno como um verdadeiro aprendiz.

— Eu disse-lhe logo que uma noite como aquela não era boa para aprender — disse Framm a Marsh em certa ocasião, durante um jantar. — Eu não podia estar a ensinar-lhe marcos que nem eu conseguia ver como

deve ser, ou podia? Bem, aquele homem tem os melhores olhos para a escuridão que eu já conheci nesta vida. Há alturas em que era capaz de jurar que ele até debaixo de água vê e que para ele não importa como ela fica negra. Por isso, mantenho-o ao meu lado e vou indicando os marcos que devem aparecer e nove em cada dez vezes, ele consegue vê-los antes de eu os ver. Na noite passada, se não fosse o Joshua, tinha ancorado o barco a meio do meu turno.

Mas York também atrasava a marcha do barco. Por ordem sua, foram feitas mais seis paragens adicionais, em Greenville e outras duas cidades mais pequenas, num cais privado no Tennessee e duas vezes em depósitos de madeira. Esteve fora toda a noite em duas ocasiões. Em Memphis, York não teve assuntos para tratar em terra, mas em todos os restantes locais, prolongava as paragens intoleravelmente. Quando atracaram em Helena, esteve fora toda a noite e em Napoleão atrasou-os em três dias, ele e Simon, a fazer sabe Deus o quê, os dois sozinhos. Em Vicksburg ainda foi pior; estiveram quatro longas noites ausentes antes de Joshua York regressar a bordo do *Fevre Dream*.

No dia em que saíram de Memphis, o pôr-do-sol estava especialmente bonito. Raros fios de neblina que ainda resistiam assumiam naquela altura um brilho alaranjado e as nuvens a oeste tingiram-se de um vermelho-fogo, vivo, até que todo o céu parecia estar incandescente. Mas Abner Marsh, de pé no primeiro convés, sozinho, só tinha olhos para o rio. Não havia outros barcos à vista. A água à sua frente estava calma; ali o vento provocava uma série de remoinhos e acolá a corrente passava por entre os braços negros de uma árvore caída que se destacava na margem, mas no geral o velho diabo estava plácido. À medida que o Sol se punha, a água lamacenta assumia um tom avermelhado, um tom que aumentou, se espalhou e escureceu até que parecia que o *Fevre Dream* estava a navegar por um imenso rio de sangue. Depois o Sol desapareceu por trás das árvores e das nuvens e, lentamente, o sangue escureceu, transformando-se em castanho, como acontece ao sangue quando seca, até que finalmente ficou preto, preto fúnebre, preto como a morte. Marsh ficou a ver os últimos remoinhos carmesim a desvanecer. Naquela noite não havia estrelas no céu. Desceu para jantar com a cabeça inundada de sangue.

Os dias haviam passado desde Nova Madrid e Abner Marsh não fizera ou dissera coisa alguma. O que tinha feito fora pensar afincadamente sobre o que tinha visto, ou o que não tinha visto, no camarote de Joshua. Naturalmente, não podia ter a certeza de que vira alguma coisa. Além de que... e se tivesse visto? Talvez Joshua se tivesse cortado enquanto andara na floresta... embora Marsh tivesse olhado atentamente para as mãos de York na noite seguinte e não tivesse visto sinais de cortes ou arranhões. Tal-

vez tivesse matado um animal, ou sido obrigado a defender-se de ladrões; havia uma dúzia de razões válidas para justificar o ocorrido, mas todas elas se desmoronavam perante o silêncio de Joshua. Se York não tinha nada para esconder, por que motivo era ele tão circunspecto? Quanto mais Abner Marsh pensava no assunto, menos ele lhe agradava.

Marsh já tinha visto sangue antes, muito até; em lutas de punhos e de bengalas, duelos e tiroteios. O rio percorria a terra da escravatura e para aqueles que tinham a pele negra, o sangue corria com bastante facilidade naquelas paragens. Os Estados livres também não eram muito melhores. Marsh tinha estado algum tempo no Estado do Kansas e viu homens queimados vivos e abatidos a tiro. Quando era mais jovem, servira na milícia do Illinois e combatera na Guerra Black Hawk. Às vezes ainda sonhava com a Batalha de Bad Axe, quando tinham atacado as pessoas de Black Hawk, mulheres e crianças incluídas, enquanto tentavam atravessar o Mississípi para a segurança de um porto ocidental. Aquele tinha sido um dia sangrento, mas necessário; Black Hawk tinha acabado por se tornar um terreno hostil e uma passagem rápida para o Illinois.

De alguma forma, o sangue que podia estar ou não nas mãos de Joshua York era diferente. Deixava Marsh pouco à vontade, inquieto.

Ainda assim, recordava-se a si próprio, tinha feito um acordo. E para Abner Marsh um acordo era um acordo; um homem devia cumprir os acordos que fazia, fosse com um padre, com um vigarista ou com o próprio diabo. Joshua York mencionara que tinha inimigos, recordou-se Marsh, e os assuntos que um homem tem com os seus inimigos não diziam respeito a mais ninguém. York sempre fora bastante razoável com Marsh.

Por isso, ponderou e tentou afastar aquele assunto todo da sua cabeça.

Só que o Mississípi transformou-se em sangue e os seus sonhos começaram a sangrar também. A bordo do *Fevre Dream* a disposição começou a tornar-se aborrecida e sombria. Um arpoador descuidou-se e queimou-se no vapor, por isso teve de ser enviado para terra, para Napoleão. Um marinheiro de convés fugiu em Vicksburg, o que era uma loucura, uma vez que aquela era terra de escravos e ele era um homem de cor livre. As lutas surgiam frequentemente entre os passageiros do convés. Era o tédio e o calor espesso, húmido e sufocante de Agosto, disse-lhe Jeffers. “A ralé fica doida quando o tempo aquece”, ecoou Mike Cabeludo. Abner Marsh não tinha a certeza. Parecia quase que estavam a ser castigados.

O Missouri e o Tennessee desapareceram atrás deles e Marsh cada vez se arreliaava mais. As cidades e depósitos de madeira deslizavam nas margens, os dias transformavam-se tortuosamente em semanas e por causa dos atrasos de York, o *Fevre Dream* perdia passageiros e cargas. Marsh ia a terra, aos salões e hotéis mais populares entre os homens do rio, ou-

via o que se falava e não gostava dos mexericos que escutava sobre o seu barco. Apesar de todas as caldeiras, dizia um deles, o *Fevre Dream* tinha sido construído demasiado grande e pesado e não era nada rápido. Tinha problemas no motor, dizia outro mexerico; as juntas das caldeiras estavam quase a rebentar. Aquelas eram más notícias; as explosões de caldeiras eram bastante temidas. Um imediato de um barco qualquer de Nova Orleães disse a Marsh em Vicksburg que o *Fevre Dream* até parecia ser um bom barco, mas que o seu capitão era um tipo sem mérito nenhum do norte do rio que não tinha coragem para fazer o barco andar a todo o vapor. Marsh quase lhe rachou a cabeça ao meio. Também se falava muito de York, dos seus amigos e dos seus hábitos. Não havia dúvida de que o *Fevre Dream* estava a começar a construir uma reputação e tanto, mas não era a que Abner Marsh gostaria que fosse.

Quando chegaram a Natchez, Marsh estava farto.

Faltava uma hora para o entardecer quando avistaram Natchez ao longe; algumas luzes já brilhavam na tarde avermelhada e as sombras a oeste estavam cada vez mais longas. Tinha sido um dia muito bom, exceptuando o calor; tinham feito o melhor tempo de viagem desde que haviam saído de Cairo. O rio tinha um brilho esverdeado e o Sol brilhava sobre ele como um ornamento de bronze incandescente, garrido e afastado, a ondular e a dançar quando o vento soprava sobre a água. Marsh tinha estado de cama naquela tarde, porque se sentia um pouco abatido, mas conseguiu sair da cama quando ouviu o apito em resposta à chamada de outro barco a vapor que vinha mais acima no rio. Estavam a falar um com o outro, Marsh sabia, um barco que descia, outro que subia, decidindo quem passava pela direita e quem passava pela esquerda, quando se cruzassem. Aquilo acontecia uma dúzia de vezes por dia. Mas havia qualquer coisa no apito do outro barco que lhe chamou a atenção, que o arrastou para fora dos lençóis suados e o fez chegar ao primeiro convés mesmo a tempo de o ver passar; era o *Eclipse*, veloz e altivo, o artefacto dourado entre as chaminés a refulgir ao sol, os passageiros a encher o convés, o fumo a jorrar do barco. Marsh ficou a vê-lo desaparecer rio acima, até que só o fumo se via, sentindo durante todo o tempo um aperto desconfortável nas entranhas.

Quando o *Eclipse* se desvaneceu como os sonhos se desvanecem na manhã, Marsh virou-se e lá estava Natchez à sua frente. Ouviu os sinos a dar o toque de desembarque e o apito voltou a soar.

Um emaranhado de barcos a vapor enchia o porto e à frente deles outras duas cidades esperavam pelo *Fevre Dream*. Natchez-on-the-hill ficava empoleirada nos penhascos ventosos e íngremes; era uma cidade como deve ser, com ruas largas, árvores, flores e grandes casas. Cada uma delas tinha um nome. Monmouth. Linden. Auburn. Ravenna. Concord, Bel-

fast e Windy Hill. The Burn. Marsh tinha estado uma meia dúzia de vezes em Natchez quando era mais novo, antes de ter barcos seus, e fazia sempre questão de subir os penhascos e ver as casas altas. Eram praticamente palácios, cada uma delas, e Marsh não se sentia muito confortável ali no meio. As famílias antigas que viviam nas casas também se comportavam como reis; eram balofos e arrogantes, bebiam os seus sumos de menta e os seus ponches de xerez, colocando gelo na porcaria do vinho; divertiam-se a fazer corridas com os cavalos puro-sangue e a caçar ursos; faziam duelos com revólveres e resolviam a mais pequena e corriqueira afronta com facas. Eram uns nabobos, como Marsh ouvira chamar-lhes em certa altura. Eram uma gente esquisita e cada um deles tinha ar de ser um coronel. Por vezes apareciam no cais e uma pessoa era quase obrigada a convidá-los a subir a bordo do barco a vapor para fumar um charuto e beber um copo, não importava como se comportassem.

Mas eram também uma gente curiosamente cega. Das suas grandiosas casas dos penhascos, os nabobos podiam admirar a majestade brilhante do rio, mas, de alguma forma, não eram capazes de ver as coisas que estavam mesmo debaixo dos seus narizes.

Porque por baixo das mansões, entre o rio e os penhascos, havia outra cidade: Natchez-under-the-hill. Ali não havia colunas de mármore e as flores preciosas também não abundavam. As ruas eram enlameadas e poeirentas. Os bordéis aglomeravam-se em redor do cais e ao longo da Silver Street, ou do que restava dela. A maior parte da rua tinha-se afundado no rio há mais de vinte anos e os passeios que restavam estavam meio enso-pados e repletos de mulheres espalhafatasas e homens aperaltados, jovens perigosos e de olhar gélido. A rua principal era inteiramente constituída por salões, salas de bilhar e casas de jogo e todas as noites a cidade sob a cidade fervia e agitava-se. Brigas, fanfarronice e sangue, póquer viciado e enterros espanhóis, prostitutas que faziam qualquer coisa e homens que nos sorriam, nos tiravam a bolsa e ainda nos cortavam o pescoço, era assim Natchez-under-the-hill. Uísque, garrafas e cartas, luzes vermelhas, canções roucas e gin aguado, era assim a cidade à beira do rio. Os homens dos barcos amavam e odiavam Natchez-under-the-hill, como amavam e odiavam a sua população violenta de mulheres ordinárias e assassinos, os jogadores, os negros livres e os mulatos, mesmo que os homens mais velhos dissessem que a cidade por baixo dos penhascos já não era tão selvagem como há quarenta anos, ou antes daquele tornado que Deus tinha enviado em 1840 para a limpar. Marsh não sabia nada disso; para ele era suficientemente selvagem e já tinha lá passado noites memoráveis, há muitos anos. Mas daquela vez estava com um mau pressentimento acerca da paragem naquela cidade.

Marsh ainda acalentou brevemente a ideia de passar sem parar, de subir à cabine do piloto e dar ordem a Albright para que continuasse rio abaixo. Mas tinham passageiros para desembarcar, carga para descarregar e a tripulação devia estar ansiosa por uma noite na fabulosa Natchez, por isso Marsh não fez nada, apesar de todos os seus pressentimentos. O *Fevre Dream* ancorou e preparou-se para passar ali a noite. O barco acalmou, o vapor saiu, as fogueiras apagaram-se nas suas entranhas e a tripulação saiu finalmente do seu interior como se fosse sangue a jorrar de uma ferida aberta. Alguns deles pararam no cais para comprar gelados ou frutas dos vendedores negros que por ali andavam com carrinhos, mas a maior parte foi directamente à Silver Street, onde estavam as luzes quentes e brilhantes.

Abner Marsh ficou no alpendre do primeiro convés até as estrelas começarem a surgir no céu. Das janelas dos bordéis, a música deslizava sobre a água, mas nem isso animava a sua disposição. Até que finalmente Joshua York abriu a porta do camarote e saiu para a noite.

— Vai a terra, Joshua? — Perguntou Marsh.

York sorriu descontraidamente.

— Vou, Abner.

— E desta vez quanto tempo vai estar ausente?

Joshua York encolheu os ombros com elegância.

— Não sei dizer. Mas regressarei assim que me for possível. Espere por mim.

— Mais valia ir consigo, Joshua — disse Marsh. — Estamos a falar de Natchez. De Natchez-under-the-hill. É uma cidade rude. Podemos ficar aqui um mês à sua espera, enquanto você jaz numa valeta qualquer com o pescoço cortado. Deixe-me ir consigo, mostrar-lhe a cidade. Eu sou um homem do rio. Você não.

— Não — respondeu York. — Eu tenho assuntos para tratar em terra, Abner.

— Mas somos sócios, não somos? Os seus assuntos são os meus assuntos também, no que diz respeito ao *Fevre Dream*.

— Mas eu tenho outras preocupações além do nosso barco a vapor, meu amigo. Algumas coisas nas quais não me pode ajudar. Coisas que devo fazer sozinho.

— Mas o Simon vai consigo, não vai?

— Às vezes, sim. Mas isso é diferente, Abner. O Simon e eu partilhámos... certos interesses que não partilho consigo.

— Em certa ocasião mencionou que tinha inimigos, Joshua. Se é isso que vai fazer, tratar daqueles que lhe fizeram mal, então pode contar-me. Eu ajudo-o.

Joshua York abanou a cabeça.

— Não, Abner, os meus inimigos não podem ser os seus inimigos.

— Deixe que seja eu a decidir isso, Joshua. Até agora sempre foi tão justo comigo. Confie em mim para que possa ser justo consigo também.

— Não posso — respondeu York, pesarosamente. — Abner, nós temos um acordo. Não me faça perguntas. Por favor. Agora, se não se importa, deixe-me passar.

Abner Marsh acenou com a cabeça e desviou-se; Joshua York passou por ele e desceu as escadas.

— Joshua — chamou Marsh quando York estava quase a chegar ao fundo das escadas. O outro virou-se. — Tenha cuidado, Joshua. Natchez pode ser uma cidade... sangrenta.

York olhou para cima, para Marsh, durante muito tempo, com os olhos tão cinzentos e imperscrutáveis como fumo.

— Sim — respondeu finalmente. — Vou ter cuidado.

Depois virou-se e foi-se embora.

Abner Marsh ficou a observá-lo a sair para terra e a desaparecer em Natchez-under-the-hill, o seu vulto esguiou a lançar longas sombras por baixo dos candeeiros fumegantes. Quando Joshua York estava já bem longe, Marsh virou-se e dirigiu-se ao camarote do capitão. A porta estava fechada, como Marsh sabia que estaria. Levou a mão ao grande bolso e tirou lá de dentro uma chave.

Hesitou um instante antes de a colocar na fechadura. Ter cópias de todas as chaves e mantê-las guardadas no cofre do barco não era traição, era puro bom senso. Afinal, as pessoas também morriam nos camarotes fechados e era melhor ter uma chave suplente do que ter de arrombar a porta. Mas usar essa chave era completamente diferente. A verdade é que tinha feito um acordo. Mas os sócios tinham de confiar uns nos outros e se Joshua York não confiava no sócio, como podia esperar que Marsh depositasse nele a sua confiança? Determinado, Marsh abriu a porta e entrou no camarote de York.

Lá dentro, acendeu um candeeiro a óleo e fechou a porta atrás de si. Ficou ali de pé, indeciso por instantes, a olhar em redor e a questionar-se o que esperava encontrar. O camarote de York era apenas um grande camarote de luxo, com o mesmíssimo aspecto que tinha de todas as vezes em que Marsh lá entrara. Mesmo assim, devia haver ali qualquer coisa que lhe poderia dizer mais sobre York, dar-lhe alguma pista sobre a natureza das peculiaridades do seu sócio.

Marsh dirigiu-se à secretária, que parecia o lugar mais adequado para começar a procurar, sentou-se cuidadosamente na cadeira de York e começou a folhear os jornais. Tocou-lhes cautelosamente, reparando no posicionamento de cada um deles quando os tirava para observar, para que pu-

desse deixar tudo como tinha encontrado. Os jornais eram... bem, jornais. Devia haver cerca de cinquenta em cima da secretária, exemplares antigos e recentes, o *Herald* e o *Tribune* de Nova Iorque, vários de Chicago, todos os de St. Louis e Nova Orleães, jornais de Napoleão, Baton Rouge, Memphis, Greenville, Vicksburg e Bayou Sara, além de semanários de algumas cidades mais pequenas à beira do rio. A maior parte deles estava intacta. Alguns tinham histórias recortadas.

Por baixo do monte de jornais, Marsh encontrou dois cadernos de capas de couro. Tirou-os lentamente, tentando ignorar uma contracção nervosa no estômago. Talvez fossem os seus diários ou agendas, pensou Marsh, alguma coisa que lhe pudesse dizer de onde vinha York e para onde queria ir. Abriu o primeiro caderno e franziu o sobrolho com desilusão. Não era nenhum diário. Lá dentro havia apenas histórias, cuidadosamente recortadas dos jornais e coladas, cada uma delas identificada com data e local, com a caligrafia elegante de Joshua.

Marsh leu a história à sua frente, que vinha de um jornal de Vicksburg, e falava de um corpo que aparecera no rio. A data era de há seis meses atrás. Na página seguinte estavam dois recortes, também de Vicksburg; uma família fora encontrada morta numa barraca a trinta quilómetros da cidade e uma prostituta negra — provavelmente uma escrava foragida — fora descoberta na floresta, mas não se tinham conseguido apurar as causas da morte.

Marsh leu as páginas, virou-as e continuou a ler. Algum tempo depois fechou o caderno e abriu o outro. Era igual. Página após página, só havia notícias de corpos, mortes misteriosas, cadáveres descobertos aqui e acolá, tudo organizado por cidades. Marsh fechou os cadernos e voltou a colocá-los no lugar; depois esforçou-se por pensar. Os jornais tinham bastantes relatos de mortes e assassinatos que York não se dera ao trabalho de recortar. Porquê? Procurou em alguns jornais e leu as notícias até ter a certeza. Depois franziu o sobrolho. Parecia que Joshua não tinha qualquer interesse em tiroteios ou esfaqueamentos, em homens do rio afogados ou mortos em explosões de caldeiras ou queimaduras, assim como não se interessava por jogadores e ladrões enforcados segundo a lei. As histórias que ele colecionava eram diferentes. Eram mortes de que ninguém dava conta. Gente com os pescoços rasgados. Corpos mutilados e desfeitos, ou demasiado decompostos para que se pudessem apurar as causas de morte. Corpos sem marcas também, encontrados sem vida por razões que ninguém entendia, com feridas tão pequenas que quase não se reparava nelas, ou inteiros mas completamente exangues. Entre os dois cadernos deviam estar ali cerca de cinquenta ou sessenta histórias, nove meses de mortes, recolhidas por todo o baixo Mississípi.

Por breves momentos, Abner Marsh sentiu medo, com o coração pesado perante a possibilidade de Abner Marsh estar a manter um registo das suas vis acções. Mas um momento de ponderação provou-lhe que não era possível. Em alguns, talvez, mas havia datas de crimes que não batiam certo; Joshua estivera com ele em St. Louis, em New Albany ou a bordo do *Fevre Dream* quando aquelas pessoas se encontraram com a sua terrível sina. Ele não podia ser responsável.

Ainda assim, Marsh reconheceu, havia um padrão que correspondia às paragens ordenadas por York e para as suas incursões secretas a terra. Ele estava a visitar os locais das histórias, um por um. De que estaria York à procura? De quê... ou de quem? Seria um inimigo? Um inimigo que subia e descia o rio e que de alguma forma tivesse perpetrado todos aqueles crimes? Se assim fosse, Joshua estava do lado do bem. Mas porquê em silêncio, se o seu propósito era justo?

Tinha de ser mais de um inimigo, Marsh percebeu. Não podia haver uma única pessoa responsável por todos aqueles assassinatos registados nos cadernos e, afinal de contas, Joshua tinha falado em “inimigos”. Além de que regressara de Nova Madrid com sangue nas mãos, mas isso não tinha acabado com a sua busca.

Não conseguia encontrar sentido naquela história.

Marsh começou a vasculhar as gavetas e recantos de arrumação da secretária de York. Papel, materiais timbrados elegantes, com a imagem do *Fevre Dream* e o nome da Companhia, envelopes, tinta, meia dúzia de canetas, um mata-borrão, um mapa do sistema fluvial com pontos marcados, graxa para as botas, lacre: em suma, nada fora do vulgar. Numa outra gaveta encontrou cartas e virou-as esperançosamente. Mas não lhe disseram nada. Duas eram notas de crédito e as restantes eram correspondência comercial simples com vários agentes de Londres, Nova Iorque, St. Louis e outras cidades. Marsh encontrou uma carta de um banqueiro de St. Louis que chamava a atenção de York para a Companhia de Barcos a Vapor do Rio Fevre. “Julgo tratar-se de um parceiro adequado às suas necessidades, consoante as exprimiui”, escrevera o homem. “O seu dono é um homem de rio experiente com reputação de ser honesto, ao que parece terrivelmente feio, mas justo, e teve recentemente alguns revezes de fortuna que o tornarão certamente receptivo à sua proposta.” A carta continuava, mas não acrescentava nada àquilo que Marsh já sabia.

Depois de voltar a colocara as cartas como as tinha encontrado, Abner Marsh levantou-se e percorreu o camarote, à procura de mais qualquer coisa, alguma coisa que o iluminasse. Não encontrou nada; as roupas estavam nas gavetas, o vinho de sabor terrível de que York tanto gostava estava na garrafeira, os fatos estavam pendurados no roupeiro, os livros estavam por

toda a parte. Marsh verificou os títulos dos volumes que se aglomeravam ao lado da cama de York; um deles era um livro de poesia de Shelley, o outro, um tomo de medicina do qual não percebeu praticamente nem uma linha. A estante alta continha outros livros semelhantes, muita ficção e poesia, uma quantidade generosa de livros de história, livros de medicina, filosofia e ciências naturais, um volume poeirento e velho sobre alquimia e uma prateleira inteira de livros em línguas estrangeiras. Havia alguns exemplares sem título, encapados à mão com o mais fino couro e com as páginas de extremidades douradas; Marsh pegou num deles, na esperança de que fosse algum diário ou pudesse de alguma forma responder às suas perguntas. Mas o que quer que fosse, ele não o conseguiu ler; as palavras estavam escritas num código grotesco e esguio e a caligrafia não era evidentemente a de York, que era desenhada e airosa, mas sim uma caligrafia pontiaguda e minúscula.

Marsh percorreu o camarote uma última vez, para se certificar de que não tinha deixado escapar nada, até que decidiu finalmente sair dali, não muito mais sábio do que era quando tinha entrado. Inseriu a chave na fechadura, girou-a com todo o cuidado, apagou o candeeiro e voltou a fechar a porta atrás de si. Lá fora tinha arrefecido um pouco. Marsh percebeu naquele momento que estava encharcado em suor. Fez deslizar a chave para o bolso do colete e virou-se para ir embora.

Depois ficou imóvel.

A poucos metros de distância, a sinistra e velha mulher, Katherine, estava parada a olhar fixamente para ele, com uma malevolência gélida no olhar. Marsh decidiu comportar-se descaradamente. Tocou no chapéu e disse:

— Boa noite, minha senhora.

Katherine sorriu lentamente, um ritual arrepiante que transformava o seu rosto traiçoeiro numa máscara de terrível contentamento.

— Boa noite, Capitão — respondeu.

Marsh reparou que os seus dentes eram amarelos e muito compridos.